

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

Cristina de Campos Velho Birck

**DE ENCONTRO AO ESTRANGEIRO, AO ENCONTRO DO
ESTRANGEIRO:
UMA PERDA (DE) QUE (SE) FAZ QUESTÃO**

PORTO ALEGRE

2012

CRISTINA DE CAMPOS VELHO BIRCK

**DE ENCONTRO AO ESTRANGEIRO, AO ENCONTRO DO
ESTRANGEIRO:
UMA PERDA (DE) QUE (SE) FAZ QUESTÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Edson Luiz André de Sousa

PORTO ALEGRE

2012

Cristina de Campos Velho Birck

De encontro ao estrangeiro, ao encontro do estrangeiro:

Uma perda (de) que (se) faz questão

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Edson Luiz André de Sousa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Lucia Serrano Pereira – UFRGS

Dra. Nina Virginia de Araujo Leite – UNICAMP

Dra. Simone Moschen Rickes – UFRGS

Dr. Valdir do Nascimento Flores – UFRGS

AGRADECIMENTOS

A *todos* que me ouviram falar sobre a pesquisa e com quem pude dividir o entusiasmo e as agonias da escrita deste texto;

Aos meus *pais* e aos meus *irmãos*, porque existem: *Rosa, Remy, Marcelo, Alexandre e André*;

Ao *Edson* Sousa, meu orientador. Obrigada pela acolhida, pelas aulas de que tanto gosto, por ter feito diferença e me ajudado a ver não só o de sempre em meu texto;

Aos *colegas* do LAPPAP, aos *colegas* que ingressaram comigo no ano de 2010 neste programa de mestrado, que estiveram atentos às minhas exposições de pesquisa, obrigada pelas contribuições. Também pelas contribuições, agradeço aos *professores* com que tive aula, tanto no Instituto de Psicologia da UFRGS, quanto na APPOA, onde aprendo tanto;

Aos professores da banca: *Lucia Serrano Pereira, Nina Leite, Simone Rickes e Valdir Flores*. Muito obrigada pela leitura. Me permito um agradecimento especial aos professores *Valdir e Simone*, pelas conversas, contribuições e pela disponibilidade;

À professora *Marta D'Agord*, que acompanhou o início desta pesquisa;

Aos meus amigos *Fernanda Arioli e José Longo*, meus pares mais constantes no início da pesquisa... Sei que a parceria vai ultrapassar as nossas defesas;

Aos amigos que este percurso me trouxe: *Xande Rambo, Rita Canabarro, Lu Susin, Camis Backes, Jana Bechler*... À *Ana Paula Carvalho* da Costa, porque podíamos dizer “sim!” quando nos perguntavam “mas vocês já se conheciam, não?”. À *Beta Pires*, minha amiga de infância há pouco mais de dois anos. Ao *Adriano Bier* e à *Dea Fricke*, porque pude ser lida pelos autores de textos tão bonitos;

À *Shana Gomes*, minha *colocatrice*, pelo privilégio da amizade, da atenção, da confiança... Por ter me encarado na turbulência deste texto. Por transformar o que seria conveniência em convivência, em algo tão maior e mais bonito;

Ao *Guilherme Piccoli*, por estar nestas páginas. Pelos livros e as tantas músicas que valeriam uma epígrafe. Por me ensinar a ouvir o que pode não ser palavra.

*Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta
[Novos Baianos, Mistério do Planeta]*

RESUMO

Parto neste trabalho de uma experiência de aquisição dita tardia de uma língua estrangeira. Não se trata de estudar o movimento que vai do significado ao significante, mas de observar o que parte do nome em direção ao que ele pode designar, percurso correspondente à aquisição da língua estrangeira. Para realizar a pesquisa, recolho testemunhos – os quais têm um papel essencial nesta redação – de estrangeiros acerca de sua relação com a língua do país em que vivem, assim como recorro também a testemunhos literários e ao cinema documental. Trata-se não apenas do encontro com a língua do outro, mas com o estrangeiro. Sem dúvida há um ganho que o encontro propicia. O que constitui a questão de pesquisa é, no entanto, o embate com a falta, com uma espécie de limite que o estrangeiro apresenta. Tem-se a abertura e a riqueza, as palavras que se ganha, as fronteiras que recuam ou vacilam, mas há também um contraponto; a falta de munção, o limite do riso que não se compartilha, a aproximação do sentido a que não se chega, o impossível de uma missão. A reflexão que o encontro com o estrangeiro apresenta é trabalhada a partir de pares oferecidos pelas seguintes dicotomias; familiar e estranho, alienação e separação, arbitrariedade e motivação, verdade e ficção. Familiar, alienação, motivação, verdade; estranho, separação, arbitrariedade e ficção. As brechas e fendas que se instauram como possibilidades de uma nova narrativa, a tentativa de resgate do que se experimenta como perda diante de um outro em que não nos reconhecemos.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Cinema. Língua Estrangeira. Subjetivação.

RÉSUMÉ

Ce travail a comme point de départ l'observation de l'acquisition dite tardive d'une langue étrangère. Il ne s'agit pas d'étudier le mouvement qui avance du signifié vers le signifiant, mais d'observer celui qui part du nom vers ce qu'il peut désigner, parcours correspondant à l'acquisition de la langue étrangère. Pour réaliser la recherche nous réunissons des témoins – lesquels ont un rôle essentiel – d'étrangers concernant leur relation avec la langue du pays où ils vivent, tout comme des témoins littéraires et des passages saisis à partir du recours au cinéma documentaire. Il ne s'agit pas que de la rencontre avec la langue de l'autre, mais de celle avec l'étranger. Ce qui constitue la question de recherche est le manque, cette espèce de limite dont parlent les auteurs des témoins recueillis. Le fait d'être démuné pour parler, la limite du rire impossible à partager, l'envie d'aller au plus près du sens – ce que la langue maternelle serait censée permettre –, les mots qui manquent, l'impossible d'une mission. La réflexion que la rencontre avec l'étranger entraîne est travaillée à partir des dichotomies suivantes : familier et étranger, aliénation et séparation, arbitraire et motivé, vérité et fiction. Familier, aliénation, motivé, vérité ; étranger, séparation, arbitraire et fiction. La tentative de reprise de ce que l'on éprouve comme perte face à cet autre qui fait que l'identification ne soit pas donnée ; des intervalles qui s'installent comme possibilité d'une nouvelle narration.

Mots-clés: Psychanalyse. Littérature. Cinéma. Langue Étrangère. Subjectivation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 DE ENCONTRO AO ESTRANGEIRO	14
1.1 A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA	14
1.2 ALGUM APORTE CONCEITUAL	21
2 AO ENCONTRO DO ESTRANGEIRO	28
2.1 O [DES]ENCONTRO	28
2.2 CINEMA DOCUMENTAL: “ <i>Comme s’il y en avait pas eu</i> ”	37
2.3 LITERATURA: “Espere, está na ponta da língua”	42
2.4 LITERATURA: “É uma boa palavra, zil, muito melhor que campainha”	48
3 UMA PERDA DE QUE SE FAZ QUESTÃO	59
3.1 L’AMORT	59
3.2 MOVIMENTO SAUSSURIANO DE MOEBIUS	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85
OBRAS CONSULTADAS	88

INTRODUÇÃO

O título da pesquisa dá conta do movimento que lhe empresta contorno. O movimento, que neste trabalho é moebiano, pode ser o de um gesto: o da mão espalmada que nos mostra seu dorso, que se fecha, pois quer a captura de um objeto, à mão que se estende, nos oferecendo sua palma em branco, pois se entrega à condução de uma deriva.

Com esta escrita, trato da experiência de aquisição tardia de uma língua estrangeira, de sua adoção em imersão, do que se pode experimentar com essa língua como uma espécie de ponto intransponível, de ditos impossíveis. O encontro com o estrangeiro pode desencadear o desejo de retorno ao conforto familiar. Vai-se ao encontro do estrangeiro e ao encontro das impossibilidades nesse alhures, mas isso que aí está barrado não estaria impedido no espaço da língua materna, ao menos é essa a impressão de quem se lança em um território que não lhe é familiar. Dessa forma, o limite imposto pelas impossibilidades é sentido como a perda daquilo que o materno, supostamente, pode reconstituir.

De encontro a, ao encontro de. Com a simples troca da posição das preposições, o sentido é outro. É disso que trato com este trabalho, de uma nova posição que podemos ocupar, a de estrangeiro, pois é ao encontro do estrangeiro de si mesmo que vai o sujeito desejoso de compreensão de si. Para tanto é preciso que haja uma perda, a da posição de centração. É preciso que haja uma perda e que dela façamos questão. Tanto se faz questão de algo no sentido de que se luta por algo, quanto se faz de algo uma questão, o que comumente o jargão psicanalítico nos diz. A expressão ‘fazer questão de’ é difundida amplamente em língua portuguesa. A consulta às locuções que um dicionário compila através da entrada ‘questão’ nos dá este sentido, o de exigir e lutar por algo¹. Se quisermos uma outra acepção, é preciso recorrer a outro espaço. *Faire question : poser un problème, être incertain*². Fazer questão de alguma coisa é não abrir mão disso. *Faire question* é estar às voltas com um problema, é abrir a mão, estendê-la à condução de uma incerteza. Para que possamos, em língua portuguesa, fazer de algo uma questão, precisamos incorporar um estrangeirismo.

No capítulo 1, passo pela construção da experiência que me leva à pesquisa. A adoção de uma língua estrangeira em um contexto de imersão não se traduz em novos nomes para o que sempre se disse, mas no efeito dos novos nomes, em uma revisão não prevista de um

¹ HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

² ROBERT, Paul. **Le Petit Robert** : dictionnaire de la langue française. Paris : Le Robert, 2011.

discurso que com alguma comodidade se pode sustentar. Estar imerso em novo idioma não é nada banal. Quando se adota uma segunda língua, quando nela se está imerso, há a expectativa, a espera do dia em que se vai estar tão à vontade quanto em língua mãe. Mas talvez esse dia não chegue, e estando diante desse momento que não há, o que se faz? Tanto ‘o que se faz?’, quanto ‘por que não há?’. Tem-se a nostalgia do conforto de quando se podia dizer. E agora, estando o sujeito diante de um limite que antes não experimentava, acha que nos tempos idos podia ainda mais do que de fato podia. O pretérito imperfeito desses últimos verbos trata de um passado cuja imperfeição o sujeito desconsidera. Mas desse lamento trato na segunda parte da pesquisa. Na primeira, trabalho a construção de sua problemática. Creio ser essencial expor as hipóteses descartadas e as que foram mantidas, pois todas, mesmo as excluídas, compõem o estofamento sobre o qual pude trabalhar. A respeito de *o que* não se pode dizer em língua estrangeira, primeira pergunta de pesquisa em que pensei, um imperativo a acompanhava, como se houvesse a eleição de ditos específicos que estariam interditados na nova língua. O *o que* se transforma em *quando*. A respeito do *quando*, ele compõe a pesquisa, mas essencialmente levando à questão-chave deste trabalho: o *quando* aponta para o momento em que a língua estrangeira está inacessível, o que remete à censura supostamente inoperante em língua materna. A questão eleita, então, é: como a aquisição de uma língua estrangeira pode lançar luz sobre a relação do sujeito com sua língua materna?

Ainda no mesmo capítulo, exponho relatos de voluntários que não residem em seus países de nascimento e que dão testemunhos sobre sua relação com a língua de adoção. Quando falo em língua de adoção, falo de língua estrangeira, ainda que também sejamos adotados por nossas línguas maternas. Sobre os relatos, explico como essas falas foram obtidas, exponho algumas delas, com as quais trabalho essencialmente na terceira parte, ainda que pontuem a redação de todo texto. O movimento proposto pela pesquisa é trabalhado a partir de algumas dicotomias. À ocasião dos primeiros contatos com uma segunda língua, lidamos com a impressão de sons opacos, significantes que – aos ouvidos pouco experimentados de quem não a domina –, mantêm uma relação nada estreita com aquilo a que podem remeter. Querendo problematizar essa impressão, o par arbitrário/motivado, proposto pela linguística, é um dos que conduzem o movimento de avanço e regresso que o texto ganha. Outros operadores conceituais, desta vez propostos pela psicanálise, são também trabalhados. Temos, assim, junto ao par saussuriano, as seguintes duplas: estranho/familiar, alienação/separação e verdade/ficção, o que introduz o trabalho feito no segundo capítulo.

Num segundo momento do trabalho, há a presença de alguns testemunhos recolhidos junto aos voluntários estrangeiros, mas essencialmente passagens de textos literários e o recurso ao cinema documental. Todos os recortes que compõem este capítulo são tomados como aportes testemunhais. A perda, ou a ausência, está presente, sendo ela o tema das falas tanto dos voluntários, quanto dos personagens das obras com que trabalho. Seja qual for o suporte – fictício ou não –, o limite experimentado como perda é aquilo com que estão envolvidos os autores dos testemunhos. O limite pode ser o imposto pela adoção de uma segunda língua, a desenvoltura e a competência a que não se chega. Pode ser o imposto por origens estrangeiras e desconhecidas, que causam obstáculo a uma identificação com o entorno no qual se está inserido. Há também a perda da memória e o exílio em que o sujeito desmemoriado se vê subitamente, como se a extensão entre sua história e seu entorno estivesse cortada.

A pertinência da inclusão das obras literárias e do cinema documental como produção testemunhal se justifica em função de um contraste, sempre esclarecedor, que essas produções oferecem aos relatos sobre a língua, há uma série de articulações possíveis em função da contribuição do cinema e da literatura.

No capítulo 3, retomo o trabalho com os relatos sobre a língua. Os testemunhos apresentados no capítulo 2 não são postos de lado, o que há é uma espécie de inversão. Se no segundo capítulo os relatos sobre a língua pontuavam um trabalho cujo foco estava posto sobre o cinema e a literatura, no capítulo 3, as obras literárias e a cinematográfica são o que acompanha a potência que a língua propõe.

Uma das questões presentes no terceiro capítulo concerne à alienação a uma segunda língua. O que almejar quanto a se alienar a um idioma estrangeiro? Talvez haja um espaço de que não consigamos nos desfazer. O espaço que devemos percorrer para que se chegue aos nomes da nova língua, aquele que o significante deve vencer para que nos alcance. Para que pudéssemos nos alienar sem o desconforto desse espaço que nos separa dos nomes estrangeiros talvez fosse preciso um infinitivo. Louis Marin, a respeito do conceito de utopia, fala sobre as práticas significantes, sobre a abertura a novos discursos. Não se traz forçosamente um novo discurso, mas sua possibilidade. Em seu texto “Utopiques : jeux d’espace”, temos a seguinte passagem:

En parlant de l’île parfaite, des états de la lune ou de la terre australe, l’utopie parle moins d’elle-même, du discours qu’elle tient sur l’île, la lune, le continent perdu, que de la possibilité même de tenir un tel discours, du statut et du contenu de

*la position d'énonciation, des règles formelles et matérielles lui permettant de produire tel ou tel énoncé*³.

Marin fala a respeito de um discurso que está no grau zero, do neutro como a possibilidade em espera. Fala sobre a neutralidade de todo verbo no infinitivo, à espera de um sujeito e de um objeto. Assim, quando subjetivamente já nos conjugamos em uma posição intermediária, entre a alienação e a separação, o que se pode esperar quanto à alienação a uma segunda língua? Sim, talvez ela seja possível, mas a possibilidade de se recuperar essa potência inicial, infinitiva, de linguagem faz questão. A aquisição tardia concerne a um sujeito⁴ em que já foram impressas conjugações, suas imperfeições, seus traços e marcas.

Gostaria de discorrer um pouco acerca do testemunho. Para isso, recorro à cineasta Sophie Bredier e ao filme que realiza, com o qual trabalho neste escrito. O procedimento adotado na realização de “*Nos traces silencieuses*” e o que adoto em minha pesquisa são semelhantes. À ocasião da primeira abordagem que faço do documentário – como exposição para uma das disciplinas cursadas ao longo dos dois anos de mestrado⁵ –, acreditava que o trabalho não integraria minha dissertação. Com o avanço da pesquisa, no entanto, não somente o tema de que trata Sophie se mostra pertinente à minha realização, mas essencialmente a forma como faz seu filme, também a partir de testemunhos, seus e de voluntários com quem pôde contar.

Em entrevista sobre seu documentário do ano de 2010, “*Elie et Nous*”, Sophie diz “[...] *je partais de moi pour aller vers les autres*”⁶. Em minha pesquisa, com o recurso aos relatos alheios, talvez buscasse nos outros minha própria experiência em língua estrangeira; seja qual for a direção que desencadeia a compilação dos relatos, a consequência dessa busca se traduz em falas. Para dar corpo a este texto, parto de uma experiência própria de estranhamento causado pela adoção de um novo idioma e, em seguida, recorro a quem acredito poder testemunhar algo não muito distante de minha experiência, voluntários concernidos pelo tema,

³ Tradução: “Falando sobre a ilha perfeita, sobre as fases da lua ou a terra austral, a utopia fala menos de si mesma, do discurso que ela sustenta sobre a ilha, a lua, o continente perdido, do que da própria possibilidade de sustentar um tal discurso, do estatuto e do conteúdo da posição de enunciação, das regras formais e materiais que lhe permitem produzir tal ou tal enunciado”. In: MARIN, Louis. **Utopiques** : jeux d’espaces. Paris : Minuit, 1973, p. 24 .

⁴ No entendimento de Ana Costa: “Na teoria lacanianiana, “sujeito” tem uma acepção polissêmica. Significa tanto o *eu*, quanto assujeitamento. Nesse sentido tem a grande vantagem de, numa só palavra, representar sujeito e objeto do significante. [...] Numa só palavra sujeito e objeto se encontram e representam aquilo que sua divisão – pela ciência – recusa”. In: COSTA, Ana. **A ficção do si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 1998^a.

⁵ ‘Os inomináveis: utopia, arte e Psicanálise’, disciplina ministrada pelo professor Edson Sousa no segundo semestre de 2011. O trabalho foi exposto com o título ‘Corpo e memória: imagens do indisponível’.

⁶ Tradução: “Eu partia de mim para ir rumo aos outros”.

os quais destacam desdobramentos valiosos. O testemunho tem, desde a concepção inicial da pesquisa, um papel central em sua realização. A consciência desse papel, de que são as produções narrativas sobre a experiência o próprio suporte da pesquisa, vem no entanto a posteriori. A clareza sobre o modo como eu fazia avançar meu trabalho se dá no momento em que identifico em um projeto alheio o que eu mesma tentava construir.

Definir o testemunho não é simples. Ao trabalhar com algumas propostas de Benjamin, temos com Gagnebin a ideia de que o fato, e com ele sua ‘veracidade’, se constitui como tal através de uma fala⁷. O testemunho seria, em meio a muitas outras possíveis precisões, essa fala, o relato que faz do que se conta, um fato. Acrescento ainda algumas observações sobre os suportes testemunhais de que disponho. Tenho acesso eventualmente – com o filme documental e a literatura – não exatamente ao que pode ser dito acerca de um tema, de algo que se viveu, mas a uma experimentação. Creio ser relevante a distinção entre o que se pode dizer a respeito de uma experiência e o que se pode – no momento da captura de uma imagem, por exemplo – estar experimentando. Nesse último caso, os protagonistas da imagem cinematográfica exibida, mais do que prestar testemunho, são testemunhas de um momento presente, sobre o qual, mais tarde, vão poder testemunhar.

É chegada a hora de passar ao texto, à construção da experiência, a qual talvez – assim como o fato que se o torna porque foi falado [ou falato!] – se configure como tal por ganhar alguma circunscrição, neste caso, a de uma escrita. Escrita que não apenas dá [ou empresta] contorno à experiência, mas posiciona aquele que dela se ocupa. Me vejo, assim, às voltas com uma posição autoral, embora não exatamente me sinta às voltas com essas posição. Em “O Inconsciente entre o escrito e o escritor”, Edson Sousa nos fala sobre a “hipótese de que todo ato de escritura verdadeiro, ou seja, um escrito que produz um sujeito, implica numa certa condição de exílio daquele que enfrenta o desafio de escrever. A tensão que se cria é justamente por haver uma diferença importante entre aquele que se põe a escrever e o sujeito que esse escrito produz”⁸. Partes deste texto introdutório foram escritas há alguns meses, outras são mais recentes, pois apenas podendo ter em vista o encerramento, posso saber o que devo introduzir. Sousa nos fala sobre aquele que aceita o desafio da escrita e o sujeito que esse ato criativo produz. Posso, ao fim de sua redação, assinar este texto, mas penso que a condução que vai lhe dando corpo nem sempre é a minha, há uma alternância de gerências.

⁷ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória, história, testemunho. In: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

⁸ SOUSA, Edson Luiz André de. O inconsciente entre o escrito e o escritor. **Revista da APPOA - Psicanálise e Literatura**, n. 15, nov. 1998.

Ao fim, posso ser sua autora, mas não porque assim o quis. Ser sua autora é também, e talvez essencialmente, ser o efeito de sua redação.

Talvez um dos grandes desafios deste texto seja a composição de sua unidade. Os acréscimos feitos nunca são apenas extensões que o texto vai ganhando, mas trechos que vão remodelando o que já havia sido dito. Toda inclusão produz, assim, também o efeito de uma retomada, o que por vezes torna transtornante a confecção dessa unidade. O texto que pôde ser construído é efeito dessa tentativa. Foi inevitável o desejo de que a cada tanto, houvesse um novo começo. É nem sempre derrubando as passagens que me causam algum desconforto e investindo nas tantas outras de que gosto, que este trabalho ganha existência.

1 DE ENCONTRO AO ESTRANGEIRO

Para algum imigrante, o sotaque pode ser uma desforra, um modo de maltratar a língua que o constrange. Da língua que não estima, ele mastigará as palavras bastantes ao seu ofício e ao dia a dia, sempre as mesmas palavras, nem uma a mais. E mesmo essas, haverá de esquecer no fim da vida, para voltar ao vocabulário da infância. Assim como se esquece o nome de pessoas próximas, quando a memória começa a perder água, como uma piscina se esvazia aos poucos, como se esquece o dia de ontem e se retêm as lembranças mais profundas. Mas para quem adotou uma nova língua, como a uma mãe que se selecionasse, para quem procurou e amou todas as suas palavras, a persistência de um sotaque era um castigo injusto. Estava eu às vezes na cama com Kriska, louvando suas sobranceiras grossas ou seu ventre nu, e de repente, era como se lhe tivesse feito cócegas: pára, Kósta, por Deus, pára, e se contorcia de rir. Onde foi que eu errei, em qual consoante? [...] Eu repetia: középiskola, que é como se chama o curso secundário. E Pisti: não entendi. E eu: középiskola. Ele: de novo. Eu: középiskola, não é assim que se diz? Não, idiota, é középiskola, e o pior é que eu não percebia a diferença⁹.

1.1 A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No momento em que vivenciamos uma segunda língua sem trégua, em que a materna não é praticada senão em raríssimas ocasiões, um novo olhar em relação ao que sempre foi estrangeiro ganha lugar. Começamos de certo modo a nos deixar falar por essa outra língua, ainda que possamos pensar que esse “ser falado por”¹⁰ tenha seus limites e que nunca seremos tão falados pelo que é estrangeiro – ainda que esse estrangeiro o seja cada vez menos com o passar do tempo – quanto pelo que não é.

O assunto acima começa a atrair minha atenção nos anos em que residi no exterior, de 2003 a 2005, período em que cursei na França o então chamado DEA – *Diplôme d'études approfondies* – em Ciências da Linguagem, curso que após uma reforma universitária é atualmente chamado de Master 2. Nessa época, comecei a ficar atenta a momentos em que, após dizer certas frases em francês – geralmente usando formulações que me pareciam distantes das do português –, pensava na seguinte pergunta: “como eu teria dito isso em português?” A resposta mais frequente consistia em algo como: “em português, eu não o teria dito”. Contardo Calligaris faz uma observação no livro *Imigrantes: incidências subjetivas das*

⁹ BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003, p. 128.

¹⁰ Referência ao livro: MELMAN, Charles. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e de país**. São Paulo: Escuta, 1992.

mudanças de língua e de país, de Charles Melman, falando de escritores que escrevem em mais de um idioma e que “[...] sensivelmente não escrevem o mesmo livro quando escrevem em línguas diferentes. Verificamos isto, aliás, quando temos a tarefa de traduzir a nós mesmos. Vemos que é alguma coisa impossível, escreve-se outra coisa. Não conseguimos nos traduzir”¹¹.

A pergunta precitada, que me instigava inicialmente pelas construções inéditas em língua estrangeira, levantava também um outro questionamento, o qual remetia a novas possibilidades discursivas. Não mais são ditas as mesmas coisas sob uma outra forma, mas também o que se diz sofre um abalo. Ao lado disso, ficava também tomada por momentos em que a expressão no novo idioma parecia estar indisponível, o que não se devia a um conhecimento incipiente da língua; eram momentos de uma expressão pela fala que me seria possível apenas em minha primeira língua, como se o suporte da língua estrangeira não me sustentasse.

Em seu livro “O desafio das línguas” o psicólogo e professor de línguas belga Claude Piron nos oferece alguns exemplos de situações em que a língua estrangeira deixa em situações de, no mínimo, fragilidade os que dela se servem. O que o autor faz através dessa obra, na verdade, é uma militância pelo esperanto, língua que segundo Piron teria uma estrutura facilitada e seria, assim, mais bem assimilada. O autor se concentra nas dificuldades relativas às aquisições idiomáticas tardias, que seriam mais custosas e superficiais, mas não em esperanto. Sem me debruçar sobre essa questão, trago algumas passagens que tratam dessas dificuldades sustentadas pela língua estrangeira como bons exemplos do que trato aqui. Uma de suas citações é a que transcrevo a seguir. Falando de si mesmo, o autor diz:

Como vocês querem que eu me zangue em alemão, uma vez que em lugar de deixar minhas frases fluírem, eu devo pensar em jogar o verbo para o fim da frase, descobrir se a palavra que me parece adequada deve ser precedida de *der*, *die* ou *das*, e buscar a terminação certa do adjetivo...? Meus afetos encontraram a cada instante tantos sentidos obrigatórios e tantos sentidos proibidos que eles se esgotam sem achar o caminho. Resultado concreto: minha cólera cai no vazio¹².

À ocasião da leitura desse trecho, tive a impressão de reconhecer no dito de Piron situações pelas quais eu mesma havia passado, situações de um afeto que caía no vazio, como se a decodificação idiomática absorvesse o que eu pudesse estar sentindo. Logo após esse

11 MELMAN, Charles. *Imigrantes*, p. 70.

12 PIRON, Claude. *O desafio das línguas*: da má gestão ao bom senso. Campinas: Pontes; Brasília: BEL, 2002, p. 222.

exemplo, diz o autor que “a dificuldade linguística dissolve emoções”,¹³ o que usei em uma das perguntas que compus para um questionário do qual falo a seguir.

Nasce a partir dessa experiência de estrangeirismo o que posteriormente se concretiza como uma questão de pesquisa acadêmica. De volta ao Brasil e com o ingresso no mestrado, pude retomar as impressões que estiveram comigo nos anos em que estive fora do país. Entre a volta à cidade de Porto Alegre e o ingresso no mestrado, a questão que formulo como recorte de pesquisa já não traduz, claro, com precisão as impressões pelas quais eu passava, assim como o rumo que toma a pesquisa e sua conclusão se distanciam do que inicialmente faz com que ela exista. Desse modo, o texto começa a ser escrito tanto a partir dessas impressões, quanto do que acredito, hoje, serem as impressões de alguns anos atrás. Mas não só do que suponho ser o que experimentei. Há alguns registros com os quais conto, registros escritos iniciados nos anos em que residia na França. A essa ocasião, sentindo que pertencia a um contexto no qual era, acima e antes de tudo, estrangeira, e tomada pelo desconforto de um entorno tão pouco familiar – assim como fascinada pelas impressões que esse desconforto revolia –, registrava algumas impressões sobre o lugar em que estava, as novas relações que tecia [falava de como eram custosas, do ajuste que pareciam exigir se comparadas às que havia conquistado antes da viagem], sobre a universidade, os colegas e professores, o idioma de adoção, a cidade, sobre como minha rotina era outra estando nesse novo lugar. Creio que com essa espécie de diário eu buscava o que pudesse se aproximar de uma resposta que aplacasse o desconforto contra o qual me debatia, busca que fui revendo ao longo do tempo; hoje devo saber que não chego a respostas com os escritos, mas que esse exercício subjetivo se traduz em um movimento vital. Talvez a escrita se desse no sentido de uma tentativa de apreensão desse fora, pelo desconforto de não conseguir com alguma facilidade me identificar com o novo entorno.

Partindo dessas impressões e com a ideia de dar fôlego à pesquisa, recolhi alguns testemunhos que me servem de base; são relatos de estrangeiros que residem no Brasil há vários anos acerca de sua relação com o português. Uma única voluntária, Olívia, não é estrangeira, no entanto, quando lhe perguntei se era nascida no Brasil, logo após o “sim”, disse: “mas sempre me senti à parte aqui”. Para que pudesse compilar esses relatos, pensei inicialmente em algumas perguntas, o que na verdade não deixava de ser tendencioso. A forma digressiva como a maior parte dos voluntários se dirigia a essas perguntas, passado o

¹³Idem, *ibidem*.

desconforto inicial dessa constatação, fez com que eu pensasse sobre em busca de que informação eu estava. Assim, as então perguntas ganharam outra forma. Com o auxílio de apontamentos feitos à ocasião de exposições de minha pesquisa em algumas disciplinas cursadas, pude também ver que a digressão que antes mencionei era essencialmente inevitável. Aos novos voluntários, apenas passei a solicitar que falassem sobre sua relação com a língua do país em que vivem.

Creio que o objetivo inicial dessa compilação de relatos era o de tentar identificar neles os mesmos impossíveis que me concerniam; a cólera (de que também fala Piron) que não ganha vazão, uma espontaneidade que se torna vacilante ao se recorrer a outro idioma... Tenho a lembrança de, em alguns momentos, por não dispor das palavras 'certas', não saber como me posicionar em alguma situação. Essas situações não eram de falas anódinas, um pedido de informação, por exemplo. Penso em muitas situações que fizeram com que, por não saber como dizer, eu não soubesse o que sentia. Os primeiros relatos recolhidos apontavam, claro, não apenas para impossíveis como os de minha própria experiência, mas também para outras formas, tão interessantes, de se testemunhar a experiência do subjetivo em outra língua. Assim, tanto em função da parcialidade das perguntas, quanto das possibilidades que os relatos foram oferecendo, o modo de ter acesso às experiências passou a ser outro, não quis mais restringir o que deveria ganhar espaço. Com esses voluntários, tenho acesso a testemunhos redigidos após uma conversa em que eu lhes pedia apenas que falassem sobre a relação que tinham com a língua do país em que estavam. Tal pedido vinha acompanhado de uma justificativa, momento em que eu apresentava meu tema de pesquisa. Ainda ao longo da conversa, eles traziam alguns recortes da relação sobre a qual eu pedia que falassem. O passo seguinte era solicitar que escrevessem a respeito do que haviam dito e do que mais lhes pudesse ocorrer.

A respeito do suporte escrito, creio que o cogitei por ser uma forma simples de acesso aos testemunhos. Às voltas com a redação deste texto, percebo a vantagem em dispor de um suporte que os contenha, de um registro que pode ser retomado e sobre o qual posso me debruçar, o que, na verdade, faz com que esses relatos assumam um contorno semelhante ao dos extratos literários e ao do cinema. Registros com os quais se conta. É claro o movimento em que essa produção punha seus autores, ou seja, o de uma experiência posta em forma de narrativa, o que a transforma. Alguns dos voluntários, após o envio de seus escritos, encaminhavam um trecho complementar, algo em que tinham podido pensar em função desse movimento inicial. Assim, os efeitos dessa escrita têm sua inegável potência, algo de que na

verdade talvez eu suspeitasse à ocasião em que solicitei os relatos, pois quando me punha eu mesma a escrever sobre o que experimentava nos anos em que estive fora do país, experimentava também os desdobramentos que essa tentativa de apreensão oferecia. Essas notas que tomava são o registro não apenas de impressões pelas quais eu podia passar, mas a posteriori, acabam sendo também o registro de um percurso, o qual foi possível em função dessa tentativa inicial de captura. Ao final de cada trecho acrescentado a esse arquivo, a experiência já não era a mesma. A experiência que levava ao desejo de escrita permitia alguns passos, mas não menos importantes do que esses avanços eram as palavras postas no vivido e que permitiam a insistência no movimento.

Exponho aqui alguns extratos de relatos. Em um segundo momento – nos capítulos 2 e 3 –, recortes que analiso de modo mais pontual vão compor o texto. Os três primeiros recortes que exponho a seguir são pessoais, o último, de alguém a quem recorri:

Tenho tido sonhos constantes em que eu falo em francês. No dessa noite já não havia a confusão que eu fiz no sonho em que estava no divã e não havia muito controle em relação à escolha da língua. O trânsito, a passagem de uma língua a outra se dava sem percalços, com tranquilidade. Mas eu acho que falava muito mais em francês do que em português. Talvez eu precise encontrar o meu ritmo *à moi, et si ça se trouve* ele é bem diferente do meu ritmo em português.

Em francês as emoções não vêm, há uma espécie de bloqueio, as coisas são menos claras pra mim, em português o meu pensamento desliza, ele acontece com mais facilidade. Não só isso, mas ele é outro, que eu estou descobrindo agora.

Hoje saí com o Nazim e a Ferial, *on est partis prendre un café en face de l'Olympia. Je sais pas, c'était très très bien et en même temps ça m'a fait bizarre. Je pense en fait que je suis arrivée au bord de la frontière d'une nouvelle mentalité, je sais pas si française ou francophone, mais qui bien évidemment est franchie en français, ça passe par la langue, et encore une fois c'est un peu vertigineux, c'est comme si je me lançais dans un domaine que je connais pas une fois que j'y suis toute seule, je n'ai pas de famille, je n'ai pas de passé, je n'ai pas énormément de référence, je sais pas très bien comment agir, parce que c'est difficile de m'y reconnaître, je me suis jamais vue dans cette nouvelle situation. Au moment où on se rend compte de certaines choses on se sent absolument déboussolé, voilà le sentiment de vertige dont j'ai parlé plus haut. Il faut que je me connaisse, il faut que je sache quel est le rythme de mon discours, quel est mon discours, que je reconnaisse le temps de mon discours, mon propre temps*¹⁴.

Minha relação com o português não é homogênea ou uniforme. Ela é até bastante ambivalente. Tenho orgulho de ter conseguido um bom nível de português, e gosto

¹⁴ Ao começar a traduzir essa passagem, me deparo com dois desconfortos, o primeiro concernindo a algo exposto no início do texto: traduzir a nós mesmos não é uma tarefa simples. Tenho a certeza de que esse registro não foi tomado em francês ao acaso. Não levei em conta apenas o que disse, sei que a escolha da língua me ajudou a dizê-lo. Posso trazer esta passagem ao texto, desde que o acesso a esse trecho imponha o esforço de desvendá-lo e, com isso, que um pouco de seu sentido fique pelo caminho.

de ser elogiado pelos brasileiros nesse sentido. Consigo falar e escrever bem, e posso até corrigir erros de meus alunos na sua língua materna. Consigo identificar os sotaques regionais, preferir uns aos outros: por ter passado em diversos estados do Brasil, cheguei a criar um português meu, que não é de lugar nenhum. Daí um problema: de onde falo? Lamentarei sempre que a língua portuguesa nunca deixou de acompanhar meu destino de exilado, e que sempre haverá resistência em mim, por mais que essa resistência me incomode: parece insuperável. Os brasileiros gostam de meu sotaque diferente, mas eu não: só posso me conformar com esse fato. Só posso constatar – com certo sentimento de decepção – que quando encontro um locutor francófono, logo vem uma sensação de família, alguma afinidade que não tenho quando falo a língua portuguesa. É um pouco desesperador, mas aprendi a conviver com isso. Eu não seria suficientemente falado pela língua portuguesa? Ela não conseguiria me dizer por inteiro tanto quanto o francês me diz? Confesso – e me sinto envergonhado por isso – que falar português para mim sempre acarretará um esforço: para falar corretamente, para ser entendido, para não provocar equívoco. Ao longo do tempo, isso cria uma coisa desagradável dentro de mim, diferente do que eu sentia logo no início da minha chegada no Brasil, quando eu me sentia empolgado, apressado de renascer diferente, na língua do outro, de largar minhas origens europeias. Pouco a pouco, encarei a realidade do imigrante, perdi a ingenuidade do viajante que descobre o Brasil, como o fez Blaise Cendrars – que só ficou aqui durante alguns meses, entusiasta e deslumbrado diante do grande país. Hoje vivo o dia a dia dos brasileiros e minha condição de estrangeiro – *qui me colle à la peau* – me incomoda muitas vezes. Eu sei que nunca serei brasileiro de verdade, e que também não sou mais belga por inteiro: parece que sou condenado a andar entre duas margens. Emocionalmente, falo condenado. Raciocinando, sei que essa situação intermediária é uma grande vantagem: profissional e cultural, uma riqueza que tenho e que o comum não tem. Sou excelente tradutor/intérprete, posso navegar nas literaturas de dois mundos, vibrar diante de poemas escritos em duas línguas. Agora, nunca saberei se minha vibração diante do português é a mesma da dos brasileiros: acredito que não, é uma vibração minha. Eu queria ter acesso a textos como os sermões do Padre Antônio Vieira ou *As Lusíadas* com mais facilidade. Li obras como *Viva o povo brasileiro* e adorei. Mas a literatura é de acesso mais difícil, por mais que eu tenha um bom nível de português. Parece que ela sempre será um campo reservado aos nativos. Problema para mim, que sou professor de literatura francesa: existe algo impossível nessa minha missão. Mas uma grande riqueza existe, sim, só que ela tem um preço alto, acho¹⁵.

Da ideia inicial de trabalho ao formato atual deste texto, houve seguramente ajustes quanto à formulação da questão de pesquisa, várias passagens com as quais concordei durante algum tempo foram descartadas, outras ganharam forma. Assim como são novas as direções que ganha o trabalho, seu início também é novo à medida que o texto avança. Revisitar alguns escritos próprios acerca de meu tema de pesquisa (textos para disciplinas cursadas, anotações de ideias de trabalho e essa espécie de diário pessoal) me pôs diante de algumas possibilidades de início. Ainda que de forma bastante ampla abordem o mesmo tema, os desconfortos pelos quais eu entrava nessa temática, a cada registro, são tão singulares. O desejo desta produção parte de uma experiência visceral, ainda que sua redação nem sempre

¹⁵ Claude.

mantenha essa condição, o que me parece essencial, aliás, conceber a própria escrita como um lugar de alteridade. Parto nesta pesquisa da impressão de um estranhamento suscitada pelo uso de uma língua estrangeira, da impressão de que nem tudo se pode dizer nesse novo lugar. Seja como for, nem tudo pode ser dito, no entanto, nesse novo lugar, o limite que pode estar esquecido em língua materna parece vir reivindicar seu espaço.

Este texto é erguido a partir de avanços e de retomadas, movimento que dá tanto forma, quanto conteúdo ao trabalho, já que seu tema trata de um avanço em direção ao outro que provoca uma volta ao si mesmo. O modo como o conceito de arbitrariedade é aqui trabalhado parece ser um exemplo disso: afirmo no início do segundo capítulo – o que retomo com minúcia no capítulo 3 – que à ocasião dos primeiros contatos com uma língua estrangeira, mais do que nunca os signos são experimentados como arbitrários. Essa impressão de uma arbitrariedade evidente é possível em função da impressão oposta que a língua materna oferece, língua na qual o vão que distancia significante e significado já não é experimentado pelo falante. A noção de arbitrariedade não é questionada, o que está em questão é justamente uma impressão de maior ou menor proximidade que se pode ter em relação à língua, o estrangeiro nos oferecendo, assim, uma alteridade à ‘normalidade’ da língua materna. A própria acepção de significado pareceu-me mais clara através do recurso à língua estrangeira: por vezes, conceber palavras como, por exemplo, “*professeur*” e “*professor*” a partir de significados distintos dava-me a impressão de algo um tanto artificial. No entanto, recorrer a formulações bastante simples, tais como “*je suis professeur*” e “eu sou professor”, enunciados cujas formulações são tão semelhantes – e que, no entanto, podem remeter a significações distintas –, fez com que a diferença entre referente e significado ficasse bem mais evidente. Em seu livro “*Problemas de linguística geral I*”, Benveniste nos diz algo que reforça a ideia de uma ida ao que não nos é familiar como o que engendra uma volta a nós mesmos; diz o autor que “[...] a consciência de si só é possível se experimentada por contraste”¹⁶.

Do registro de momentos em que o uso do novo idioma parecia causar uma espécie de impossibilidade, como se o suporte da língua estrangeira em alguns momentos fosse essencialmente um vacilo, surgem as primeiras questões de pesquisa: como conceber esses momentos de ditos inacessíveis em língua estrangeira? O que não se pode e quando não se pode dizer nessa nova língua? Até que ponto se é possível pensar em uma subjetivação que

16 BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995, p. 286.

teria o suporte da língua estrangeira? Retomo a pergunta que expus na introdução e que é neste momento o norte do trabalho: como a aquisição de uma língua estrangeira joga luz sobre a relação do sujeito com sua língua materna?

Busco analisar situações em que haveria uma espécie de descontinuidade discursiva, que apontaria não para ditos imperativamente impossíveis em um novo idioma, mas para um quando que interrompe a continuidade de um discurso. Até quando uma nova língua mantém a condição de estrangeira? A pergunta anteriormente citada “Até que ponto se pode pensar uma subjetivação em língua estrangeira?” pode também ser formulada da seguinte maneira: “até que ponto nos dispomos a ressignificar um primeiro recorte de realidade?”, recorte contornado pela língua que constitui o sujeito e sobre o qual ele repousa, à imagem dos jogos infantis em que há uma espécie de tabuleiro recortado por formas geométricas nas quais as crianças encaixam peças. Com a possibilidade de ressignificação, seria como se os sujeitos fossem essas peças e a realidade o tabuleiro, salvo que as peças não seriam rijas como as do jogo, mas pudessem de alguma forma ser ajustadas, de modo a uma peça cilíndrica ser encaixada no recorte de um losango, o que deixaria vazios – os espaços do tabuleiro não ocupados – e sobras, ou seja, as rebarbas das peças nesse encaixe não previsto, mas conquistado. Quanto às perguntas precitadas, nem todas vão merecer uma resposta pontual, algumas são feitas apenas para tentar dar uma forma um pouco menos amorfa ao trabalho.

A questão da imersão linguística está posta neste estudo por ser uma condição em que a relação do sujeito com a língua do país em que vive é bastante diferente daquela em que o uso do idioma não se dá de tal forma, e creio poder afirmar que essa relação com a língua evolui à medida que passa a ser uma relação do sujeito com seu entorno, com a alteridade diante da qual ele está.

1.2 ALGUM APORTE CONCEITUAL

As impossibilidades vistas com a adoção de uma língua estrangeira também são trabalhadas a partir de outros encontros. A literatura e o cinema documental, junto aos testemunhos que recolho com os voluntários estrangeiros, são os suportes deste trabalho, como dito na introdução. Com os testemunhos, o encontro com a nova língua e suas zonas de interdição. O cinema e a literatura também nos oferecem outras formas de *encontros*, de

embates, de *perdas* e *buscas*. As quatro palavras destacadas pontuam a direção de uma travessia. Não apenas a língua está em questão, mas também a busca pelas origens e a luta contra uma memória vacilante. Falo com detalhes sobre os textos de Chico Buarque, de Hanif Kureishi e de Umberto Eco no capítulo a seguir, assim como sobre o filme documental de Sophie Bredier, obras em que vemos o movimento da travessia de que falava logo acima. Neste momento, julgo importante passar pela teoria que pode calçar este texto.

São alguns pares o que me auxilia a pensar o movimento que analiso neste trabalho. Conto com Saussure, Freud e Lacan. Com Saussure, penso em sua dicotomia mais célebre, qual seja, arbitrariedade/motivação. Essa concepção, aliás, conforme Benveniste, norteia os estudos da linguagem; dela se vale “[...] toda afirmação sobre a essência da linguagem ou sobre as modalidades do discurso”¹⁷. A noção de arbitrariedade, ou seja, a falta de um elo motivado [necessário] entre os componentes do signo é aqui tomada sempre a partir da impressão do falante. Sim, o signo é arbitrário em relação ao que ele pode designar. Quanto ao que o sujeito experimenta acerca da noção de arbitrariedade¹⁸, cito Benveniste:

Para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade [...]. Na verdade, o prisma do sujeito e o do linguista quanto ao arbitrário são tão diferentes a esse respeito que a afirmação do linguista quanto ao arbitrário das designações não refuta o sentimento contrário do falante¹⁹.

O movimento traçado pela relação com a língua estrangeira vai do encontro com os nomes da nova língua – e a experimentação da arbitrariedade desses nomes – à impressão de uma motivação dos significantes maternos, pois esses últimos não impõem aos sujeitos o esforço de alcançá-los. O capítulo 3 é o momento reservado ao trabalho com a língua. O que faço neste momento concerne a uma rápida apresentação do aporte saussuriano ao texto.

Os outros pares que balizam os movimentos que estudo são propostos por Freud e Lacan. Com Freud, em seu texto “O inquietante”, de 1919, temos os conceitos de estranho e de familiar. Com Lacan, os de verdade e ficção, dos quais fala em seu “Seminário 6” (O desejo e sua interpretação), assim como os de alienação e separação, dos quais fala no

¹⁷ BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**, p. 53.

¹⁸ Claude Piron nos oferece uma ilustração do que acabo de afirmar: “Nós pensamos com a ajuda de conceitos, cuja realização concreta apresenta-se, grosso modo, sob a forma de palavras. Alguns desses conceitos são neutros, outros são afetivamente carregados, de diferentes maneiras segundo o indivíduo. [...] A carga afetiva de um conceito depende daquilo que ele representa para nossa história pessoal e em particular de nossas experiências relacionais. Ora, a partir do momento em que nós tratamos de um assunto, os conceitos afetivamente carregados vibram em nossas profundezas, mesmo se, como na maioria das vezes, nós não nos dermos conta disso”. In: PIRON, Claude. **O desafio das línguas**, p. 181

¹⁹ BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**, p. 57.

“Seminário 11” (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise). Passemos às conceituações.

A alienação concerne a um momento do que vai se constituindo como subjetivação. O pequeno sujeito deve inicialmente estar alienado ao seu cuidador, estar entregue a uma posição objetal em relação àquele que dele se ocupa. A inclusão de um terceiro nessa relação de completude faz com que a criança volte sua atenção ao que pode ser o interesse daquele com quem fazia um par ideal. A separação abre esse espaço em que se instaura a falta, essencial à constituição subjetiva. É necessária essa zona de interdição, um limite que impeça a completude e que descole o (futuro) sujeito de uma posição alienante, em que deve se inscrever por algum tempo, mas apenas para que seja fisgado pelo que pode começar a inscrevê-lo em uma modalidade significante. O corte em que se traduz a separação significa uma hiância, ainda que dela o sujeito queira se desvencilhar, visto que a falta é sinônimo de mal estar.

A falta representa, assim, esse paradoxo: o de ser inerente à condição subjetiva – descolando a criança desse outro a quem estava atrelada – e ao mesmo tempo sustentar o mal estar que estrutura o sujeito. Através desse processo, abre-se terreno para o desejo, conceito que Roland Chemama define como a “[...] falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante sobre o ser falante”²⁰.

Ainda com Chemama, temos ainda a seguinte conceituação:

Em um sujeito, o lugar de onde vem sua mensagem linguística é chamado de Outro, parental ou social. Ora, o desejo do sujeito falante é o desejo do Outro. Se se constitui a partir dele, é uma falta articulada na palavra e é a linguagem que o sujeito não poderia ignorar, sem prejuízos. Como tal, é a margem que separa, devido à linguagem, o sujeito de um objeto supostamente perdido. Esse objeto a é a causa do desejo e o suporte do fantasma do sujeito²¹.

Sobre o que pode ser uma bela ilustração dessa perda essencial, Lacan²² oferece alguns exemplos. Com a conhecida frase “A bolsa ou a vida!”, diz Lacan: “Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada. Vejo que me fiz suficientemente compreender”²³. Com esse exemplo, Lacan demonstra que a condição

²⁰ CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

²¹ Idem, p. 42

²² LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 207.

²³ Idem, ibidem.

subjetiva exige esse algo decepado, isso de que se deve abrir mão. A completude perdida é o que o sujeito pode apenas almejar.

Vale destacar que a separação não se opera de modo absoluto. Alienado a esse Outro a partir do qual se constitui, o sujeito está. A separação opera no sentido de que haja espaço para o rompimento do ajuste perfeito da criança com quem dela se ocupa. Separar-se, assim, significa abrir espaço para a falta essencial à subjetivação.

Antes de passar para os próximos pares – verdade/ficção e estranho/familiar –, teço alguns comentários sobre a pertinência neste trabalho dos conceitos já expostos. Trabalho a idéia de que estar às voltas com os nomes de uma nova língua faz com que, em língua mãe, os significantes possam ser experimentados como motivados. Insisto no que é experimentação, pois não coloco em questão a arbitrariedade do signo. Talvez mesmo antes do encontro com uma outra língua já haja essa impressão, de motivação, a impressão de um sentido que una sem falhas significante e significado. De qualquer forma, o encontro com a diferença que nos permite um olhar mais atento sobre nós mesmos deve ser realçado. Assim, o contato com a arbitrariedade evidente de uma língua estrangeira faz com que a materna seja vista de uma outra forma. O estatuto arbitrário do signo – ou da significação, segundo Benveniste – não sofre ajuste, mas a forma de o sujeito se posicionar diante da sua experiência com a língua, sim. Em relação ao par alienação/separação, podemos neste momento de abordagem inicial da proposta lacaniana pensar que a arbitrariedade que nos apresenta de modo evidente o significante estrangeiro seria uma chance dificultosa de alienação a essa segunda língua. A questão sobre a possibilidade de subjetivação em língua estrangeira passa também pelo questionamento a respeito de o sujeito poder se alienar a essa outra língua. Assim, vê-se que esses conceitos que apresento não apenas formam pares com o que seriam seus ‘opostos’, mas mantêm uma relação estreita uns com os outros, nos permitindo vislumbrar a possibilidade de novas combinações.

A respeito do par verdade/ficção: o fato psíquico nunca é fatural, o que afirmo no segundo capítulo após a descrição de uma cena do documentário “*Nos traces silencieuses*”. A ‘verdade’, quando pode ser posta diante do ‘fato’, talvez não tenha outra opção senão a de se assumir como uma ficção. O fato pode ser, por exemplo, uma imagem com a qual se confronta o relato da imagem. Em seu texto “Verdade e memória do passado”²⁴, comentando conceitos abordados por Benjamin, Gagnebin diz que, segundo o autor, os fatos apenas

²⁴ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória, história, testemunho., p. 40.

adquirem tal estatuto “por meio de um discurso que os constitui enquanto tais”, algo que também pode pontuar na introdução. A célebre frase lacaniana “a verdade é estruturada como uma ficção” trata disto, do que o discurso do sujeito sustenta como sendo fatural. Segundo Mattuella (2012), “[...] a história de nossa vida nada mais é do que uma narrativa suficientemente consistente na qual escolhemos acreditar (os motivos pelos quais escolhemos tal ou tal narrativa são testemunho de nosso modo específico de estarmos inscritos na Cultura [...])”²⁵.

Sobre os movimentos que esses pares podem balizar – contínuos, movimentos de ida, de [des]encontro, de regresso, de nova ida... – a verdade pode ser o que se busca com o movimento retroativo; a verdade das origens, de uma história de vida, a que se resgata com um esforço de memória. Falo de movimento retroativo sempre em função do encontro e do embate ocasionados pela noção de estrangeiro, ou seja, daquele – ou daquilo – em que[m] não nos reconhecemos facilmente. Não estarmos amparados na identificação com o que – com aquele que – nos cerca desencadeia essa retroação, a busca do que somos. Nos empenhamos em busca do que supostamente é uma verdade. Chegamos, mas à ficção, que saibamos disso ou não, ou seja, que se chegue ao que admitimos ser ficção ou a uma frustração, a qual diz da crença que se mantém na idéia de que, sim, se poderia chegar à verdade. Se não pudermos nos confrontar com o ‘fato’ – a imagem, por exemplo, que ilustra um relato – talvez a crença no fato possa se manter.

Ao comentar o texto de Freud de 1911²⁶, Ana Costa fala sobre a divisão “[...] operada pela neurose, entre mundo interno e mundo externo. Desta forma, o neurótico se pautaria pelo ‘mundo interno’, que passaria a funcionar como verdade e orientar o menor de seus atos”²⁷. Assim, basta que o fato psíquico esteja sustentado pelo discurso que o toma como verdade para que o sujeito não faça a discriminação entre verdade e ficção.

O par estanho/familiar, proposto por Freud, é um dos primeiros com que pensei em trabalhar ao esboçar o movimento da pesquisa. A língua estrangeira e a relação que podemos estabelecer com ela conduziam a pesquisa, mas não apenas isso; o tema do estrangeiro – sem que forçosamente fizesse par com a palavra ‘língua’ – tinha uma presença evidente no trabalho. O que a literatura e a produção cinematográfica oferecem aos testemunhos sobre a

²⁵ MATTUELLA, Luciano. **Psicanálise e cultura**. Disponível em: <<http://escritosmattuella.wordpress.com/2012/01/18/os-estupradores-do-imaginario/>>. Acesso em: 10 mar. 2012

²⁶ Os dois princípios do funcionamento mental.

²⁷ COSTA, Ana. **A ficção do si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise., p. 60.

língua é o acréscimo de uma outra possibilidade de encontro: com as origens estrangeiras, com uma história pessoal que se torna estrangeira, o embate cotidiano com um entorno para o qual somos estrangeiros.

O que nos apresenta Freud são as noções que veiculam, em alemão, as palavras *unheimlich* e *heimlich*. Há em português algumas possibilidades e divergências quanto ao equivalente para o termo *unheimlich*; estranho, sinistro, inquietante, temos aí algumas propostas de tradução. Na verdade, no próprio texto freudiano há uma longa explanação a respeito tanto da etimologia, quanto das traduções em outras línguas para o termo. Freud afirma que o caminho previsto pela etimologia e aquele que “[...] nas pessoas e coisas, impressões dos sentidos, vivências e situações”²⁸ pode despertar a impressão do estranho²⁹ levam à mesma conclusão: “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”.³⁰ A suposição desse ‘há muito familiar’ implica, no entanto, também a noção de um desconhecimento, pois aquilo com que temos uma sabida familiaridade não é o que pode causar o estranhamento. Freud, sobre o termo *heimlich*, diz que ele remete tanto ao que é familiar, quanto ao que é mantido oculto. Assim, o *unheimlich* “seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu.”³¹

São breves as teorizações acerca dos pares que emprestam direção ao trabalho. A respeito do movimento moebiano de que falo em alguns momentos, vale a lembrança de que Lacan se utiliza do conceito de estrutura moebiana de forma a estabelecer a dicotomia entre o direito e o avesso, que passam a se achar em continuidade, a estar contidos um no outro. Assim, ao tratar de movimento moebiano, falo de uma continuidade, de um encontro com o outro engendra a volta ao próprio, percurso estando em constante evolução, a volta dando espaço a uma nova partida. Os próprios relatos de experiência se encarregarem do papel de acrescentar outros predicados aos conceitos expostos. Seja como for, os conceitos vão sendo retomados ao longo de todo texto.

Sobre o testemunho, trago mais algumas informações. Pude dizer anteriormente que o concebia a partir de uma publicação ou endereçamento, ou seja, a partir de uma fala – seja

²⁸ FREUD, S. O inquietante (1919). In: _____. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v. 17, p 331.

²⁹ Opto pelo termo “estranho” por ser aquele com que já vinha trabalhando há mais tempo. As referências ao texto de 1919 são feitas, no entanto, a partir da publicação mais recente desse texto. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

³⁰ FREUD, S. O inquietante (1919), p. 331.

³¹ Idem, p. 338.

qual for seu suporte – não mais restrita ao domínio do privado. O suporte desse relato pode ser imagético, escrito, sonoro... Se compartilhado, o testemunho se configura, o qual tanto pode ser pessoal, quanto tratar de um outro. Pais que relatam aos filhos episódios de seus primeiros anos de vida, amigos ou familiares que falam sobre quem dispõe de uma memória vacilante, caso do personagem de Umberto Eco com quem trabalho a seguir. Antes de encerrar, gostaria ainda de falar sobre o tempo do testemunho, que pode ser o do presente [caso dos voluntários estrangeiros que tratam de seus idiomas de adoção] ou não, estando o passado, a memória e as origens em pauta. Claro, a distinção temporal não pode ser traçada de forma nítida, mas de qualquer forma, creio ser válida a distinção.

Temos, pois, dois pontos que conduzem os capítulos a seguir:

- a. visto que para que se fale de língua estrangeira – como dito anteriormente – vale o esforço que destaca o adjetivo ‘estrangeira’ da palavra ‘língua’, no capítulo a seguir trabalho com o tema do estrangeiro. O recurso a outras modalidades de trabalho com o tema se dá no sentido de propor à língua informações que enriqueçam sua abordagem;
- b.** já com a munção do capítulo 2, o trabalho com os embates oferecidos pela língua estrangeira tem seguimento.

2 AO ENCONTRO DO ESTRANGEIRO

Poesias tão ruins só podiam ser as minhas. Acne juvenil. [...] minhas poesias eram ruins. Não horríveis ou repugnantes, que poderiam deixar entrever um gênio provocador, mas pateticamente óbvias. Valia a pena ter voltado a Solara para descobrir que fui um escrevinhador? Mas pelo menos um motivo de orgulho eu podia ter, fechei aqueles abortos numa caixa, numa capela com a entrada murada e dediquei-me a colecionar livros de outros. [...] No entanto, mesmo sepultadas, conservei-as, de alguma forma aquelas poesias eram importantes para mim, mesmo depois de passada a acne. Como testemunho. Como se sabe, quem consegue expelir uma solitária conserva sua cabeça em solução alcoólica e outros o fazem com um cálculo extraído da vesícula³².

Um perfil visto numa revista francesa quando menino, um rosto encontrado nas escadarias do liceu quando rapazola e depois outros rostos que talvez tivessem algo em comum, Paola, Vanna, a holandêsinha bonita e assim por diante, até Sibilla, a viva, que logo vai se casar e que, portanto, irei perder também. Uma corrida de revezamento através dos anos em busca de algo que já não existia quando eu ainda escrevia minhas poesias³³.

É claro que agora, no silêncio do coma, compreendo melhor o que me aconteceu. Seria essa a iluminação que outros sentem quando o homem vê chegar a sua hora, e naquele momento, como Martin Eden, compreende tudo, mas assim que sabe deixa de sabê-lo? Eu, que ainda não cheguei na minha hora, tenho um ponto de vantagem sobre quem morre. Entendo, sei e até lembro (agora) que sei³⁴.

A fé no imperceptível permite que feche meu parêntese penitencial. Uma vida de jovem prevenido prometera-me, como prêmio, aquela que era bela como o sol e pálida como a lua. Mas um só pensamento impuro poderia roubá-la de mim para sempre. A Ilha Nunca-Achada, ao contrário, permanece, inatingível, sempre minha³⁵.

2.1 A QUESTÃO DO [DES]ENCONTRO

Antecipo um comentário sobre o qual mais adiante me debruço; à ocasião dos primeiros contatos com uma língua que se desconhece, mais do que nunca os signos são experimentados como arbitrários. Tanto interessa o que se produz ao longo do caminho existente entre os dois conceitos propostos pela dicotomia arbitrariedade/motivação, quanto o efeito de chegada, digamos, à impressão de motivação. O testemunho disso que se dá na

³² ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 279-280.

³³ Idem, p. 293.

³⁴ Idem, p. 323.

³⁵ Idem, p. 403.

chegada – o que seria o suposto domínio da nova língua –, em meio aos ganhos oferecidos pela travessia, aponta também o embate com a língua do outro; o que nesse contexto se produz como falha, realização impossível, o que coloca em dificuldade o sujeito que testemunha, é o que se traduz na interrogação que conduz os passos a seguir. Destacaria ainda mais um movimento, o que se produz ao se estar diante da linha de chegada. Chega-se ao fim, e, no entanto, se alcança na verdade a impossibilidade de se chegar ao fim. Donde a falha, o fracasso essencial à permanência do movimento; uma impossibilidade experimentada como perda. Donde a busca disso que supostamente é a de algo perdido, que se traduz em tentativa de apreensão do que escapa ao sujeito, busca pela completude, uma tentativa de elaboração de si mesmo, o que a volta ao materno supostamente permitiria.

Para seguir em frente, retomo alguns extratos de testemunhos, alguns tendo sido apresentados no primeiro capítulo:

Para quem adotou uma nova língua, como a uma mãe que se selecionasse, a persistência de um sotaque era um castigo injusto – José.

Minha força é outra e aprendi a usá-la: meu poder de fala decorre de minha própria condição de estrangeiro – Claude.

Eu tinha alinhavado na cabeça um texto sincero em meus sentimentos por ela, além de rápida explicação para minha partida. O que porventura soasse inconvincente em minha fala se levaria à conta do vocabulário impreciso, da má tradução do pensamento – José.

Tem, sim, momentos chatos de equívocos: falo apontando, mas sem querer ferir ninguém com meu dedo apontando, e o brasileiro se sente agredido – Claude.

Não consigo entender bem o que “ordinária” cria como conotações na mente do brasileiro, pois acho essa palavra tão doce, não pode ser um palavrão – Claude.

Dans des situations particulières, émotionnelles, il est probable que je sois démuné pour parler³⁶ – Patrice.

Cheguei a criar um português meu, que não é de lugar nenhum. Daí um problema: de onde falo? – Claude.

O português me deu palavras como *bonitinho, meu bem, porra!*, não ‘*tu nem aí*’ – Claude.

Falar *Bonjour monsieur, madame* quando passo diante de alguém – são as próprias palavras que me fazem falta – Claude.

Havia anos e anos de distância entre a minha língua, como a recordava, e aquela que agora ouvia, entre aflito e embevecido – José.

³⁶ Tradução: “Em situações particulares, emocionais, é provável que eu fique desmunido para falar.”

Existe algo impossível nessa minha missão. Mas uma grande riqueza existe, sim, só que ela tem um preço alto, acho – Claude.

Sem dúvida há o ganho; o impossível que o embate com o estrangeiro apresenta está em cena em função da possibilidade de abertura que o estrangeiro propicia. Abertura a um novo limite. A interrogação que pontua este texto é a do embate com a falha, com o limite que o estrangeiro oferece. A riqueza, as palavras que se ganha, as fronteiras que vacilam e recuam, o poder de fala que decorre da própria condição de estrangeiro. Mas um contraponto; a falta de munição, o riso que não se compartilha, a aproximação do sentido a que não se chega, a sensação de família que não se tem, ‘os brasileiros, mas eu não’, as palavras que fazem falta, o impossível de uma missão.

Esses recortes – assim como os extratos literários e cinematográficos – evidenciam a potência do encontro, da perda do que se concebe como origem, da impressão do que nos é familiar, como diz Gagnebin, Fuks e Benveniste:

Nada como o confronto com o outro (o outro sujeito, a outra língua, o outro povo e também o outro sexo) para, de repente, entender que o mesmo não se compreende por si mesmo³⁷.

A experiência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste³⁸.

Não há vida em comum sem o outro de si mesmo³⁹.

Os sujeitos de cujos testemunhos me sirvo estão em busca, sendo possível que falemos de regresso: se sentem estrangeiros – pois estão diante deles –, e assim buscam a si mesmos, buscam o que de familiar não está mais disponível. Com esse movimento, os sujeitos avançam voltados para o passado, seguindo em frente com as costas dadas para o que está por vir.

Circunscrever o que seria o conteúdo dessa perda nem sempre é fácil: “*Je disais que je voulais faire un travail sur la perte. Mais je ne savais même pas quelle perte...*”⁴⁰. As palavras são da cineasta Sophie Bredier a respeito de seu filme “*Elie et Nous*”⁴¹. Elie, que já havia atuado em outro filme de seus filmes – “*Nos traces silencieuses*”, com o qual trabalho neste

³⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro. **Humanidades** (Brasília), v. 57, ago. 2010, p. 39.

³⁸ BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**.

³⁹ FUKS, Betty. O estrangeiro e o comum. **Humanidades** (Brasília), v. 57, p. 74-80, ago. 2010.

⁴⁰ Tradução: “Eu dizia que queria fazer um trabalho sobre a perda. Mas sequer sabia qual perda [...]”.

⁴¹ BREDIER, Sophie. **Elie est un modèle de pulsion de vie** : interview. Disponível em:

<<http://www.universcine.com/bonus/sophie-bredier-elie-un-modele-de-pulsion-de-vie>>. Acesso em: 23 jan. 2012

capítulo –, sobrevivente dos campos de concentração, decide extrair através de uma intervenção cirúrgica o número de matrícula impresso em sua pele, sob a condição de que pudesse conservar a extração de pele. A partir do roubo dessa espécie de pergaminho, Sophie roda o segundo filme de que Elie Buzyn participa, a perda sendo o tema de seu documentário.

Vemos em “*Nos traces silencieuses*” imagens de Sophie em dois deslocamentos; em viagens de trem e de avião, a cineasta avança, mas voltada para o que fica para trás. Sophie está posicionada no sentido oposto ao do movimento do trem, ao do movimento da esteira do aeroporto. A cineasta segue em frente com os olhos direcionados para o passado. Um passado a que não se chega, como um futuro essencialmente projetado. Sobre seu filme “*Corps étranger*” – último da trilogia da qual “*Nos traces silencieuses*” faz parte –, a cineasta fala da realização do documentário como “[...] *un ultime volet sur une recherche d’appropriation d’identité. Je souhaitais clore un chapitre, celui du passé, pour regarder enfin devant moi [...]*”⁴². Yambo, personagem de Umberto Eco em “A misteriosa chama da rainha Loana”, livro com que trabalho e de que falo mais adiante, nos diz:

Sim, para pular é preciso dar um salto para frente, mas para fazer isso é preciso tomar distância, e portanto dar uns passos para trás. Se não vai para trás não vai para frente. Aí está, tenho a impressão de que para dizer o que farei preciso ter muitas idéias sobre o que fazia antes⁴³.

Sobre essa busca de apropriação identitária e sua publicação, penso no que nos diz Ana Costa:

O que levaria alguém a precisar comunicar uma representação e sua vida à coletividade? Certamente as razões são inúmeras, das mais triviais às mais nobres, digamos assim. Mas algo que podemos constatar como uma constância, dentro dessas razões, diz respeito a um certo fracasso na representação do “si mesmo” que toda experiência carrega. Desde esse ponto de vista, o registro na escrita aparece como um certo complemento necessário à experiência, uma certa necessidade de apropriação de algo irrepresentável, que, de outra forma, se esfumaça⁴⁴.

O que se produz no encontro com o estrangeiro, na passagem do familiar ao estranho? A perda do familiar remete ao estranho? A posição de estranhamento é o que remete ao que era familiar? Desconfio de que não haja ordem, mas uma simultaneidade, o importante sendo destacar as palavras dessas dicotomias como balizas que regem movimentos de travessia.

⁴² Tradução: “[...] uma última etapa sobre uma busca de apropriação de identidade. Eu queria encerrar um capítulo, o do passado, para olhar enfim em frente [...]”. In: BREDIER, Sophie. À propos de *Corps étranger*: note d’intention. In: LA LUCARNE: programmation spéciale. Publicado em: out. 2004. Disponível em: <<http://download.pro.arte.tv/archives/fichiers/01943770.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2011.

⁴³ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**.

⁴⁴ COSTA, Ana Maria Medeiros da. A ficção do si mesmo. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA**, v. 7, n. 15, nov. 1998b, p. 10.

Familiar/alienado/motivado/verdade e sinistro/separação/arbitrário/ficção; a dicotomia proposta pela linguística é mais amplamente trabalhada no capítulo seguinte. O movimento, em todo caso, que observo a partir desses pares parece ser o mesmo. Digo isso, pois os recortes com que trabalho nem sempre vão estar referenciados especialmente a um dos pares. O caminho entre os termos de cada par que uso como operadores conceituais envolve minúcias de que trato a seguir, sem, no entanto, que conceba as propostas de etapas como rígidas ou sempre consecutivas, como disse acima. Lanço apenas a idéia do movimento impresso no deslocamento entre um e outro dos termos trabalhados.

Em um primeiro momento haveria o encontro com o outro. Somos estrangeiros, pois estamos diante de quem nos é estrangeiro. Em seguida, o movimento retroativo desencadeado pelo limite imposto pelo outro e seu entorno. Nesse sentido retroativo, um espaço se abre. Espaço de uma nova possibilidade narrativa, pois não achamos o que buscávamos. Espaço talvez da consciência de que isso não será alcançado, afirmação que faço com cautela, pois tal consciência nem sempre está em jogo. É possível também a consciência de que o que buscamos sequer existe. Ou melhor, existe, mas como perda irre recuperável, existe enquanto estiver indisponível. Mais uma vez, tal lucidez nem sempre tem lugar, e nesse caso o que persiste é a ideia de fracasso, o qual, no entanto, implica num ganho fundamental, pois seja como for, a presença de uma hiância é instaurada como possibilidade de nova trama. O segundo termo de cada dicotomia como o lugar em que desembocamos e também de onde vamos novamente partir, lugar a partir de onde é possível a redimensão do ponto de partida inicial.

Proponho aqui um panorama dos testemunhos presentes ao longo deste texto, expondo mais adiante e com minúcia o que se vê neles como potência de trabalho.

Com o recurso ao cinema, contamos com Sophie Bredier, que põe em cena de modo bastante sensível a temática do abandono, da adoção, a da reconstituição de uma história pessoal através de marcas impressas no corpo. A interrogação pontua o documentário “*Nos traces silencieuses*”, testemunho pessoal de Sophie, entregue em sua infância coreana aos cuidados de um orfanato, sendo mais tarde adotada por um casal francês. Saber ao certo o que se busca com uma realização como essa, talvez sequer a própria cineasta possa; falo, assim, do que vejo como tentativa nessa busca: a de reconstituição de um quadro familiar [como era composta essa família de origem?]; a de compreensão do abandono [os pais não puderam, não quiseram ficar com a filha? Em que circunstância ocorre a entrega à adoção?]; a militância

por memórias [tentativa de reconstituição das cenas que imprimiram as cicatrizes que Sophie traz em seu corpo; tentativa da validação de uma história].

Com a literatura, belas referências que amparam os temas estudados. Recorro às obras de Hanif Kureishi – e a uma breve e inevitável passagem pelo “Quase memória”, de Carlos Heitor Cony –, de Umberto Eco e de Chico Buarque. Sem que tenham sido pensados à ocasião de suas leituras como textos que se prestariam a esse suporte, os livros *Budapeste*, de Chico, e *No “Colo do pai”*, de Kureishi, foram lembranças inevitáveis ao longo da pesquisa. A leitura de “A misteriosa chama da rainha Loana”, de Umberto Eco, foi direcionada, acreditei que o livro pudesse junto às obras precitadas pontuar o trabalho, o que foi um acerto.

Com Cony e Kureishi, uma literatura pessoal erguida na relação com os pais falecidos, reinventados através de memória e ausência. Giambattista Bodoni, personagem de Eco, narra a busca de sua história, inacessível a si mesmo, pois perde a memória após um acidente. Perda da própria história, adoção [ou apropriação] da literatura como uma possibilidade de narrativa pessoal, o que de início Bodoni não sabe ser literatura; o personagem acredita serem pessoais as lembranças literárias que tem. Em “*Budapeste*”, José Costa e a adoção do idioma húngaro. A autoria possível de si mesmo em língua materna e em língua estrangeira.

Aos livros de Chico Buarque e de Umberto Eco, reservo um subcapítulo. “*No colo do pai*” é exposto desde já por ter um papel, digamos, essencialmente teórico nesta pesquisa. Quero dizer com isso que não me debruço sobre as questões que vejo a partir da obra de Kureishi, mas pontuo com algumas passagens suas os comentários que faço sobre o filme de Sophie Bredier, os outros dois textos literários de que me sirvo e sobre os testemunhos dos estrangeiros.

“O passado revisto. Final dos anos 30”, tal é o título de um dos capítulos de “*Uma adolescência indiana*”, texto nunca publicado que inspira o trabalho de Hanif Kureishi. A revista de um passado, tanto seu, quanto de seu pai [autor de “*Uma adolescência indiana*”], é o que faz o escritor inglês de origem paquistanesa. Escolho trabalhar com seu texto, pois as colocações do autor sobre o que emana nesse encontro com o passado são riquíssimas. A exemplo do que dizia Freud sobre de Schnitzler⁴⁵, Kureishi nos oferece testemunhos sensíveis

⁴⁵ Em seu texto dedicado ao relato do caso Dora, Freud traz em uma nota a referência a uma das peças de Arthur Schnitzler, *Paracelsus*, de 1899. Freud, a respeito da resistência dos pacientes quanto a se livrar de seus males, afirma que Schnitzler “expressou com muito acerto” em sua peça tal constatação. Na sequência trecho da carta de Freud a Schnitzler: “Sempre que me deixo absorver profundamente por suas belas criações, parece-me encontrar, sob a superfície poética, as mesmas suposições antecipadas, os interesses e conclusões que reconheço

do que também pode ser visto na cena psicanalítica; relata ao longo da leitura do texto de seu pai – e simultânea redação do seu – a fina observação de que é capaz acerca dos encontros com o pai, o passado, com a visão que o pai tinha sobre si mesmo, com as mudanças que as confissões paternas introduzem no imaginário do escritor. Eis alguns extratos:

Saí de casa quando meu pai tinha cinquenta anos e eu, vinte. Aos cinquenta meu pai ainda tentava viabilizar a vida que acreditava ter diante de si, se pusesse as palavras na ordem certa. Eu gostaria de conversar com ele a esse respeito, e já tentei escrever várias vezes a história de um homem que vai ao pub comemorar seu aniversário de cinquenta anos e encontra lá o pai, que também tem cinquenta anos. Assim, os dois travam uma conversa de igual para igual pela primeira vez, e o filho vê o pai como um homem igual a ele. O filho é gay, produtor teatral, e o pai vai se encontrar com a amante. Não consigo escrever uma única frase do diálogo entre eles; entretanto, vejo os dois caminharem em sentidos opostos, no final.

Quando tentei escrever, as lembranças de meu pai desvaneceram; não pareciam importantes; deixaram de me assombrar. Mas não é verdade. Creio que sonho com papai e outras figuras paternas pelo menos uma vez por semana, inclusive sonhei ontem à noite, quando nós dois estávamos na casa da família, no subúrbio, revirando armários. Lá estava ele, um fantasma, tangível como nunca. Ontem, meu filho Carlo – de camiseta de futebol e touca de lã, praticando golpes de caratê e falando em tocar bateria – conversava comigo a respeito da velhice. Enquanto discutíamos, pensei que estaria morto faria muito tempo quando isso ocorresse, eu mesmo um fantasma, insepulto para ele, a assombrá-lo, e talvez a seus filhos, de um modo que nenhum de nós podia prever⁴⁶.

No final, claro, a gente nunca pode sair de casa. Por mais que conheçam os pais, os filhos sentem que suas vidas são misteriosas, não só porque o desejo e a sexualidade dos pais está fora de seu alcance, mas também porque a lição, no caso, é sobre desconhecimento. Uma coisa a gente vê, embora leve a vida inteira para entender: que um ser humano, seus pais e depois você – é profundamente desconhecido. A respeito de meu pai, após tudo isso, sinto algo que só é possível depois que se conhece a pessoa por um longo tempo: que não o conheço nada, no fundo⁴⁷.

“No colo do pai”, ao menos seu início, faz pensar muito no texto de “Quase memória”, donde a evocação da obra de Carlos Heitor Cony. Nesses dois romances – ou em seu quase romance, como destaca o próprio Cony –, os autores estão diante de seus pais falecidos; Kureishi diante do romance, Cony diante de um embrulho, que muito provavelmente contém também um livro. O barbante que envolve o embrulho, as dobras do papel, a exatidão com que o barbante é atado, a caligrafia e a precisão “[...] para o jornalista Carlos Heitor Cony. Em

como meus próprios. Ficou-me a impressão de que o senhor sabe por intuição – realmente, a partir de uma fina auto-observação – tudo que tenho descoberto em outras pessoas por meio de laborioso trabalho” (FREUD, 1922). Disponível em: <<http://www.cmceditora.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

⁴⁶ KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006, p. 185; 184.

⁴⁷ Idem, p. 204.

mão” sobre o envelope dão ao autor a suspeita, que “ficaria na suspeita se não houvesse certeza”⁴⁸, de que se trata de uma herança de seu pai.

Há uma bela semelhança entre a reação de Cony e a reação inicial de Kureishi diante dos achados; mais do que a curiosidade em abrir o embrulho, ou ler o romance inédito, está a série de lembranças que esses encontros desencadeiam:

Não tive pressa em abrir o pacote. Durante algum tempo fiquei com ele, passando-o da mão esquerda para a direita. Alguém me contava o fim do filme que assistira na véspera – o que me poupou qualquer comentário ou alusão ao embrulho. Queria apenas ficar sozinho, não exatamente para abrir o envelope, mas para pensar no assunto, embora se tratasse de assunto impensável. [...] O que quer que houvesse lá dentro, pouco importava⁴⁹.

A cada começo de capítulo, ou quase, se tem a imagem do autor diante do pacote. Já no capítulo final, após uma noite às voltas com as lembranças do pai, diz o autor:

Paro o carro diante de um bar aberto na orla, a essa hora devem servir pizzas ou sanduíches. O calçadão de Copacabana, decadente e vazio, só tem agora alguns travestis que caçam fregueses. Apesar de a noite estar bonita, nem quente nem fria, sinto sordidez na pizza, no calçadão, afinal, eu passara as últimas horas numa viagem pela memória e tudo aqui fora ficou absurdo, irreal. Ou real demais. Deveria ter trazido o embrulho comigo, mesmo sem abri-lo. Aliás, tenho a certeza de que nunca irei abri-lo, por desnecessário. Tenha lá dentro o que tiver [...]⁵⁰.

Kureishi diz no início de seu “*My Ear at his Heart*”⁵¹, título original de “No colo do pai”:

No chão, num canto do meu escritório, saliente sob a pilha de papéis diversos, há uma pasta verde velha e surrada que contém o texto capaz de, suponho, revelar muita coisa a respeito de meu pai e de meu próprio passado. Desde que o descobri, porém, fico olhando pra ele, depois desvio a vista para me concentrar em outra coisa, pensando nele sem fazer nada a respeito. Recebi o original há poucas semanas, reaparecido depois de mais de onze anos. É um romance escrito por meu pai, um legado de palavras, um testamento prolongado, talvez – ainda não sei o que contém. Como o restante de sua obra de ficção, nunca foi publicado. Acho que devo lê-lo⁵².

Ao divagar sobre o modo como a princípio pensara em escrevê-lo, o autor fala da ideia de iniciar o texto a partir da releitura dos autores de sua juventude, Keruac, Salinger, Orwell e

⁴⁸ CONY, Carlos Heitor. **Quase memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 10.

⁴⁹ Idem, p. 12.

⁵⁰ CONY, Carlos Heitor. **Quase memória**, p. 209.

⁵¹ Em língua francesa, o livro ganha o título de “*Contre son coeur*”, ou seja, “*Contra seu coração*”. Faço menção tanto ao título original, quanto ao em francês, pois acredito que as imagens a que eles remetem são belíssimas e distintas da imagem a que o português pode enviar.

⁵² KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**, p. 7.

Wilde, acreditando que reler esses autores faria com que se aproximasse de si mesmo, de quem era quando mais jovem. Não há dúvida quanto a essa aproximação, ela de fato se dá; as lembranças que Kureishi vai trazendo a respeito de seu pai são também lembranças de si mesmo.

A narrativa do autor inglês é erguida não apenas a partir das lembranças que o encontro com o livro do pai revolve, mas a partir da leitura desse texto, uma espécie de autobiografia paterna, ainda que camuflada por bastante dramatização, “[...] porque o livro continha muita verdade”⁵³. Kureishi integra este texto de pesquisa como um aporte testemunhal, mas de um outro cunho. Suas falas seriam mais o testemunho teórico sobre as questões que outros relatos podem pôr em cena. Relatos fictícios ou não, ainda que a veracidade, em meio a tanta ficção, talvez seja um conceito nem tão crucial.

Os testemunhos estrangeiros, ainda que recolhidos sob o tema da língua estrangeira, apontam uma série de desdobramentos. Esses relatos – pois o idioma não existe de forma autônoma – oferecem não apenas reflexões sobre a língua, mas também sobre o que a envolve; os gestos do outro, a memória, a história e tudo mais que possa sustentá-la.

Exponho, como já dito, tanto testemunhos que recolhi, quanto alguns trechos próprios, anotações feitas em ocasiões diversas, bem antes que pudesse suspeitar de que as usaria em um trabalho futuro. De próprio, falei também sobre a formação que cursei nos anos em que estive na França, sobre o que desencadeia o desejo de pesquisa, ou seja, a impressão de que em algumas situações, por mais que conhecesse as palavras de que queria me servir, elas não estavam ao meu alcance. Certo, estar diante do outro em que não nos vemos desestabiliza. A noção de estranhamento, o que de familiar se perde, uma identidade que se passa a buscar... Mas mesmo isso que inicialmente não se reconhece como próprio, podemos incorporá-lo. No retorno ao familiar que se deixou [e que talvez já não mais o seja], isso se faz notar. Creio que trazemos conosco a diferença do estrangeiro, o que de início é desconforto, mas que aos poucos se adota como rotina.

Tendo dito isso, penso no início do filme de Cédric Klapisch, “Albergue espanhol”, em que o personagem vivido por Romain Duris, ao chegar em Barcelona, fala de suas ruas desconhecidas, em que se perde, as mesmas que, ao fim de sua estadia, terá percorrido tantas vezes e que lhe serão evidentes. Hoje, penso tanto no estranhamento de estar no exterior, em entorno desconhecido, na desacomodação que se traduz em interrogações e que dão início ao

⁵³ Idem, p. 22.

que percorro com este trabalho, quanto nesse familiar adquirido, conquistado, isso que do estrangeiro se torna evidência, como diria Xavier, personagem de Duris. Impressão de um novo familiar [ganho pelo encontro com o outro], com o qual se confronta – à ocasião da volta à casa – o que de materno se experimenta, então, como estranhamento. Ou seja, uma torção, como outras de que falo ao longo do texto; o que era familiar quando do movimento de ida, sendo agora aquilo em que não se reconhece.

2.2 CINEMA DOCUMENTAL: “*Comme s’il y en avait pas eu*”

Em uma conversa com seus pais adotivos, Sophie faz a seguinte pergunta: “Como é ter um filho de quatro anos e meio que já tem uma história prévia? Se recomeça uma história como se...?”. – “Como se não tivesse havido”, responde a mãe.

Pensar no que seria em português um equivalente para a palavra “*trace*” faz com que eu levante algumas possibilidades, sem que, no entanto, eleja uma delas: rastros, traços, marcas, sinais ou vestígios, a cada possibilidade, um acréscimo de sentido essencial ao que se vê como potência em “*Nos traces silencieuses*”. Nesse documentário, acompanhamos com Sophie Bredier sua tentativa de ida ao passado, de reconstituição de seus primeiros anos de vida, passados na Coreia. Sophie, adotada aos quatro anos e sem muita informação acerca de sua família de origem, inicia sua busca a partir do que tenta obter com os pais adotivos, da consulta aos papéis de adoção, mas também, e talvez essencialmente – pois são bastante escassas essas informações que obtém –, a partir de marcas no corpo, cicatrizes impressas ainda em seu país natal. No início de seu documentário, ela nos diz: “Nunca voltei à Coreia. Desde os quatro anos, meu horizonte é aqui, na França. De lá, não me resta mais nada, ou quase. Algumas imagens, lembranças, tão frágeis que seguidamente as ponho em dúvida. Mas tenho essas marcas na pele”. Para a protagonista, não há como abrir mão da busca, não há modo de fazer como se não tivesse havido; impossível também aceitar o fato de que, segundo sua mãe, sua vida começa aos quatro anos: “Se ao menos pudéssemos restringir nossa história ao passado, mantendo-a lá [...] mas a história está a uma piscada, é o presente em outro aspecto”, diz Hanif Kureishi⁵⁴, indo ao encontro do movimento de Sophie.

⁵⁴ KUREISHI, Hanif. *No colo do pai*, p. 204.

“*Nos traces silencieuses*”, de ano de 1998, é o primeiro de uma trilogia. Dois anos depois, em 2000, temos “*Séparées*”; em 2004, “*Corps étranger*”. Com “*Séparées*”, Sophie narra a travessia de seu país natal, “[...] tendo como obstáculo sua língua materna, como impulso, a necessidade de entender, como demônios, o passado”. A cineasta fala também de um “[...] exílio interior [...], ser culturalmente diferente e fisicamente semelhante. Renunciar às origens e experimentar a falta”⁵⁵. Nessa viagem, Sophie se interroga sobre a ruptura a partir do ponto de vista de quem a sofre, mas também sobre o abandono, concebendo a ruptura a partir de quem a provoca. Já em “*Corps étranger*”, o seguinte testemunho: “Venho de um país em que eu não existo mais, mas existo aqui. Nunca vou saber com quem me pareço, ainda não sei quem eu sou”⁵⁶. Ainda sobre “*Corps étranger*”, diz Sophie: “[...] na França, eu tinha a impressão de me sentir mais estrangeira em meu próprio corpo do que junto aos que me cercavam”. Ao falarmos de alteridade, falamos, claro, de diferença. Acredito que valha a distinção entre ser o diferente e identificar o outro como diferente. O manto da diferença é posto sobre aquele que destoa do corpo social. O mesmo seria o coletivo em que está, poder ser mais um nessa massa uniforme. Há no caso de Sophie o estranhamento do corpo próprio, o qual é alteridade também para si mesma. Não há dúvida quanto à relação que o sujeito é capaz de estabelecer consigo mesmo, entretanto, conceber o si mesmo como autônomo, não estando imiscuído ao outro, seria impensável. Assim, ao estranhar seus próprios traços, a cineasta fala de si, assim como evoca o corpo social que faz com que seu corpo seja um estranho.

Sophie traz em seu filme alguns testemunhos alheios, mas ainda assim próprios, tendo todos eles a impressão de marcas na pele, deliberadas ou não, como um ponto comum. Marcas deliberadas [tatuagens, seu apagamento] ou não [cicatrizes, queimaduras, e os próprios traços do rosto que denunciam uma origem estrangeira]. Elie Buzyn, Ta Ouy Hong, Frédérique; com Elie, a experiência do campo de concentração, sua impressão no corpo e a extração por meio de uma operação plástica do número gravado em sua pele. De fato, o número é extraído, mas sob a condição de que pudesse conservar, como um pergaminho, segundo Elie, esse extrato de pele que remete a uma exposição sobre a qual se quer alguma escolha; há a recusa em se desfazer dessa espécie de materialização da experiência, a qual, claro, independe da marca, como diz Elie. Que ele disponha ou não da marca extraída, a lembrança está lá. O *‘bout de peau*’⁵⁷ assume a forme de um testemunho, donde o apreço de

⁵⁵ Palavras da própria cineasta. In: BREDIER, Sophie. À propos de *corps étranger*: note d’intention.

⁵⁶ BREDIER, Sophie. **Elie est un modèle de pulsion de vie.**

⁵⁷ Tradução: o “pedaço de pele”.

Elie. Quando Sophie lhe pergunta se, sob uma eventual impossibilidade de conservá-la, ele teria ainda assim retirado a impressão do número, Elie se mostra hesitante, dizendo finalmente que não sabe se teria feito a operação. A retirada da impressão, que queriam indelével sobre sua pele, imprime uma nova cicatriz, mas com cuja origem Elie faz o que bem entende. Com a extração, está desfeito o vínculo imperativo aos olhos alheios entre a tatuagem e a experiência do campo. A existência do número que agora independe de seu corpo – marca indelével, sim, mas não mais indelével sobre a pele –, é então exposta, ou não, segundo a escolha de Eli. A inscrição retirada da pele continua gravada no corpo da história, e talvez de forma ainda mais visceral.

Penso, assim, na potência de se poder deliberar [de poder se liberar de] sobre algo, o que não deixa de ser a potência do “não sabemos, Sophie”, frase repetida tantas vezes por seus pais diante das interrogações da filha. A mesma potência criativa está nas tentativas narradas de Sophie de ir ao encontro das experiências infantis, ou seja, a narração da tentativa tecendo memórias a que não tem acesso.

O documentário conta ainda com a fala de Frédérique, que se tatua quando entrega a filha à adoção. A impressão sobre a pele se justifica pela seguinte fala: “[...] tenho na vida coisas que não posso esquecer, que não quero esquecer. É preciso que eu me levante pela manhã e que eu as veja, que eu me deite à noite e que eu as veja. Não é apenas na cabeça, mas também no corpo que as coisas se dão”. Para Frédérique, as lembranças não bastam, e a memória, aos seus olhos, não é confiável. Aqui, o corpo se presta como um auxílio para as representações que o sujeito pretende de si mesmo.

Com Gagnebin, temos uma reflexão a respeito da noção de rastro, o que nomeia o filme de Bredier e aquilo em que sustenta a realização de seu documentário. Trago uma citação a respeito do vínculo entre rastro e memória:

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem – o conceito – de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro⁵⁸.

No documentário, o vacilo está em cena; há tanto a lembrança vacilante de uma experiência, quanto a elaboração vacilante de uma experiência. As marcas que escapam aos

⁵⁸ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória, história, testemunho, p. 44.

olhos são lembranças e experiências que esmorecem. Quando falo de elaboração vacilante, falo do apreço que se pode ter por uma lembrança e do temor de que ela se vá. Elaborar, nesse sentido, seria não criar obstáculo ao esquecimento. O apreço e o temor, nesse caso, são os próprios substitutos de uma experiência (ou memória) que não teve lugar. As memórias de que Sophie quase não dispõe, mais do que aquilo em que poderia pensar, são aquilo em que fica retida. Destaco não exatamente a relação entre corpo e memória, mas a relação entre corpo e o que é dito sobre a memória. Sophie nos apresenta ainda um terceiro relato, o do cambojano Ta Ouy Hong, que no ano de 1975, quando comunistas sobem ao poder, é mandado para a campanha, assim como os outros moradores da cidade de Phnom Penh; nessa ida, Ta Hong sofre algumas queimaduras, vincos que diz não serem importantes, pois pode se lembrar do ocorrido sem que precise observá-los, as lembranças que traz consigo não dependem desse suporte visual.

Ta Ouy Hong dispensa o apreço pelas marcas, Sophie conta com seu corpo em busca de algum vestígio passado, Frédérique se tatua, pois não confia em memória, Elie tenta materializar a possibilidade de transmissão de experiência, forjando uma espécie de papiro, um pergaminho que comporta um vivido que deve ultrapassá-lo. Falando sobre os sobreviventes dos campos, diz Elie: “[...] os que restaram adquiriram uma nova identidade, eu fui o B7572; se poderia pensar que um número não é uma grande coisa, mas um número não deixa de ser uma existência”. No caso da produção que nos apresenta Sophie Bredier, penso na imagem, ou marca, como o que tenta resistir à perda daquilo a que nunca se teve acesso. Sophie parece tanto não querer renunciar a suas memórias fugazes, quanto [sem que o saiba] erguê-las. Imagens, tanto como tentativa de acesso a uma memória indisponível, quanto acesso à possibilidade de uma ficção, sem que essas marcas sejam a condição imperativa de uma ficção, mas aqui sendo o que dispara sua construção. A cineasta resiste à perda do supostamente verídico, a narração da resistência tecendo as memórias pelas quais tanto busca.

Que espécie de garantia seria essa que as marcas oferecem? A da ilusão de reconstituição das cenas que as imprimiram? A mesma garantia que teríamos a partir das narrativas que nos são oferecidas? Das lembranças alheias, que se tornam próprias? Do impróprio ao próprio, lembranças e narrativas alheias a partir das quais a ficção verídica do que somos vai sendo possível⁵⁹. Talvez a garantia seja de fato a de uma ilusão, que não se

⁵⁹ “Não há nada de ‘mais real’ que a ficção, não há nada ‘por trás’ da ficção. Nosso *eu* é uma ficção construída, no lugar de um dejetivo corporal qualquer, que necessita o reconhecimento do outro para que se torne algo possível de compartilhar”. In: COSTA, Ana. **A ficção do si mesmo**, 1998a, p. 74.

sabe ilusória, de acesso às origens. Diante da falta dessas narrativas, e face à ‘necessidade’ de um suporte⁶⁰ que dê sustento a essa experiência fictícia, se conta com o corpo, tanto como depositário do discurso indisponível, como o que pode disparar uma produção discursiva.

Marcas no corpo, impressões deliberadas, cicatrizes como “traços indeléveis”, como “lembranças da pele”, segundo o especialista consultado para que pudesse, senão afirmar a origem das cicatrizes de Sophie, ao menos lhe dar algumas pistas de suas impressões, mas o mais importante, lhe dar certeza de que não se apagariam. A esse respeito, uma bela passagem de Gagnebin, que em seu livro *Lembrar, Esquecer, Escrever* nos oferece a seguinte reflexão:

Notemos que o rastro, na tradição filosófica e psicológica, foi sempre umas dessas noções preciosas e complexas [...] que procuram manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença. Seja sobre tabletes de cera ou sobre uma “lousa mágica” – essas metáforas privilegiadas da alma –, o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente⁶¹.

O problema, diz o especialista, é que apesar de ter sua história marcada por esse traço, sua causa não está dada, é preciso decifrá-la, o que não é simples. Ou seja, a origem dos vincos na pele, a busca do objeto perdido; a possibilidade está no movimento retroativo de busca, pois sendo o objeto inacessível, a potência, o que se pode, é o próprio movimento.

Marcas impostas e deliberadas, lembrança e esquecimento, traços silenciosos... Tanto o suporte das marcas [imagens] e traços, quanto a potência do silêncio e do esquecimento sendo o suporte de uma possibilidade.

2.3 LITERATURA: “Espere, está na ponta da língua”

“Parece que sua memória está em ótimo estado. A propósito, e o senhor como se chama?”, pergunta o médico que se ocupa do paciente em recuperação. Yambo responde: “Eu me chamo Arthur Gordon Pym”⁶².

⁶⁰ Palavra que concebo de modo bastante vasto, sendo possível o suporte de uma fala, um escrito, uma imagem e mesmo o outro.

⁶¹ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Memória, história, testemunho*, p. 44.

⁶² ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*, p. 12.

Giambattista Bodoni, o Yambo de “A misteriosa chama da rainha Loana”, já não dispõe de sua própria história. Na obra de Umberto Eco, após um acidente que o faz perder a memória, Yambo está em busca de si mesmo, sem ao menos poder contar com o conhecimento de seu nome próprio. Dispondo essencialmente de passagens literárias, as quais toma como experiências suas, acompanhamos seu trajeto, uma tentativa de reconstituição do passado. Antes do acidente, o personagem de Eco, um colecionador de livros raros, vinha em busca de textos a respeito da neblina, reunindo extratos literários. É com o que pode contar, a própria literatura, no momento em que já não dispõe de sua história, a narrativa literária lhe conferindo a possibilidade de experiência a ponto de tomar como seu o nome do personagem de Edgar Allan Poe⁶³. Em uma conversa com sua esposa, Yambo fala a respeito de uma viagem, o que poderia lhe fazer bem. Ele argumenta que ficar apenas em seu estúdio é um tormento, vê “[...] só e sempre o mesmo pedaço de Milão”⁶⁴, ao que Paola responde:

- Paris ainda é muito cansativo para você, viagem e tudo mais. Deixe-me pensar.
- Certo, Paris, não, *a Moscou, a Moscou...*
- A Moscou?
- É, Tchecov. Você sabe que as citações são meu único farol na neblina⁶⁵.

No sentido oposto ao que acontece no caso de Sophie, cujos pais não sabem muito a respeito de sua origem, Yambo conta com Paola, com Carla e Nicoletta, suas filhas, Amalia, responsável pela casa de Solara, local importante na obra de Eco, espécie de relicário familiar ao qual se dedica Yambo em busca de seu passado. Arrolando informações pessoais como se um desconhecido estivesse em causa – o que não deixa de ser o que acontece –, pergunta Yambo: “Paola, eu sou formado em quê?”. Gianni, amigo presente em sua vida desde a infância, lhe diz: “Você vende livros que custam mais que um Porsche, sabia?”⁶⁶. No capítulo “Uma memória de papel”, o personagem está em Solara, vasculha livros, revistas, tudo o que na casa pode ter relação consigo. Paola, ao ver o marido entretido demais com textos que julga de gosto duvidoso, faz a objeção a Yambo, que lhe responde: “Não é culpa minha se o tal sujeito que quero encontrar devorava paraliteratura”⁶⁷.

Com essa exposição inicial da obra de Eco, a partir do que se pode e de quem pode dizer sobre alguém, retomo a questão dos testemunhos. Eles são tanto as falas que levantam

⁶³ POE, Edard Alan. **O relato de Arthur Gordon Pym**. Porto Alegre: LP&M, 2002.

⁶⁴ ECO, Umberto. *Op cit.*, p. 64.

⁶⁵ Idem, p. 67.

⁶⁶ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**, p. 43.

⁶⁷ Idem, p. 166.

questões em que me detenho, quanto o aporte que elucida as questões por eles postas em cena. O testemunho é também moebiano, uma forma de saber. Proponho uma classificação dos relatos que recolho, sem que com isso queira pôr sobre eles um rótulo que os deixe impermeável a uma nova abordagem; procedo dessa forma apenas para tentar observá-los com mais de proximidade, com a minúcia própria à identificação de suas potências. Penso em quem é o tema [ou objeto] do testemunho, quem os profere, a quem são destinados, quem os solicita, trabalhando com os desdobramentos que essas falas permitem.

Vemos nos testemunhos os relatos de experiências próprias e alheias. Sobre a experiência autoral: falo a respeito de mim mesmo. Isso tanto se dá como iniciativa própria [o que faz o personagem de Chico Buarque – sobre quem falo mais adiante –, o que faz Sophie Bredier em alguns momentos, o que se produz em análise na presença do outro...], quanto como consentimento a um pedido [caso dos estrangeiros que discorrem sobre a língua, por exemplo, que o fazem atendendo a um pedido meu]. Já com o testemunho sobre o alheio, falo a respeito do outro. Tanto a iniciativa própria [Kureishi e Cony falando sobre seus pais], quanto a solicitação de alguém [o que Yambo pede à sua família, amigos... Caso dos testemunhos impossíveis de Sophie, seu pedido aos pais, por exemplo].

Há, desse modo, a produção testemunhal sobre si e o outro, que esses testemunhos queridos sejam possíveis ou não, pois mesmo à ocasião da impossibilidade do testemunho que se quer, se produz narrativa, seja a de um simples “não sei”, “não tenho como dizê-lo”. O efeito disso seria um novo autor para o testemunho, visto que essa impossibilidade incumbiria a quem solicita o relato a tarefa de arriscar sua produção. Chego, assim, ao ponto em que é fundamental destacar que não há quadros limpos. Com os escritores Cony e Kureishi, a evidência de sua implicação nos relatos sobre seus pais está dada. Em alguns momentos, o que é dito a Yambo não parte de um pedido seu; no entanto, visto que o personagem é sabido em uma busca constante, difícil seria definir em quem está a iniciativa que gera o testemunho. O que se produz em análise também diria de um demanda cujo sentido vacila, podendo o silêncio desempenhar esse papel: “Uma folha em branco é como o silêncio do analista, igualmente provocante e no fim tão reveladora das dimensões da personalidade e do desejo quanto ele [...]”, diz Kureishi⁶⁸. Finalmente, a proposta de classificação dos testemunhos se presta sem dúvida mais a seus desdobramentos do que a encerrá-los num modelo estanque.

⁶⁸ KUREISHI, Hanif. *No colo do pai*, p. 183.

O que de moebiano haveria aí seria esse ponto de partida, nem sempre podendo ser atribuído a um ou a outro. Para além dessa origem indefinida, o moebiano está também no que se compartilha como conteúdo do que se solicita; naquilo que da história de Yambo concerne também aos que a narram, no que a história da vida paterna diz também dos filhos. Tanto no próprio, quanto no alheio, esse contorno sendo um vacilo, o circuito que parte de um ao outro se produzindo de fato como continuidade. Penso na identificação que escapa aos estrangeiros; os momentos de falha na língua, ou pela língua, não se traduziriam em uma interrupção, pois há nela algo que não se pode compartilhar? Assim, o que leva ao relato de experiência é o desejo de inscrição no campo social. Não exclusivamente a representação de si a partir do relato próprio ou do outro, mas o próprio outro como testemunho[a] de si. Na instauração do contínuo, o si mesmo como experiência compartilhada. Como nos diz Ana Costa – me permito a repetição de uma passagem citada em nota de rodapé na página 41: “Nosso *eu* é uma ficção construída [...] que necessita o reconhecimento do outro para que se torne algo possível de compartilhar”.

Tanto a inscrição no campo do outro, como sua acolhida, donde a discussão sobre a hospitalidade. Sua acolhida possível quando esse outro não representa uma ameaça à integridade identitária própria, como diz Gagnebin:

Essa abertura ao outro [...] só é possível porque o rei arcaico está seguro de sua linhagem, de seus ancestrais, portanto, de seu papel social, de seu poder e de sua função. Ele não sente de modo algum que sua identidade possa estar sendo ameaçada pelo estrangeiro [...]. Assim, paradoxalmente, pode-se dizer que o acolhimento incondicional ao outro, ao estrangeiro, é certamente uma figura utópica da hospitalidade, tal acolhimento só pode realmente se efetivar quando esse outro não é, de fato, tão estranho, [...] isto é, quando ele fala a mesma língua ou a mesma linguagem, e quando o anfitrião, o proprietário da terra, está de tal modo seguro de sua estabilidade e de seu status que nem mesmo os tematiza, pois nada pode perturbá-lo. O outro, nesse caso, não coloca em questão o lugar do próprio⁶⁹.

Voltemos à “A misteriosa chama da rainha Loana”. A certa altura, o personagem de Eco se queixa, pois o que encontra em Solara não diz respeito apenas a si mesmo, mas a toda uma geração. Qual o destino de uma história pessoal que não se compartilha? Volto a pensar em Sophie; o desconforto proveniente das incertezas de sua história se produz, suponho, porque não apenas Sophie não acede à narrativa de suas origens, mas mais ninguém tem esse acesso. Penso em Yambo; Paola, Nicoletta, Carla, Amalia e Gianni não são apenas quem pode reconstituir sua história na tentativa de, senão fazê-lo lembrar de algo, ao menos dar notícias a

⁶⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro, p. 39.

Yambo acerca de si mesmo. Cônjuges, filhos, empregados, amigos, eles são os depositários da experiência de alguém, um registro de sua história, são as testemunhas daquilo sobre o que os protagonistas poderiam testemunhar.

Falava ao fim da página 43 sobre as narrativas possíveis ou não, sobre mesmo à ocasião de um “não sei” haver produção. Retomo tal passagem, pois com Yambo identifico algo semelhante; com Sophie, a potência do acesso negado, com Yambo, a potência do esquecimento: “Deve-se realmente almejar a última revelação se, uma vez percebida, mergulha-se na escuridão? [...] Talvez devesse parar, visto que a sorte já me dera o esquecimento”⁷⁰. Há um momento no texto de Eco em que seu personagem recobre a memória, mas numa espécie de morte. Ele é capaz de lembrar tudo, ou quase, mas estando em coma, decorrente de uma crise de pressão, a qual teve lugar após a mesma revelação que precede o primeiro acidente e o faz perder a memória, a de que Lila, seu amor juvenil, morrera logo após o término do liceu; “[...] peregrinei durante quarenta anos ao redor de um fantasma”⁷¹. O coma vem após esse anúncio feito por Gianni, mas contra sua vontade, visto o dano que a revelação já havia causado, e também logo após Yambo encontrar o in-fólio, de 1623, “[...] completo, com poucas manchas de umidade e amplas margens”⁷², de Shakespeare. “A emoção me embaralha as ideias, sobem ao meu rosto lufadas de calor. É seguramente o grande golpe de minha vida”. Em seguida, a neblina do coma, que lhe devolve lembranças, mas de certa forma lhe tira a vida. Ou melhor, vivo Yambo está, mas já não domina seu corpo, e vive na clausura de quem apenas pode ser espectador do que o cerca, sem de fato atuar deliberadamente na cena de que faz parte; o personagem de Eco está agora na clausura do coma, restrito à névoa que sabe dele. Após a completude e alcançar a informação que tanto buscava, a do paradeiro de Lila, há o mergulho na escuridão, ou seja, a condição da vida sendo a incompletude, a condição do vão entre o que se procura e o que se pode achar. Logo após o instante de completude que tolhe a vida, o paradeiro de Lila se tornou mais uma vez indisponível, e por mais que Yambo se esforce, seu amor juvenil lhe escapa mais uma vez.

Sobre a revelação não do que se busca, mas uma outra, o inacessível do que se quer, volto a pensar em Sophie. Conversando com os pais sobre o dia em que chegou à França, eles contam que às dez e meia da manhã estavam em casa, a mãe diz que preparou algo para que a filha comesse e a pôs na cama. À tarde, foram comprar roupas e sapatos, Sophie ainda usava

⁷⁰ ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*, p. 134.

⁷¹ Idem, p. 292.

⁷² Idem, p. 297.

suas roupas coreanas: um vestido e um casaco vermelho. Ao procurar pela foto desse dia, veem que a menina usava calças e um casaco branco. Sophie lhes pergunta: – “Que vestido é esse de que vocês falavam?”, o pai pergunta à mãe – “Que casaco vermelho é esse que tínhamos na memória?”. Se pudermos nos pôr diante do ‘fato’ [a foto que fala da roupa], a memória que se supunha fato revela-se apenas perda. O nosso fato psíquico não é fatural. Mas no caso, a perda é a da verdade cristalizada, que não ganha outra saída senão a de assumir o papel de ficção. Algo que vemos também junto a Yambo; a grande rainha Loana, construída pelo tempo da ausência, uma vez reencontrada em meio às buscas na casa de Solara, desmorona. O fato perdido se transforma em realidade psíquica:

Você lê quando criança uma história qualquer, depois a faz crescer na memória, transforma, sublima e acaba elegendo como mito uma história desprovida de qualquer substância. De fato, o que fecundara minha memória adormecida não era, evidentemente, a história em si, mas o título. Uma expressão como a misteriosa chama enfeitiçara-me, para não falar no doce nome de Loana, embora na verdade não passasse de uma lambisgóia mimada fantasiada de devadássi⁷³.

Como se pode acatar essa verdade que desmorona? Isso que o tempo e a ausência fazem com o fato? Creio ter dito na página 32 algo que pode ser uma resposta a essas questões. O fato, neste momento, seria uma espécie de prova de veracidade, mas o que, claro, não tem mais importância do que o discurso que o sustenta. Ele é exposto dessa forma apenas com o intuito de melhor ilustrar a passagem do documentário que descrevo. O tempo que decorre e a ausência nos permitem jogar sobre o passado novas atribuições. Tempo, ausência e suas impiedosas ações. Finalizando, conto com Kureishi e uma de minhas voluntárias, Olívia. Seus relatos se dão no mesmo sentido do que diz Yambo:

Acredito que todas as pessoas tenham uma espécie de memória da família, das gerações passadas, que é um pouco memória, um pouco imaginação, que se constrói a partir do que os pais e avós nos contam. Eu tinha essa memória de Montevideu e do Uruguay. Eu “conhecia” a Montevideu dos anos 40 e 50, por exemplo. Mas do Brasil, eu só tinha memória a partir do ano 71, que foi quando meu pai veio trabalhar em Porto Alegre.

[...]

Pois bem, várias pessoas da família do meu marido, mas especialmente o avô, se encarregaram de me passar essa memória. O avô me contou detalhes impressionantes de Porto Alegre e do Rio de Janeiro e o fez repetidas vezes, já que ele esquecia que já tinha me contado antes. Foi como um “intensivo” das histórias de família, que são contadas repetidas vezes na infância e na adolescência, mas em menos tempo, em um lapso de dois ou três anos e na idade adulta, entende⁷⁴?

⁷³ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**, p. 253.

⁷⁴ Olívia.

Há certos tipos de conhecimento que exigem cautela, informações a respeito dos pais que não temos certeza se queremos digerir, como se quiséssemos cristalizar uma ideia a respeito deles e tocar nossa vida pra frente. Por outro lado, a ignorância voluntária não é uma boa coisa.

[...]

Tendo estudado meus pais de perto até o final da adolescência, e pensado ou sonhado com eles na maioria dos dias desde então, boa parte do que “sei” deve ser suposição e fantasia. Desconfio de que não poderia ser de outra maneira⁷⁵.

Para encerrar, trago Blanchot, citado por Fédida, e suas considerações sobre o esquecimento.

Esquecer não é somente uma falta, uma imperfeição, uma ausência, um vazio a partir do qual nos lembraríamos [...]: o esquecimento, nem negativo, nem positivo, seria a exigência passiva que não acolhe nem retira o passado, mas ao designar nele o que jamais teve lugar (como ao que virá aquilo que não saberá encontrar seu lugar em um presente), remete às formas não históricas do tempo [...]. O esquecimento apagaria o que nunca foi inscrito: traço pelo qual o não escrito parece ter deixado um traço que seria necessário obliterar [...]⁷⁶.

O esquecimento apagaria o que nunca foi inscrito, designa no passado o que nele jamais teve lugar. Sophie resiste à perda daquilo a que nunca se teve acesso. Sua resistência narra as memórias que não possui de seu passado coreano. A narrativa, assim, tecendo as memórias que busca. Vejo que nesse espaço de criação se encaixam não apenas o esquecimento de Yambo, a ausência que toma conta de Sophie, mas também outras potências: o fato de se poder deliberar, ou seja, Elie e a origem que escolhe para sua nova cicatriz, o rompimento com uma causa imperativa; a potência de não poder se desamarrar das origens [Claude], no sentido de não poder se alienar da mesma forma à língua que adota, ou seja, a potência da impossibilidade na língua do outro, o que pode ser potência criativa; a da ausência dos pais [Kureishi e Cony] e sua possível reinvenção. Claro, no caso de Kureishi há uma história que talvez dê menos espaço à invenção, o registro da adolescência paterna, mas que não impede a ficção. Em todos os casos, a potência é a perda irrecuperável, a do fracasso que leva à reinvenção. Com Beckett, uma dica valiosa: ‘Tente de novo, fracasse de novo, fracasse melhor’.

⁷⁵ KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**, p. 19.

⁷⁶ BLANCHOT, M. *L'écriture du desastre* *apud* FÉDIDA, Pierre. **O sítio do estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1996.

2.4 LITERATURA: “É uma boa palavra, zil, muito melhor que campainha”

Chico Buarque põe em cena uma ficção na qual tanto os deslocamentos entre a cidade do Rio de Janeiro e a de Budapeste – e tudo o que disso decorre –, quanto as línguas portuguesa e húngara são o destaque:

Ela, suplicante: de novo! Eu, idiota: aí estou chegando quase! Ela, que nem era muito de rir, estava às gargalhadas por causa da porcaria de um advérbio mal empregado: só mais uma vez! Naquele dia entrei em casa com o propósito de acertar as contas e dar por encerrado aquele curso de merda. Mas antes de partir faria um pronunciamento em língua portuguesa, num português brasileiro e muito chulo, com palavras oxítonas terminadas em ão, e com nomes de árvores indígenas e pratos africanos que a apavorassem, uma linguagem que reduzisse seu húngaro a zero⁷⁷.

À ocasião dos primeiros contatos com o idioma húngaro, ainda sem conseguir decodificar a língua, José Costa, personagem de Budapeste, dizendo ser incapaz de compreender uma única palavra do idioma desconhecido, diz sequer ser capaz de em meio ao som contínuo da nova língua “[...] destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro”⁷⁸.

Declaração de Chico à palavra, a construção engenhosa de Budapeste vai se dando sobre o que se estabelece como relação entre José Costa e os idiomas que o envolvem, em torno das ingerências supostas de um sobre o outro (personagem e língua), em torno da língua como condutora da narrativa que vai sendo construída. Da língua sem emendas à correção das baboseiras dos grandes nomes da literatura húngara – pois nem mesmo os mestres podem estar sempre inspirados –, duas belas imagens: a primeira, a do rio cortado a faca, o contínuo de uma língua que não se entende, mas se ouve. A segunda, a da adoção – e também espécie de devoção – de uma nova mãe, que se escolhe, como diz Costa em passagem que trago a seguir. O movimento de passagem de uma imagem a outra, assim como a chegada àquilo que corresponde ao domínio, são alvos do que aqui exponho. Antes, algumas considerações acerca da trama.

José Costa parece essencialmente querer exaltar a língua portuguesa, isso enquanto ainda trabalha na Cunha & Costa – agência de redação de textos por encomenda –, ainda está no Rio de Janeiro e não foi arrebatado pelo idioma húngaro. Exaltá-la a ponto de ser esse o

⁷⁷ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 66

⁷⁸ Idem, p. 8.

seu prazer, ficando na agência até altas horas, sob a desconfiança da esposa, para que pudesse ler, reler e trabalhar seus textos. Mais tarde, já em Budapeste, o regime parece ser o mesmo. Quando a idolatria pelo texto de excelência parece tê-lo levado à mestria do novo idioma, Costa registra em húngaro seu amor pela língua ao ensaiar pequenas correções em textos alheios. Amor que faz com que tente se servir das línguas numa espécie de direção cênica anônima, atribuindo a si mesmo o papel de quem as manipula, sendo um diretor [ausente da cena] e tendo a ingerência da representação. José Costa está à sombra, cedendo espaço à palavra, mas com o fim de dominá-la e ser seu gestor.

O modo como Chico expõe seu personagem em meio a essa exaltação merece mais algumas considerações. Ainda no Rio, José Costa diz a certa altura que um de seus grandes prazeres é o de se sentar em bares de Copacabana onde sabia que as pessoas que folheavam uma publicação com textos seus iriam comentá-los; bons comentários, os quais Costa daria um jeito de inflar através de opiniões negativas, o que deixava exaltado quem tinha lido os textos, a ponto elogiá-los ainda mais. Quanto aos comentários negativos, José os acatava, mas apenas como tática, pois nesse caso o intuito era encerrar o assunto. Tão envolvente quanto o que o personagem faz em nome da vaidade é a abordagem de José por esses leitores desconhecidos: “É que comigo as pessoas sempre puxam assunto, julgando conhecer de algum lugar este meu rosto corriqueiro, tão impessoal quanto o nome José Costa; numa lista telefônica com fotos, haveria mais rostos iguais ao meu que assinantes Costa José”⁷⁹. O anonimato de sua postura – exigência a um *ghost writer* –, o anonimato do seu rosto e do nome, como se o tempo todo José Costa não passasse de alguém que está nas coxias, de uma ausência que espreita. Há tantos como ele, que acaba sendo imperceptível. Ou melhor, e o que no fim dá no mesmo, sempre reconhecido como idêntico a um outro.

O trânsito entre Rio e Budapeste é apresentado com as minúcias que cabem a cada lugar, com o que de particular cada cidade produz, mas também com as repetições que vão se produzindo, novo país e nova língua dando lugar à novidade do mesmo. A primeira visita a Budapeste é na verdade o primeiro contato com a língua húngara. Tendo permanecido na cidade apenas uma noite, tempo de escala imprevista necessário para o reparo de um suposto problema em seu avião, os poucos comentários que faz acerca do lugar são os comentários sobre a língua que não decodifica, e que, no entanto, parece arrebatá-lo. Em seguida, Costa volta a Budapeste, de férias e sozinho, pois Vanda, sua esposa, não aceita acompanhá-lo a um

⁷⁹ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, 102.

destino em que não vê sentido algum. A estadia ultrapassa suas férias, José conhece Kriska, quem lhe diz que a língua magiar não se aprende nos livros. Kriska é a mulher com quem se envolve em Budapeste e seu referencial de mestria em húngaro, alguém rígido e pleno de purismos, proibindo a Costa o uso de estrangeirismo, recusando a si mesma o uso da palavra perdão – pois a considera um galicismo –, sendo a vigília que pode detectar – o que também o personagem de Chico rechaça como pode – sinais do estrangeirismo de Costa, que se dariam a ouvir por uma eventual pronúncia desajeitada. Em uma terceira ida à capital húngara, empregado no Clube nas Letras como trabalhador braçal, mas justamente por estar no Clube e ter acesso a discussões em sua língua de adoção, Costa aperfeiçoa seu húngaro, habilidade que lhe dá a ideia de reparar o que, segundo ele, subestima a potência do idioma. Revisando algumas atas de reuniões, diz Costa: “[...] nem mesmo escritores do calibre de um Hidegkuti István, por exemplo, podiam se mostrar inspirados todo santo dia. [...] Então, para preservar a reputação de uns e outros, fui tomando a liberdade de substituir certas baboseiras por tiradas de espírito, de minha autoria”⁸⁰.

Assim que confere a si mesmo a certidão de domínio do idioma húngaro, com esse gesto, o que Costa faz se traduz em uma repetição, mesmo afirmando ter a impressão de ao aprender uma nova língua ter uma boa sensação, como se a vida fosse recomeçar do zero. Enquanto não recebe encomendas, José Costa, no sentido de quem ainda se dirige à nova língua como a uma mãe adotiva selecionada, se limita à correção de textos alheios. Mais tarde, sua relação com o húngaro assume a forma do que Costa fazia no Brasil, ou seja, as criações textuais são suas, e o anonimato, ou como o próprio personagem diz, a sombra, mais uma vez é o lugar em que Costa se acomoda. O novo, a possibilidade de reinvenção, mas também o que desemboca em algo que Kureishi nos apresenta com sua sensibilidade habitual: “Uma novidade serve como desculpa para outra atitude igual. Assim a gente sabe onde está”⁸¹.

Temos em Budapeste:

Preguiça eu não conhecia, no tempo em que atendíamos numa sala três por quatro no centro na cidade. Atendia eu, na verdade, porque o Álvaro passava os dias na rua, fazendo contatos, tomando providências. Quando ainda anunciava a agência nos classificados, ele mandava imprimir em negrito a palavra confiabilidade⁸².

Chico Buarque complementa:

⁸⁰ Idem, p.129.

⁸¹ KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**, p. 16.

⁸² BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 14.

E um dia tive a ideia de publicar um anúncio, me oferecendo para redigir monografias, teses, discursos e peças de ficção, no Clube das Belas Letras. Não sei se era muito ético divulgar o endereço do clube com objetivos pessoais [...]. Porém me parecia improvável que os membros do clube, homens de sofisticadas leituras, se dessem a ler classificados; em todo caso, para evitar problemas, assinei o anúncio com o nome de Puskás Sándor, escrivão. E fiz imprimir em negrito a palavra *bizalomgerjesztő*, isto é, confiabilidade⁸³.

O alhures onde mais uma vez a novidade está à serviço do igual, mas não apenas isso, o igual de um rigor maior. Obediência àquilo de que talvez queiramos nos desvencilhar:

Talvez meu pai quisesse iniciar uma nova vida, desvinculada da antiga, sem religião ou passado, sem sua própria língua, como aquelas pessoas nos filmes que tentam arranjar uma nova identidade fingindo ser outra pessoa – em geral, alguém que mataram. Mas não dá certo: no final da vida, ele escreveu seu “romance”, no qual a competitividade e a sensação de fracasso que a acompanha parecem mais frescas e fortes do que nunca⁸⁴.

O problema é que abandonamos o lar e recriamos a vida doméstica em outro lugar, onde o regime que instauramos é ainda mais fervoroso, a obediência é ainda maior⁸⁵.

Eu me empenhava em falar um húngaro tão rigoroso que talvez por isso mesmo ele soasse falso. Talvez uma palavra aqui ou acolá, pronunciada com esmero excessivo, chamasse a atenção como um olho de vidro mais real que o bom⁸⁶.

Com a passagem acima, retomo a noção de domínio proposta na página 29. José Costa, por mais empenho que despenda e que se disponha ao idioma húngaro – que tente adotá-lo e estar a seu serviço –, parece se ver às voltas constantemente com o que não passa de uma tentativa de domínio, no sentido de se deixar usar pela língua e estar entregue a ela. “Confesso – e me sinto envergonhado por isso – que falar português para mim sempre acarretará um esforço: para falar corretamente, para ser entendido, para não provocar equívoco”, diz Claude em outro trecho de seu testemunho. Empenho, rigor, esmero e esforço. Tanto a palavra domínio, quanto as imagens que destaco na obra de Chico remetem à primeira de duas dicotomias em que penso a partir do seu texto: disponibilidade e domínio.

Imagens, palavras e pares de palavras que remetem a extremos, como se pudéssemos falar de início e fim, salvo que “[...] ao fim, sempre escrevemos o começo [...]”,⁸⁷ e novamente não há emendas. Da disponibilidade ao domínio, uma dicotomia que nos auxilia a

⁸³ Idem, p. 130

⁸⁴ KUREISHI, Hanif. *Op cit.*, p. 45.

⁸⁵ Idem, p. 12

⁸⁶ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 128.

⁸⁷ RICKES, Simone. Notas sobre a transmissão da diferença. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA**, Porto Alegre, v. 28, p. 119, 2005.

abordar a ideia de que se percorre um trajeto. Disponibilidade e domínio seriam o par de palavras que emprego como as margens do trânsito possível pela língua.

Costa está disponível à entrega, à língua a quem pede adoção; domínio, claro, empregado com cautela. Domínio e embate, ponto de giro e muralha intransponível. A situação de impotência diante da qual o estrangeiro nos põe podendo se dar em qualquer estrato de domínio da língua, mas trato daquele que já diria de uma alienação, mais ou menos possível. O embate com a língua que se traduz em conhecermos as palavras em que se quer chegar, mas senti-las inacessíveis. O que o materno supostamente permitiria. Algo que talvez não se adquira tão facilmente na língua estrangeira e que falhe naquilo que é precoce da relação do sujeito com a língua. Justamente, o ‘se servir da língua’ como o que não sofreria inversão, ou seja, não sermos usados por ela, a impossibilidade de que ela se sirva de nós. Adoto a palavra domínio como o ponto de giro de que falei anteriormente, o que permite tanto a possibilidade de subjetivação em língua estrangeira, a nova condição interpretante do sujeito da língua fundante, quanto o que põe o sujeito diante da muralha da qual não passa. Com essa dicotomia, a imagem do que está entre as margens parece mais nítida. Finalmente, parece ser essa a imagem que atravessa as outras dicotomias em que também me apoio, havendo sempre um trajeto que leva de um ponto ao outro, o aceite de uma nova posição para que a verdade se saiba ficção, o arbitrário não seja mais experimentado como motivado. Sobre disponibilidade e domínio, teço ainda algumas considerações.

Em seu texto ‘Um olhar para o século XX’, Amadeu Weimann fala sobre a clínica psicanalítica como uma “[...] aposta nos efeitos terapêuticos de colocar em palavras imagens de sofrimento”⁸⁸. Tanto as palavras que nomeiam as imagens de sofrimento, quanto as imagens que sustentam as palavras que têm a potência de movimentar a travessia. Assim como o rio cortado a faca, penso no que também não deixa de ser uma imagem, a do contínuo proposto por um exercício de um método de língua francesa usado à época em que eu estudava o idioma. Nessa atividade, concernente aos primeiros passos no novo idioma, não havia espaçamento entre as palavras, e a proposta consistia justamente nisso, na inserção de brechas, contornos que impusessem emendas a uma continuidade incompreensível. Tal lembrança me ocorreu em função de, ao passar o arquivo deste texto de um computador para outro, sua formatação ter sido modificada. As palavras não reconhecidas pelo corretor, geralmente as estrangeiras, quando em sequência, foram dispostas sobre um único traçado

⁸⁸ WEIMANN, Amadeu de Oliveira. Um olhar para o século XX. *Correio da APPOA*, v. 207, p. 25-30, 2011.

vermelho, sem espaçamento. É o caso de uma citação de Godard, disposta da seguinte maneira:

“Le documentaire, c’est ce qui arrive aux autres. La fiction, c’est ce qui arrive à moi”.

Aqui também uma reflexão sobre o que faz corte, o tempo, a conexão entre as palavras. Não apenas mais uma imagem, o que sempre é um ganho, mas a impressão visual da língua sem emendas. Ou ainda, “experimentar a língua como um agrupamento de sons, ser retido à força na superfície das palavras, ali onde o sentido se esvanece”⁸⁹.

A situação de disponibilidade para o encontro com uma nova língua é uma situação em que o sujeito permite ou não se colocar, disponibilidade que deve acompanhá-lo em seu movimento de travessia rumo à dita mestria dessa língua. Essa situação concerne também à disponibilidade de desconstrução e remodelagem de uma ficção. Remete à coragem de assumir o desamparo, de o sujeito não mais estar ancorado nos consolos da autoridade, como diz a seguir Kureishi, e de sustentar sua condição faltante, assim como “[...] o certo fracasso na representação do ‘si mesmo’ que toda experiência carrega”⁹⁰. Isso engendra o empenho em novas buscas, talvez na tentativa de cumprir a missão de que fala Claude, ainda que se saiba impossível.

Freud chamava a análise de pós-educação, o que soa como um curso de extensão universitária; mas seu método consistia também numa desconstrução implacável da autoridade, dos pais, ditadores, líderes, e de nossa necessidade de tê-los. Sandor Ferenczi, amigo e um dos primeiros colegas de Freud, escreveu a respeito de colocar o analista-pai no lugar tanto do pai real, quanto do imaginário. Seria uma fase de transição, enquanto se aprende a viver sem os consolos e proibições da autoridade. No final, examinando todas as curas possíveis, vejo que o que cura é o amor: amor pelo conhecimento, pelo grupo e seu líder, e, na análise, amor pelo analista, que o redireciona para longe de si, no rumo de um novo amor pelo mundo⁹¹.

Passo à segunda das dicotomias que me ocorrem ao longo da leitura de Chico: anonimato e autoria. Que autoria se pode ter acerca do próprio? Há a suposição de que há autonomia, de que há autoria, até que surge o estrangeiro, o tal húngaro e faz com que o personagem de Chico veja seu nome em uma obra que, apesar de narrar suas experiências, nunca foi escrita por ele. O livro corresponde ao personagem, mas se trata de uma escrita à sua revelia. Costa esbarra em artigos de jornal que levam seu nome, o que independe de sua

⁸⁹ AUSTER, Paul. **A trilogia de Nova York**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 309.

⁹⁰ COSTA, Ana Maria Medeiros da. *A ficção do si mesmo*, p. 10.

⁹¹ KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**, p. 184.

vontade ou gesto deliberado, abandonando, sem que o tenha decidido, o anonimato, conquistando em húngaro o lugar que permite à língua falar nele.

De hábito, as dicotomias costumam ser contrárias e complementares, é o caso mesmo das que eu trago no começo do texto: familiar/estranho, arbitrário/motivado... O adjetivo ‘contrárias’, no entanto, não é empregado como aquilo que pode ser excludente. A conjunção ‘ou’ não deve estar entre os termos de cada par. ‘Contrárias’ penderia, na verdade, muito mais para a complementaridade do que para a oposição, e acredito que a palavra ‘oposição’ deva perder espaço para a palavra diferença. A questão do anonimato/autoria, no entanto, não passa exatamente por aí. A complementaridade também está em questão, mas não pela noção de diferença que ela pode veicular. Neste caso, há mais um relação de sinonímia ou mesmo de dependência, o anonimato sendo a condição da autoria. Creio ser importante destacar a essa altura que me detenho sobre os textos literários como o que pode apontar questões com que trabalho. Digo isso, pois não tenho a intenção de, por exemplo, ilustrar o determinismo inconsciente com a história de José Costa, analisando seu percurso de modo a conduzi-lo a um desfecho previsto pela teoria psicanalítica. Ainda que o aporte literário seja em várias ocasiões tão sensível quanto o aporte conceitual, a literatura não se presta integralmente àquilo que é estudado com a psicanálise. Se assim fosse, se pudéssemos falar de um percurso literário sempre tão regular, talvez ela não passasse de uma mera ilustração do que a psicanálise pode nos dizer. Analiso a potência dos extratos, dos fragmentos, sem, claro, esquecer fazem parte de um todo, mas me debruço sobretudo sobre a potencialidade do recorte, sem querer encaixá-lo em um restante ao qual ele imperativamente nos levaria. Acerca, então, do par anonimato/autoria, sobre o que o texto de Chico faz pensar: autoria seria sinônimo de ingerência. O autor de um texto não é quem o assina, mas quem o escreve. Os livros que José Costa escreve levam um nome, que não é o seu. O autor que estampa com seu nome os livros publicados não passa, na verdade, de quem assume o papel de autor, de quem é reconhecido como tal. No texto de Chico Buarque, não há autoria que corresponda a uma assinatura, a autoria é sempre outra, donde a lembrança da formulação de Freud: “O eu não é senhor em sua própria casa”⁹²; essa ingerência [senhorio] não nos é acessível egoicamente. Lacan também formula, ou melhor, retoma, algo nesse sentido: “Lá onde penso, não sou, lá

⁹² FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: _____ **História de uma neurose infantil.**

onde sou, não penso”⁹³, em seu seminário 17, formulação como espécie de reação ao cogito cartesiano de Descartes.

O anonimato é a condição do autor, à sombra. Em Budapeste, quem de fato fala daquele que assina um livro é sempre um outro, anônimo, estando à sombra. A autoria sendo essa instância obscura que fala do sujeito, impossível dissociá-la do anonimato. Assim como a neblina fala de Yambo, a sombra anônima é onde está a autoria.

A impotência diante daquilo que, egoicamente, José Costa tenciona gerenciar. No último capítulo de Budapeste, Costa se surpreende ao ser narrado, ao esbarrar na Hungria em “Budapest”, livro que não escreveu, e que no entanto narra sua história. Atormentado e sem saber como aquilo estava sendo possível, o personagem tenta em alguns momentos revelar-se, se dizer não responsável pelo livro que levava sua assinatura, mas em vão. Suas tentativas de se desfazer daquele script, de não mais estar vivendo o que o livro antecipava, são falhas. José Costa não escapa ao comando de quem o escreve, ao comando do saber do qual é objeto⁹⁴.

Chico Buarque escreve:

Em palestras, ainda tentava falar de improviso, tinha um ou outro lampejo de espírito, mas meus leitores já os conheciam todos. Eu ideava palavras estrambóticas, frases de trás pra diante, um puta que o pariu sem mais nem menos, mas nem bem abria a boca, e na platéia algum exibicionista se me antecipava. Era um enfado, era muito triste [...]. Por sorte me restavam os sonhos, e em sonhos eu estava sempre numa ponte do Danúbio, às horas mortas, a fitar suas águas de chumbo. E soltava os pés do chão, e balançava de barriga sobre o parapeito, feliz da vida por saber que poderia, a qualquer momento, dar à minha história um desfecho que ninguém previra⁹⁵.

Costa é o autor anônimo, que recebe o pedido de escrever no lugar de alguém; no Brasil, é o que acontece. Na Hungria, até que passe a receber encomendas, é como se esse pedido mudasse de sentido, pois em Budapeste, é Costa quem de início se aproxima dos textos alheios com o intuito de corrigi-los e dominá-los.

De início, apenas isso, pequenas intervenções. Quando se sente capaz de uma redação própria em húngaro, quando se deleita com as próprias palavras e com o domínio da nova língua – voltando a ocupar a posição de autoria anônima que ocupava no Rio de Janeiro –, Costa escreve “Tercetos Secretos”, ou melhor, *Titkos Háromsoros Versszakok*. A obra é publicada, uma autoria revestida com o nome de Kocsis Ferenc, escritor húngaro que aceita

⁹³ LACAN, Jacques. **Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁹⁴ COSTA, Ana Maria Medeiros da. A ficção do si mesmo, 1998b, p. 8.

⁹⁵ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 171

de bom grado os poemas redigidos por José Costa. No entanto, nem sempre parece ser fácil sustentar essa dominação: quando pensa ter chego lá, à ocasião do lançamento do livro escrito anonimamente por Costa, ele conta com Kriska para que seu júbilo desande: “[...] é que o poema não parece húngaro, [...] é como se fosse escrito com acento estrangeiro, Kósta”⁹⁶.

A respeito da escrita, cujos efeitos tomo neste trabalho como sinônimos dos efeitos do testemunho – seja qual for seu suporte –, nos diz Ana Costa:

Talvez pudéssemos imaginar dois pólos: um primeiro, no qual a singularidade é anterior à atividade de escrever, e um segundo, em que podemos pensá-lo como sendo posterior. No primeiro pólo que sugeri, existiria primeiramente uma experiência e, secundariamente, a necessidade de registro dessa experiência pela escrita. No segundo pólo, a experiência se constitui na própria escrita⁹⁷.

A respeito do quê, passo a Kureishi:

Incomoda-me, assim como a qualquer romancista, ver meu trabalho reduzido a autobiografia, como se eu tivesse apenas registrado os acontecimentos. Com frequência, escrever é tanto uma reflexão sobre a experiência quanto um substituto para ela, um “em vez de” no lugar de “reviver”, uma espécie de devaneio. É impossível desemaranhar a relação entre a vida e sua narrativa⁹⁸.

Penso ainda no efeito desse segundo pólo; a experiência que se constitui na escrita, o que dá na constituição de um registro. Registros que tanto dão forma – ainda que vacilante, sendo sempre remodelada – à experiência, quanto mantêm seu movimento, gerando mais uma produção, a de uma memória. Esses testemunhos não deixam de ser também o contorno de um tempo, a que se pode recorrer. Penso nesse efeito de registro também em função da retomada de meus próprios textos, que datam de alguns bons anos. Efeitos que vejo como um terceiro tempo, justamente o do resgate. Estava prestes a falar do tempo do reencontro – o que não deixa de ser legítimo –, mas falo com mais conforto do tempo do encontro, visto que a identificação com o escrito próprio se produz por vezes como experiência de alteridade. José Costa não se reconhece na narrativa de Zsoze Kósta, e que no entanto diz dele mesmo. Não o sujeito que narra, mas quem narra o sujeito. Não mais o escritor anônimo da Cunha e Costa, mas o sujeito falado pela Lantos, Lorant & Budai: “Eu não leria um livro que não era meu, não me sujeitaria a tamanha humilhação”⁹⁹. A própria história escrita por outro, esse Sr. ... a quem sequer se pode dar nome e que ao longo do texto de Chico ganha espaço no consentimento do personagem. Penso nas palavras de Manoel de Barros e no modo sensível

⁹⁶ Idem, p. 141.

⁹⁷ COSTA, Ana Maria Medeiros da. *Op cit.*, p. 9.

⁹⁸ KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**, p. 21.

⁹⁹ BUARQUE, Chico. *Op cit.*, p. 172.

como estão expostas no livro de Maria Paula Frota¹⁰⁰, uma imagem que parece apreender – justamente pela imagem da palavra – o movimento de continuidade, a inevitável volta ao começo de que venho falando há algumas páginas.

NãopodehaverausênciadebocanaspalavraspalavrasnasbocadeausênciahaverpodeNão

NãopodehaverausênciadebocanaspalavraspalavrasnasbocadeausênciahaverpodeNão

Não é mais José quem rege a cena, mas a encenação que se lhe impõe. Ele agora não rege, mas participa da cena. Talvez como integrante, talvez como expectador. Mas isso não seria o essencial, a questão está na ingerência, suposta, que já não é mais sua. Tendo Costa chegado a esse ponto de giro, é interessante pensar no que se produz como efeito da volta ao ponto de partida.

De volta ao Rio, e sem reconhecer a cidade ‘como a recordava’, uma brecha se instaura: da verdade à ficção, do motivado ao arbitrário, ou melhor, da verdade àquela que se sabe ficção, do abandono da impressão de motivação à experimentação da arbitrariedade. A encenação húngara de que Costa participa, sem gerenciar, lhe abre os olhos, e o que agora ele pode ver no Rio de Janeiro concerne a um descolamento concernente à língua portuguesa, que se transforma em figurino ou revestimento de algo, uma representação.

Temos então em “Budapeste”:

[...] as pessoas que eu topava, por mais que rissem e balançassem os corpos, não me pareciam afeitas ao ambiente. Às vezes eu as vias como figurantes de um filme que caminhassem para lá e para cá, ou pedalassem na ciclovia a mando do diretor. E as patinadoras seriam profissionais, ganhariam cachê os moleques de rua, ao volante dos carros estariam dublês, fazendo barbaridades na avenida. Acho que eu tinha conservado da cidade uma lembrança fotográfica, e agora tudo que se movia em cima dela me dava a impressão de um artifício.

[...] por uns segundos tive a sensação de haver desembarcado em país de língua desconhecida, o que para mim era sempre uma sensação boa, era como se a vida fosse partir do zero. Logo reconheci as palavras brasileiras, mas ainda assim era quase um idioma novo que eu ouvia, não por uma ou outra gíria mais recente, corruptelas, confusões gramaticais. O que me prendia a atenção era mesmo uma nova sonoridade, havia um metabolismo na língua falada que talvez somente ouvidos desacostumados percebessem. [...] havia anos e anos de distância entre a minha língua, como a recordava, e aquela que agora ouvia, entre aflito e embevecido¹⁰¹.

¹⁰⁰ FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora**.

¹⁰¹ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 154-155.

A defasagem que vai se desfazendo entre o rechaço e o consentimento de José Costa é o modo magistral de desfecho de Budapeste, o personagem consentindo o ajuste discursivo, a redefinição de uma posição.

Eu não leria um livro que não era meu, não me sujeitaria a tamanha humilhação. [...] Então coloquei meus óculos, abri o livro e comecei: Devia ser proibido debochar de quem se aventura... [...] Era como ler uma vida paralela à minha, e ao falar na primeira pessoa, por um personagem paralelo a mim, eu gaguejava. [...] eu já não hesitava em narrar passo a passo a existência tortuosa daquele eu. E por mais que padecesse aquela criatura, Kriska tampouco demonstrava grande comiseração. Pois se tinha pelo eu do livro alguma simpatia, era com seu desumano criador que ela se encantava. E a sós com ela, na meia-luz do quarto esfumaçado, cheguei mesmo a me convencer de ser o verdadeiro autor do livro. Já perto do final, eu sabia que ela se ajeitaria na cama, para recostar a cabeça no meu ombro. Deitou-se de lado na cama e recostou a cabeça no meu ombro [...]. E no instante seguinte se encabulou, porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo que o livro acontecia. Querida Kriska, perguntei, sabes que somente por ti noites a fio concebi o livro que ora se encerra? Não sei o que ela pensou, porque fechou os olhos, mas com a cabeça fez que sim. E a mulher amada, de quem eu já sorvera o leite, me deu de beber a água com que havia lavado sua blusa¹⁰².

José e Kriska não mais narram aquilo que experimentam, mas dando consentimento a uma inversão, atravessam a narrativa que fala deles.

¹⁰² Idem, p. 172-174

3 UMA PERDA DE QUE SE FAZ QUESTÃO

Divertia-se, Pisti, ao ver um homem grande olhando figuras em álbuns coloridos, um homem gago aprendendo a fala guarda-chuva, gaiola, orelha, bicicleta. Kêrekport, Kêrekpart, Kerékpar, mil vezes Kriska me fazia repetir cada palavra, sílaba a sílaba, porém meu empenho em imitá-la resultava quando muito num linguajar feminino, não húngaro. E era escusado ela perder a paciência, morder a língua, derramar o café, acender cigarros pelo filtro, eu tinha autocrítica; nos primeiros dias, estive mesmo persuadido de que, além de voltar a fumar, nada assimilaria de suas lições¹⁰³.”

Para ajustar o ouvido ao novo idioma, era preciso renegar todos os outros. Segui as recomendações de Kriska, exceto por meia dúzia de palavras em inglês, sem as quais não teria roupa lavada nem um prato de sopa no quarto do hotel. Deliberei por via das dúvidas jamais atender ao telefone, que aliás nunca tocou, e ainda renunciei a rádio e televisão, cuja propaganda local, segundo Kriska, andava infestada de estrangeirismos. Assim, depois de um mês em Budapeste, já me soava quase familiar a cadência das palavras húngaras, com a tônica sempre na primeira sílaba, mais ou menos como um francês de trás para diante¹⁰⁴.

Aí me veio o capricho de deixar uma mensagem depois do sinal, porque havia três meses, ou quatro ou mais, que eu tampouco falava a minha língua: oi, é o José. Havia um eco na ligação, é o José, dando-me a impressão de que as palavras estavam desgarradas da minha boca, Vanda, Vanda, Vanda, Vanda. E comecei a abusar daquilo, e falei Pão de Açúcar, falei marimbondo, bagunça, adstringência, Guanabara, falei palavras ao acaso, somente para ouvi-las de volta¹⁰⁵.

3.1 L'AMORT

Neste capítulo, trabalho com os testemunhos sobre a língua, que são apresentados inicialmente a partir da retomada de questões presentes no capítulo anterior. Assim como algumas passagens desses relatos já estavam presentes na exposição sobre o cinema e a literatura, conto mais uma vez com esses dois últimos registros como uma possibilidade de diálogo com as questões que desenvolvo a seguir. Trabalho com os relatos e seus desdobramentos, discorro brevemente sobre o processo de aquisição idiomática, assim como trabalho a dicotomia arbitrário/motivado, no mesmo sentido das teorizações feitas no capítulo 1 sobre os outros pares que dão ritmo ao movimento do texto. Com isso, resgato a interrogação que guia a escrita, qual seja, a dos limites impostos no uso de uma língua estrangeira. Inicio a exposição dos testemunhos com o resgate de alguns temas que foram surgindo em momentos anteriores do texto: a questão da hospitalidade trabalhada a partir de

¹⁰³ BUARQUE, Chico. **Budapeste**, p. 63.

¹⁰⁴ Idem, p.64.

¹⁰⁵ Idem, p.71.

Gagnebin, da acolhida do outro como o que põe em risco a própria identidade. Retomo também a noção de identidade sustentada no que se compartilha. Com esse último resgate, o contraste entre o testemunho de Yambo e o de Claude, o lamento de um por apenas alcançar lembranças que pertencem a toda uma geração – sem ter acesso ao que seria apenas seu – em oposição à decepção de outro, pois sua individualidade não pertence ao coletivo em que está inserido.

O acolhimento incondicional ao estrangeiro de que falava Gagnebin, ou seja, essa hospitalidade possível apenas quando a noção de identidade própria não sofre ameaça, dialoga com o relato de Claude que exponho a seguir. Belga residente no Brasil há mais de uma década, Claude é um estrangeiro. O brasileiro com quem ele se depara, também. São estrangeiros um para o outro, um sendo aquele em que o outro não se reconhece. Não se pode desconsiderar, entretanto, o entorno que os envolve. Tal discussão passa pela noção de território. Nesse sentido, estrangeiro passa a ser quem está em território estrangeiro. Se pusermos, no entanto, o foco sobre a noção de ameaça, é possível pensar em uma torção; a autora fala sobre a acolhida do estrangeiro pelo anfitrião, a ameaça sendo oferecida ao nacional por aquele que se desloca. Com Claude, também identificamos senão uma ameaça, no mínimo uma intimidação, mas que não tem um único destino, e nesse sentido falo de torção. O próprio estrangeirismo intimida o sujeito que está ancorado a um passado que ganha ares de constrição, de uma presença que tolhe. As origens são a ameaça que espreita Claude e Mélanie:

Aconteceu algo interessante essa semana. Voltando de carona com minha colega francesa Mélanie, no Renault Clio, eu contei pra ela que meu aluno havia apresentado Brel na sala e que tinha sido muito bom. Começamos a cantar juntos músicas de Brel e de Brassens, rindo e felizes: acho que de repente, estávamos recriando alguma conexão com nosso passado, isolado nesse carro pequeno como num núcleo, um pequeno universo que de repente estava livre das amarras do nosso estrangeirismo. Me pergunto se eu poderia ter isso com brasileiros: acho que não. Logo me vem uma pergunta: será que existe a mesma confiança, o mesmo entendimento, a mesma percepção do outro quando estou com brasileiros: acho que não, e isso é horrível¹⁰⁶.

Se posto diante do contraste que o brasileiro lhes oferece como obstáculo identificatório, seu passado lhes pesa. Assim, Claude e Mélanie estão ancorados à insistência de um tempo em estar presente. O mesmo contraste, no entanto, lança um novo jogo de luz sobre o passado que nessa circunstância é idealizado. O conforto de estar em casa e se

¹⁰⁶ Claude.

desfazer das âncoras é mais do que nunca sedutor. Gagnebin cita Edmond Jabès em seu texto: “Em um pequeno livro de 1989, Edmond Jabès já escrevia: ‘o que é um estrangeiro? Aquele que faz você crer que está em casa’”¹⁰⁷.

Em sua dissertação de mestrado, Adriano Bier Fagundes nos oferece um ensaio sobre “O desprezo”, filme de Godard do ano de 1963¹⁰⁸. A nostalgia é um dos conceitos que aborda Adriano Fagundes, nostalgia estando aqui permeada pelo que se pode dizer sobre um retorno à terra de origem:

A nostalgia é aquele pedaço de felicidade diante do reconhecimento de um passado doce que é invadido por uma amargura torrencial, pela melancolia da ausência, e da intangibilidade. A nostalgia é dolorosa por sua falta de clareza. Dessa forma, o indivíduo que tem a possibilidade de voltar é tomado por um grande estranhamento. Ele abraça o regresso na expectativa de que se encontrará exatamente com aquilo que perdeu no passado. Qual não é sua surpresa quando aporta no instante que ontem fora familiar, valise cheia de memórias, e é informado de que as coisas passaram. Aquilo que ele alimentava como a restituição de algo conhecido desmorona-se à sua frente. E o passado, que antes parecia tão perto, agora é lembrado como algo que não retornará. A nostalgia é o que fará esse senhor desavisado tomar consciência de que o passado vive ativo em suas memórias, mas que a realidade não se ajustará a elas, ‘como nos velhos tempos’¹⁰⁹.

O pequeno universo de Claude seria um desdobramento da afirmação de Jabès e do que diz Adriano, ou seja, a crença na apreensão possível do conforto passado. Esse estrangeirismo não deixa de ser amarra. O passado de que Claude fala em seu relato não se traduz na soma de experiências que pôde acumular, ele não é o mesmo passado de que queria se libertar em sua chegada ao Brasil, mas um outro:

[...] falar português para mim sempre acarretará um esforço: para falar corretamente, para ser entendido, para não provocar equívoco. Ao longo do tempo, isso cria uma coisa desagradável dentro de mim, diferente do que eu sentia logo no início da minha chegada no Brasil, quando eu me sentia empolgado, apressado de renascer diferente, na língua do outro, de largar minhas origens européias. Pouco a pouco, encarei a realidade do imigrante, perdi a ingenuidade do viajante que descobre o Brasil, como o fez Blaise Cendrars – que só ficou aqui durante alguns meses, entusiasta e deslumbrado diante do grande país. Hoje vivo o dia a dia dos brasileiros e minha condição de estrangeiro – *qui me colle à lapeau* – me incomoda muitas

¹⁰⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro, p. 45.

¹⁰⁸ Adriano Fagundes defendeu sua dissertação de mestrado neste programa de pós-graduação, orientado pela professora Analice Palombini, no dia 28 de março de 2012.

¹⁰⁹ FAGUNDES, Adriano. **Imagens a partir da vida danificada**: cinema em ensaios constelares. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2012.

vezes. Eu sei que nunca serei brasileiro de verdade, e que também não sou mais belga por inteiro: parece que sou condenado a andar entre duas margens¹¹⁰.

O passado com que lida nesse relato é aquele de alguém que, resignado, vê nesse tempo o espaço que seria o seu. O passado que agora o acompanha em seu destino de exilado [página 63] é, assim, a ameaça que o impede de ter no outro um lugar para si. Ele pode ser libertador, mas se for um registro sustentado por sua própria ausência. Não apenas ausente e assim ilusório, um recipiente das mais imponentes expectativas, mas é libertador sob a condição de que a ameaça esteja à espreita. Assim, o que também sustenta a ilusão de volta ao familiar como sinônimo de libertação é a ameaça, mas a que apenas espreita, nada além disso, sem os atingir. Estar em um espaço familiar é apenas confortável, pois se não somos mais estrangeiros, não há ameaça alguma da qual se libertar. O pequeno universo francófono, os dois estarem abrigados e protegidos em um carro como um escudo. Estar em uma casa aquecida e acolhedora é ainda melhor quando lá fora o frio agride e a chuva é torrencial.

Elaboro essa reflexão para me voltar à língua. Mais uma vez, a possibilidade e o conforto, a completude oferecida pela ausência da língua materna e a presença de uma outra. Com Patrice, o seguinte depoimento:

Tous les articles que j'ai écrit pour des revues psys (y compris brésiliennes), je les ai d'abord écrits en français puis fait traduire. Si je veux aller au plus près du sens, je dois les écrire en français. C'est le cas aussi pour répondre au mieux à ces questions. Quand je traduis le texte d'un autre (du portugais au français), je ne ressens pas cette difficulté et parvient à retransmettre les sentiments de l'auteur¹¹¹.

A redoma em que Claude se coloca constitui uma bela imagem. Dentro dessa espécie de bolha estéril, as amarras não os alcançavam. O estrangeirismo, visceral a ponto de sempre colado à sua pele, é vivido como uma condenação, a da margem, do que não passa de contorno. Estar à margem de um sentido a que não se chega, segundo Patrice. Para se aproximar ao máximo desse sentido, para que pudesse melhor responder às perguntas que lhe fiz, o francês é a língua de escolha. Eis mais uma passagem de Claude, ele mesmo abordando sua língua de adoção como um contorno, o revestimento nem sempre permeável ao território estrangeiro:

¹¹⁰ Claude.

¹¹¹ Tradução: Todos os artigos que escrevi para revistas psis (inclusive brasileiras), eu os escrevi em francês e depois mandei traduzir. Se quero me aproximar ao máximo do sentido, devo escrevê-los em francês. É também o caso para melhor responder a essas perguntas. Quando traduzo o texto de um outro (do português ao francês), eu não sinto essa dificuldade e consigo transmitir os sentimentos do autor.

Lamentarei sempre que a língua portuguesa nunca deixou de acompanhar meu destino de exilado, e que sempre haverá resistência em mim, por mais que essa resistência me incomode: parece insuperável. [...] Só posso constatar – com certo sentimento de decepção – que quando encontro um locutor francófono, logo vem uma sensação de família, alguma afinidade que não tenho quando falo a língua portuguesa. É um pouco desesperador, mas aprendi a conviver com isso. Eu não seria suficientemente falado pela língua portuguesa? Ela não conseguiria me dizer por inteiro tanto quanto o francês me diz? Confesso – e me sinto envergonhado por isso – que falar português para mim sempre acarretará um esforço [...] ¹¹².

Tanto a língua portuguesa nem sempre é porosa a ponto de absorvê-lo, quanto o estrangeirismo colado à sua pele não lhe permite a absorção que deseja do que o envolve. Essa inclusão no outro está comprometida, sendo o compromisso com a falha, essencial à manutenção da tentativa. Retomando a formulação que apresento como questão de pesquisa, acredito ter com essa última passagem de Claude – e após o percorrido no segundo capítulo – um indício de resposta. A respeito não mais do que, mas do quando não se pode dizer em língua estrangeira, penso em um esboço de hipótese: quando pode falar corretamente, faz valer o esforço para que seja entendido e não cause equívoco, Claude ainda tem ingerência sobre a língua. Enquanto pode usar o idioma de adoção, tudo corre bem. É quando poderia operar uma inversão, ou seja, quando se deixaria usar pela nova língua, que o que não se diz em outro lugar pode se fazer ouvir, sendo justamente a torção o que lhe parece inalcançável. Ele mesmo elabora algo nesse sentido ao trazer as perguntas: – “Eu não seria suficientemente falado pela língua portuguesa? Ela não conseguiria me dizer por inteiro tanto quanto o francês me diz?”. Com Maria, chilena que vive no Brasil há mais de vinte anos, um testemunho que vai ao encontro do que se tem com Claude. Após falar sobre sua boa relação com o português, o relato a seguir:

Com tudo, há situações em que a língua materna prevalece. Situações de estresse, como por exemplo, numa discussão, ou num momento de aflição, muitas vezes o espanhol “te atropela” pois parece mais fluido no pensamento do que o português. O pensamento vem como um torrente e muitas vezes falta “aquele” conceito para expressar exatamente o que queremos e/ou sentimos, aí o espanhol se sobrepõe. Numa situação muito particular que é a do trânsito, me pego xingando em espanhol quase sempre. Acredito que isto se deve ao fato de ser uma reação inconsciente a uma demanda muito rápida. Não dá tempo de elaborar um pensamento quando alguém está cortando a tua frente ou te jogando um carro em cima ¹¹³.

Quando a vigília cede, o familiar ocupa espaço. Antes de seguir em frente nessa direção, algumas considerações sobre a língua materna. Embora não tenhamos dificuldade em

¹¹² Claude.

¹¹³ Maria.

nos fazer entender ao evocarmos esse conceito, vale a lembrança de alguns autores acerca do que pode nos dar pistas sobre sua apreensão. Como tratar o adjetivo “materna”? Penso na acepção de materna como a de língua estruturante. No livro “Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise”, de Marie Christine Laznik¹¹⁴, a autora aborda essa nomenclatura. Laznik cita Hassoun, que fala de língua fundamental ou originária. Para Charles Melman, língua materna seria aquela na qual a mãe está interdita para a criança. Com Fink, temos a seguinte definição:

[...] o Outro é essa linguagem estranha que devemos aprender a falar e que é eufemisticamente referida como nossa “língua materna”, mas que seria melhor ser chamada “nossa língua do Outro materno”: são os discursos e os desejos dos outros à nossa volta, na medida em que estes são internalizados¹¹⁵.

O autor nos auxilia ao tratar o Outro materno e sua língua como sendo uma linguagem estranha da qual devemos nos apropriar. Há, assim, a inscrição da criança pelo viés da língua materna em uma modalidade significativa, a inscrição das bordas como contornos que vacilam e possibilitam se imiscuir ao outro. Vale destacar a construção que faz Melman. O autor fala não apenas da língua na qual a mãe está interdita para a criança, mas nos diz também o seguinte:

É importante fixar que é o objeto interdito o que torna uma língua materna para nós, fazendo dela o nosso *heim*. É verdade que a língua deve sua significância a este mesmo interdito. A partir daí, graças ao seu jogo poético mas também aos lapsos, deslizes e tropeços que o falante nela introduz, se dá a escutar aos locutores um desejo que lhes é comum (já que é a mesma mãe), e que é sempre desejo de uma coisa diferente do que a língua pode oferecer, uma vez que esta outra coisa está interdita apesar de ter causado o desejo. [...] o que é calado, este desejo, que não pode se dizer claramente, nos leva sempre a falar um pouco mais, talvez na esperança de chegar a se fazer conhecer¹¹⁶.

Junto a tais considerações sobre o materno, uma teorização essencial sobre a língua de adoção e a posição do emigrado:

Quando nos encontramos em posição de emigrados, a realidade apresenta uma qualidade absolutamente particular, ou seja, de ser sustentada por um desejo pelo qual, enquanto emigrados, não pagamos. Ao mesmo tempo, o desejo que sustenta essa realidade parece estrangeiro e a própria realidade toma um caráter superegótico, pois vem de certa forma lembrar ao emigrado que ele não pagou o preço que era necessário, já que não pode se incluir nessa realidade como se fosse parte constituinte ou mesmo participante dela¹¹⁷.

¹¹⁴ LAZNIK-PENOT, M.-C. **Rumo à palavra: três crianças em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1997.

¹¹⁵ FINK, Bruce. **O sujeito laciano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 28.

¹¹⁶ MELMAN, Charles. **Imigrantes**, p. 24.

¹¹⁷ Idem, p. 26.

Neste momento, me ocorre pensar que em minha pesquisa, abordo o desamparo de mais uma separação, a perda da ilusão de uma língua materna. É a inclusão impossível de que fala Melman que guia os passos dos que se empenham na crença do retorno. Vale destacar novamente o encadeamento entre a teoria proposta pelos autores a quem recorro e as considerações dos não especialistas, digamos assim, sobre sua experiência. As falas que exponho dão conta desse cruzamento, como se avançássemos no sentido do que Freud dizia sobre Schnitzler e a literatura, ou seja, as observações dos escritores podendo ser tão sensíveis quanto as dos especialistas.

Pensando, assim, nos paralelos que podem ser feitos entre o cinema, a literatura e os testemunhos com que trabalho neste momento, arriscaria dizer que aquilo em que Sophie Bredier tanto se empenha acaba sendo o lamento de Claude. Sophie busca o acesso às origens, Claude busca perdê-las. Ambos os pedidos são legítimos; para que se possa querer abrir mão delas, é preciso que se as tenha. Elas passam a ser a amarra das origens na medida em que insistem em não deixá-lo. A busca de Claude pelo abandono e a de Sophie pelo encontro são a busca de comunhão. As origens de Claude sendo o que destoa de seu entorno atual; as de Sophie, também, mas ter acesso a essa origem seria o acesso a uma comunhão que nunca teve, ao contrário do que acontece com Claude, que sabe que pode contar com a possibilidade – recorrendo ao espaço que lhe seria familiar – de unidade. Inspirando-se no texto de Freud de 1920, “Psicologia das massas e análise do eu”, em que há a abordagem do individual e do coletivo, Ana Costa nos propõe a seguinte conceituação acerca do individual e do singular:

[...] aquilo que constitui um indivíduo, ou seja, um traço de identidade, é irrevogavelmente sustentado num certo código compartilhado, ou seja, num coletivo. Um indivíduo constitui alguma coisa que pode circular, que se orienta por algo em comum. É nesse ponto que individual e coletivo se confundem, na medida em que aquele necessita de um traço que funde uma comunidade, um grupo qualquer, ainda que imaginariamente ele se situe excluído do mesmo¹¹⁸.

Através de Yambo (com a passagem que trago logo após as citações de Claude), Eco nos ajuda a pensar sobre o que Claude fala a seguir:

- Por ter passado em diversos estados do Brasil, cheguei a criar um português meu, que não é de lugar nenhum.
- Os brasileiros gostam de meu sotaque diferente, mas eu não.
- Posso navegar nas literaturas de dois mundos, vibrar diante de poemas escritos em duas línguas. Agora, nunca saberei se minha vibração diante do português é a mesma da dos brasileiros: acredito que não, é uma vibração minha.

¹¹⁸ COSTA, Ana Maria Medeiros da. A ficção do si mesmo, 1998b, p. 9.

– Li obras como *Viva o povo brasileiro* e adorei. Mas a literatura é de acesso mais difícil, por mais que eu tenha um bom nível de português. Parece que ela sempre será um campo reservado aos nativos.

– Não pego bem as estórias de humor, no barzinho: todo mundo ri, e eu não entendi¹¹⁹.

Eis a passagem do personagem de Eco:

Até o momento Solara não me restituíra algo que fosse realmente e somente meu. Tudo o que descobri foi o que lera, mas assim como tantos outros leram. A isso reduzia-se toda a minha arqueologia: à exceção da história do copo inquebrável e de uma espirituosa anedota sobre meu avô (mas não sobre mim), eu não revivera a minha infância, mas aquela de toda uma geração¹²⁰.

Claude lamenta o ‘todo mundo, menos eu’; Yambo, o ‘todos nós, e não apenas eu’. É assim que falo de contraste como o que esclarece, do que seria oposto se não fosse extensão. É também nesse sentido que pude fazer o elo entre lamentar as origens que não se pode abandonar e lamentar não poder tê-las. Com Claude e Yambo, um movimento semelhante: um está absolutamente engolfado pelo coletivo e não consegue dele se destacar, o outro está destacado do coletivo e nele não consegue lugar. A partir desse movimento extensivo, uma ponte possível que leva à relação com a língua, a qual nos conta e a que nós contamos. Cito novamente Ana Costa:

Contar-se traz como pressuposto uma série de questões: podemos tomá-lo como contar-se entre os semelhantes, o que implica tanto elementos de identidade, quanto de diferença, ou seja, tanto aquilo que me faz parecer, quanto o que me diferencia. Contar-se diz também de uma referência de filiação, ou seja, o que me constitui numa ordem geracional. Mas, sobretudo, contar-se traz em si esse paradoxo de difícil resolução, de precisarmos ser, ao mesmo tempo, o contador e o contado, aquele que conta e aquilo que é contado, sujeitos e objetos da linguagem¹²¹.

A partir da última afirmação, sobre sermos sujeitos e objetos da linguagem, retomo duas perguntas de Claude: “eu não seria suficientemente falado pela língua portuguesa? Ela não conseguiria me dizer por inteiro tanto quanto o francês me diz?”. Costa fala de um paradoxo de difícil resolução. Se pensarmos na noção de objeto da linguagem como uma posição de acesso restrito em língua estrangeira, talvez a dificuldade não seja a de resolução, mas a de nem sempre se poder chegar a esse paradoxo. A noção de falasser, ou seja, de uma língua que antecede o sujeito, não perde, claro, seu vigor. Falados por uma língua, sempre somos. Se podemos usá-la – o que eu afirmo sobre a ‘ingerência’ que em estados de vigília

¹¹⁹ Claude.

¹²⁰ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**, p. 272.

¹²¹ COSTA, Ana Maria Medeiros da. *A ficção do si mesmo*, 1998b, p. 10.

poderíamos ter sobre a língua – é porque somos continuamente falados pela língua que nos constitui. No trato com a língua estrangeira, estamos na verdade é na eventual dificuldade de sermos usados, digamos, por essa língua. Com essa diferenciação entre falar ou ser falado, se servir de uma língua ou se deixar servir, falo de estratos distintos de alienação a um idioma.

Tais considerações me levam a duas perguntas, com as quais encerro este trecho: como a dicotomia saussuriana arbitrário/motivado se insere em um movimento moebiano? Como se dá o gancho dessa dicotomia com os outros pares trabalhados anteriormente?

Como conduzindo a busca a partir dessas questões, balizo o andamento da pesquisa.

3.2 MOVIMENTO SAUSSURIANO DE MOEBIUS

Falar em subjetivação em língua estrangeira significa tratar de uma relação não mais incipiente com essa língua, seu uso não sendo meramente instrumental. Falar nisso significa poder tecer uma relação em que o vínculo entre o sujeito e a língua que o sustenta possa sofrer as torções de que falava em outro momento. Faço algumas considerações sobre o processo tardio de aquisição idiomática, sobre a evolução de um processo que pode fazer pensar a possibilidade de subjetivação. Falo de torção como um ponto de giro ao qual o sujeito pode chegar, e que nem sempre pode ser mensurado. Ponto de giro que lhe permite novas condições de interpretação subjetiva. Passemos à aquisição.

A aquisição dita tardia de uma língua estrangeira pode se traduzir em uma inversão também da ação do nome, ou seja, da nomeação. Não se trata de estudar o movimento que avança do significado ao significante – o que corresponde à aprendizagem da língua materna, operação simultânea à constituição de sujeito –, mas de observar o movimento que vai do nome ao que ele pode remeter, o que subverte, ou ao menos faz com que revisitemos, um modo de se conceber a língua.

Na tentativa de esmiuçar o trajeto acima – nesse trato com o outro da língua estrangeira, penso não apenas no momento do encontro, mas na aquisição de linguagem que o viabiliza –, recorro a etapas possíveis da aprendizagem e utilização da língua, em imersão ou não, o que tem sua incidência sobre o modo de apropriação de um idioma. Levo em conta a experiência de oito anos em que eu mesma fui professora de língua estrangeira, assim como –

o que não poderia deixar de ter seu papel – minha própria experiência de aquisição de um novo idioma, ou seja, a experimentação própria da travessia de que falo. Destaco dois recortes que me parecem pertinentes: o momento que situamos entre o desconhecimento e o reconhecimento de uma língua, assim como a passagem do reconhecimento à atribuição de sentido que pode concernir a uma subjetivação em língua estrangeira.

Há o momento dos primeiríssimos passos da aquisição idiomática, o uso simulado da língua, do qual a sala de aula não consegue escapar, um contexto em que os alunos não se põem à prova de quem possa sancionar – não apenas com intuito de correção – suas produções de linguagem. Os novos significantes são, assim, mais do que nunca, experimentados como sendo arbitrários. Com os estudantes do nível iniciante, os que não possuíam conhecimento algum do idioma, eventualmente eu propunha atividades que, assim que expostas, os deixavam apreensivos. Propunha que estivessem dispostos a se deixar conduzir pela nova musicalidade da língua que para eles era, então, inédita. Antes da preocupação com o sentido do que pudessem dizer, eu pedia que eles se permitissem ouvir a língua. Após algumas poucas instruções, que lhes davam ideia de como deviam, por exemplo, ler um texto (ainda bastante simples, claro), pronunciá-lo (ainda que seu sentido estivesse às escuras), onde posicionar a sílaba tônica das palavras, os estudantes se viam às voltas não exatamente com um material destinado aos primeiros contatos com a nova língua. A letra de uma música ou um pequeno poema, sem que houvesse adaptação desse material, comumente era sua estreia em língua francesa. Assim que se viam capazes de realizar a tarefa proposta, a apreensão aos poucos cedia espaço à disponibilidade, e em meio a timidez e hesitação, os alunos começavam a se expor. Sem dúvida, em alguns momentos se fazia necessária uma incursão pelo sentido. Pistas sobre o que poderiam estar lendo eram essenciais para que pudessem também ‘apenas’ ouvir a língua. O apenas ouvir não seria de qualquer ordem, digamos que podemos nos permitir ouvir o que também poderíamos entender. Com Chico, temos uma passagem que remete ao que se ouve no momento em que o som está em evidência. Após anos afastado de sua língua materna, José Costa nos diz: “O que me prendia a atenção era mesmo uma nova sonoridade, havia um metabolismo na língua falada que talvez somente ouvidos desacostumados percebessem”¹²². As primeiras descobertas dos iniciantes em uma nova língua costumam ser empolgantes, mas a descoberta não deixa de ser a de uma realidade à qual têm acesso, como se sobre os significados que conhecem em língua mãe houvesse a cobertura opaca de um som desconhecido. Estando ele decodificado, se acede ao

¹²² ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**, p. 155.

que se conhece em língua materna. Ou seja, neste momento ainda há o alento de um equívoco, o significante da nova língua pode repousar sobre o significado da língua mãe, pois a suposição de realidades coincidentes ainda tem lugar.

Uma construção que comece a se distanciar do que é evidência, do que eles conhecem em português, por exemplo, causa desconforto, e com frequência os alunos recorrem a uma espécie de dissecação, a alusões possíveis, regras e suas exceções, como se a língua sempre se prestasse a essa previsão. Identificar as acepções isoladas de cada componente de uma expressão, em seguida somá-las e verificar o resultado dessa operação, na maioria das vezes, apenas reforça a deriva. Quando as realidades sobre as quais repousam as línguas não podem ser tomadas como semelhantes, não é raro os alunos se sentirem desmotivados, visto que não conseguem aceder a essas novas realidades. Assim, aos novos significantes não há como atribuir significado algum, nem mesmo o da língua de origem. Nesse momento, lidam com o nome que não encontra aquilo sobre o que repousar. O espaço do alento do equívoco vai perdendo terreno.

Destaco um segundo momento, no qual se abandona a simulação, quando se passa à imersão, ou seja, a uma oferta de redimensão desse recorte de realidade, o que permite também uma redimensão do nome. Momento em que o sujeito fala não apenas como uma sistematização do aprendizado, mas no qual se passa de situações artificiais a situações reais de uso. Mais do que testar conhecimentos e aquisições, há um sentido que podem passar a atribuir à língua. Os alunos são capazes de abandonar as regras, que lhes eram tão caras, e passar a uma relação mais próxima com a língua. Do *savoir* ao *savoir faire*, vencendo uma espécie de hiância entre regra e uso, não sendo capazes apenas de preencher corretamente as lacunas de um exercício, mas de trazer em suas produções de linguagem aquisições mais custosas. Em imersão, novos avanços são possíveis, claro, pela prática, mas principalmente por se poder significar essa língua. Nesse contexto se dá algo essencial ao processo de subjetivação em um novo idioma, o significante estrangeiro passando a remeter ao significado também estrangeiro, não mais ao materno, havendo uma espécie de trânsito de significados, o que seria um dos traços da subjetivação em língua estrangeira: não apenas o sujeito acede aos novos significados, mas os incorpora, o que tem sua incidência sobre os da língua materna, uma vez que o trânsito se mantém em manutenção. Assim, falo de nomes porosos, pois suas

bordas não são litorâneas, mas fronteiriças, e sua fronteira arbitrária pode ser redemarcada¹²³. Não mais apenas se reconhece e decodifica esse significante estrangeiro, mas é possível avistar a possibilidade de que a nova língua também vibre, diga do sujeito, o que estava em torno passando a contorno e ao encontro com o outro. Em função de um ato falho dito à ocasião da exposição de minha pesquisa em uma das disciplinas deste programa de mestrado, questionei-me em seguida a respeito da borda que se dá ao nome. Ao ter a intenção de dizer que vinha pensando em *expandir* meu tema de pesquisa, disse: “[...] este é um momento em que eu venho pensando em *explodir* [...]”. Quanto a essa nova borda do nome, penso se ela se expande, conservando sua integridade, ou explode, havendo uma ruptura de seu contorno que lhe impõe remendos e uma nova costura. Trato com este trabalho de um significante fronteiroço, que é redimensionado e que diz do acontecimento do sujeito em um novo saber. Um som que envia a um outro, fazendo com que a partir da formulação *o sintoma é um nó*¹²⁴ se possa dar continuidade a esse dito, com que se possa ouvir também *o sintoma é um nó, o sintoma é um nœud, é um nid*¹²⁵. Ninho seguramente de remissivas, assim como de tantas outras possíveis coisas. Essencial é fazer com que um som remeta a mais um som, o que também remete a mais um sou, o “remete a” sendo essencialmente onde o sujeito se instaura.

Com os testemunhos de Claude e Patrice, temos a noção de margem, a qual é vivida como uma condenação. Em suas abordagens da língua, lidam com a margem, por mais que possam querer sair dela, o que se compreende; ocupar uma posição marginal, não é simples. Lidar com a borda que supomos poder transpor em língua materna não é confortável, e a tentativa de driblá-la se justifica. É o que faz Patrice ao dizer que escreve seus textos em língua materna e em seguida os traduz. Como se a captura dessa proximidade com o sentido não fosse rompida logo a seguir. Mais uma vez, Gagnebin nos fornece uma bela reflexão:

A atividade tradutora não acolhe simplesmente na língua de chegada a mensagem do original. A língua dita natal ou materna põe em risco sua identidade própria para melhor dizer a outra língua em sua alteridade, como se as regras da língua de chegada sofressem algum tipo de transformação ou de implosão. A ordem do próprio, portanto, faz algo mais do que acolher ou adaptar: ela é transformada e, de

¹²³ Referência a ‘Lituraterra’, texto de Lacan que integra seu *Seminário 18* (De um discurso que não fosse do semblante).

¹²⁴ Frase dita pelo professor Edson Luiz André de Sousa à ocasião da abertura do seminário “Desfazer a Forma”, no dia 17 de dezembro de 2010, evento realizado no Instituto de Psicologia da UFRGS, em que foram apresentados os trabalhos dos alunos inscritos na disciplina *Utopia, Arte e Psicanálise: Desfazer a Forma*.

¹²⁵ Penso aqui na imagem proposta por Lacan em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*: “[...] anéis formando um colar que se enlaça no anel de um outro colar feito de anéis [...]”.

própria, se torna outra – não o outro recebido ou “traduzido”, mas um novo outro desconhecido, a ser inventado¹²⁶.

Não há como ser brasileiro e, ao mesmo tempo, já não se é mais belga. Subjetivar-se em língua estrangeira, nisso que envolve o novo contorno do nome está também o fato de que se afrouxa a relação com a língua mãe. Ao longo da escrita, a noção de subjetivação passa a acompanhar a pergunta sobre o quando não se pode dizer, como se deparar-se com essas impossibilidades de dizer fosse poder avistar a possibilidade de subjetivação. E mesmo os impossíveis ganham outros ares, valendo a lembrança de que não há um imperativo que os acompanhe, mas a eventual presença de uma impossibilidade. O que pode ser afirmado sobre a subjetivação em uma nova língua, as considerações que vão surgindo e sendo postas ao lado das que já se supunha são formas de também responder à minha questão de pesquisa. Assim como se pode falar de trânsito de significados, de uma nova borda para o nome, de um afrouxamento da relação do sujeito com a língua mãe, é possível pensar que nessa nova relação com a língua materna, há alguém que a partir da língua de aquisição tardia pode se fazer estrangeiro em língua mãe.

Pensar no que se produz ao longo da aquisição idiomática significa traçar um percurso. Podemos tentar circunscrevê-lo a partir de dois conceitos, um deles sendo a arbitrariedade, o outro sendo a motivação. Ao invés de conceber uma imagem desse percurso em cujo fim haveria uma meta alcançada e a interrupção de uma travessia, mais vale imaginar o início e o fim postos sobre uma espiral. A eleição do par saussuriano é feita, assim, pois nele se vê esse movimento contínuo, mas também por dois outros motivos. O referencial teórico acerca dessa dicotomia traz à tona a questão da língua estrangeira, assim como a fala dos estrangeiros a respeito da língua passa pela dicotomia, claro, sem teorizá-la, mas tratando de sua experimentação tanto em língua mãe, quanto em língua estrangeira. Como está impresso, a partir da dicotomia, o movimento moebiano? Como se dá o recurso às línguas estrangeiras no referencial que aborda o par Saussuriano? Como a fala dos estrangeiros traz isso?

Passemos à primeira das perguntas. Visto que a dicotomia saussuriana baliza as reflexões a seguir, trago neste momento algumas citações acerca da proposta de Saussure:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário¹²⁷.

¹²⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro, p. 45-46.

[...]

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. [...] queremos dizer que o significante é imotivado, isto é arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade¹²⁸.

Em Lacan encontramos: “Distinguir a categoria do significante só ganha relevo ao se colocar que o que vocês entendem, no sentido auditivo do termo, não tem nenhuma relação com o que isso significa”¹²⁹.

Em relação ao caminho que propus – desconhecer, reconhecer, significar um nome estrangeiro –, situei a experimentação mais evidente da arbitrariedade no momento dos primeiros contatos com a língua. O registro de Patrice é o de uma experiência pela qual todos nós devamos ter passado:

L'apprentissage a été progressif, en termes d'années. La première année a été difficile. Quand je suis arrivé, je ne connaissais pas du tout le portugais et ma belle-famille ne parlait pas du tout français. Même les simples pubs dans la rue ou à la télé n'avaient pas de sens¹³⁰.

Claro, nem sempre essa primeira etapa, o momento do desconhecimento, supõe as outras duas, ou seja, a quebra da opacidade dos sentidos, o acesso ao que vai nos permitir uma experiência compartilhada. O contato de José Costa, por exemplo, com o idioma húngaro poderia não ter ido além da impressão de uma língua sem emendas, do que não faz sentido. Seja como for, tanto na ficção de José, quanto no caso de Patrice, identifico uma vantagem. Ao falar anteriormente sobre a aquisição de um novo idioma e do que se pode produzir à ocasião dos primeiros contatos, tratei de um contexto que não seria o da imersão. Pensar em um aprendizado feito em situação de imersão exclui, a meu ver, uma das grandes desvantagens de que falava na página 68, ou seja, a simulação. Não há dúvida de que estariam em jogo outras desvantagens, de que esse sujeito imerso não teria a condução prévia de um professor, de quem se espera não apenas o domínio da disciplina que ensina, mas também uma transmissão eficaz. Assim, o sujeito seria poupado dessa espécie de cegueira inicial que limita sua autonomia. Muitas outras coisas podem ser ditas sobre essas duas formas de aquisição de língua estrangeira, mas seja como for, não há contexto que exima o sujeito da passagem pelos três verbos que propus, ou seja, desconhecer, decodificar, significar. O tempo

¹²⁷ SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997, p.81.

¹²⁸ Idem, p. 83.

¹²⁹ LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 35.

¹³⁰ Tradução: O aprendizado foi progressivo, em termos de anos. O primeiro ano foi muito difícil. Quando cheguei, eu não conhecia nada em português, e a família da minha esposa não falava nada em francês. Mesmo simples anúncios publicitários na rua ou na televisão não faziam sentido.

do trânsito de um verbo ao outro pode sofrer um ajuste, no entanto, a experimentação do que não faz sentido, desse arbitrário sensivelmente à tona, está presente.

Claude nos fornece a seguir o relato de seu percurso, tratando não do que temos com Patrice – os primeiros contatos –, mas de uma relação com a língua de adoção:

Minha relação com o português não é homogênea ou uniforme. Ela é até bastante ambivalente. Tenho orgulho de ter conseguido um bom nível de português, e gosto de ser elogiado pelos brasileiros nesse sentido. Consigo falar e escrever bem, e posso até corrigir erros de meus alunos na sua língua materna. Consigo identificar os sotaques regionais, preferir uns aos outros: por ter passado em diversos estados do Brasil, cheguei a criar um português meu, que não é de lugar nenhum. Daí um problema: de onde falo? Lamentarei sempre que a língua portuguesa nunca deixou de acompanhar meu destino de exilado, e que sempre haverá resistência em mim, por mais que essa resistência me incomode: parece insuperável¹³¹.

A experiência da margem é aqui tomada como um exílio em que se sente posto com o auxílio da língua. Trago também um registro próprio, do ano de 2005:

Tem o fato de eu precisar pensar quando falo em francês, pois eu preciso organizar formalmente o que vou dizer, ainda que isso não seja tão evidente assim. Eu não preciso, por exemplo, conjugar os verbos *être*, *aller* e *avoir*, mas duvido que um dia a minha relação com o francês atinja o grau emotivo ou intuitivo que ingenuamente eu poderia achar que teria antes de vir pra cá¹³².

O exílio, a margem, uma proximidade possível apenas em língua materna. O moebiano está no fato de que o que se experimenta como ponto intransponível quando estamos em situação de estrangeiro indica um suposto possível em língua materna, o que pode pontuar em outros momentos e a partir de outras tentativas de regresso. Resgatar o conforto nessa língua seria o encontro com a [suposição de] motivação do vínculo que une os componentes de seus signos. O que também não passa de uma impressão. Essa motivação estaria em um acoplamento de que em breve Benveniste nos dá notícias, na remissiva imediata entre um som e aquilo que ele pode designar. Não o palavrão que em língua estrangeira pode ser dito – pois esse som da outra língua tem outro peso –, como fala Maria mais adiante, mas a impressão sonora que não se pode dissociar daquilo a que ela remete. Com Claude, mais um exemplo:

Sempre lamento que o tratamento brasileiro, por mais caloroso que seja, não é o mesmo do meu: falar *Bonjour monsieur, madame* quando passo diante de alguém – são as próprias palavras que me fazem falta, não se trata da saudação em si, sinto falta da livreira que me atende com o sorriso e me diz *Bonjour, monsieur!*¹³³.

¹³¹ Claude.

¹³² Cristina.

¹³³ Claude.

Recorro à citação de Benveniste, a partir da qual o autor fala do que seria essa indissociação referida acima:

Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário. O conceito (“significado”) “boi” é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico (“significante”) *boi*. Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância¹³⁴.

Benveniste não faz um questionamento a respeito da noção de arbitrariedade¹³⁵, o autor trata do que está em jogo a partir da fala de Claude, que pode sentir falta das palavras na medida em que as da outra língua não têm essa mesma expressão, como se o francês falasse por si só. Mais adiante em seu texto, – retomo, por sua pertinência, uma citação feita no capítulo 1 – Benveniste ainda nos diz:

Para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade [...]. Na verdade, o prisma do sujeito e o do lingüista quanto ao arbitrário são tão diferentes a esse respeito que a afirmação do lingüista quanto ao arbitrário das designações não refuta o sentimento contrário do falante¹³⁶.

Esse acoplamento encontra – sempre segundo a impressão que tem o falante – sua expressão em língua materna, o que supõe um vão em estrangeira, uma hiância que, aliás, já se fez presente em algumas passagens; ao se ver às voltas com um novo idioma, o sujeito lida com esse vão que deve ser vencido para que fale corretamente, para que seja entendido, para que não cause equívoco, o que sempre acarreta um esforço. Há um caminho que o sujeito deve percorrer até que se chegue nesse signo que não fala nele. O trajeto que leva à arbitrariedade. É preciso que se alcance esse novo significante, pois ele não está impresso, segundo Benveniste, no espírito desse sujeito, assim como não evoca seu significado em qualquer circunstância. É preciso superar essa hiância para que o sujeito se aproxime ao máximo do sentido. Nesse sentido, pude falar de uma vigília, a qual nem sempre está às ordens. Há os ‘quandos’ em que, segundo Claude, é preciso ser hábil e rápido [o que ele fala a seguir, na página 78]. Aqueles em que, como nos diz Maria, o pensamento te atropela, como ‘um’ torrente, como aquela demanda muito rápida que não nos deixa tempo de elaborar um pensamento, o que não deixa de ser uma intimidação. Dessa forma, por que não lamentar as

¹³⁴ BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**, p. 55.

¹³⁵ O que o autor faz, na verdade, é um deslocamento, atribuindo a noção de arbitrariedade à significação, e não ao signo.

¹³⁶ BENVENISTE, E. *Op cit.*, p. 57.

palavras que nos fazem falta, as que não nos ameaçam com esse esforço que nos exigem as estrangeiras e com a rapidez de que não damos conta? As nossas palavras não nos intimidam, e não apenas isso; se elas nos atropelam é porque nos poupam o esforço de buscá-las, pois falam em nosso lugar.

Com os outros movimentos de resgate [de memória, origens...], eu os analisei através do embate que nos leva à impressão de perda. Com a língua, achei importante percorrer o que leva ao embate, ou melhor, à possibilidade de embate, ou seja, ao suposto domínio da língua do outro. Domínio em que estão inclusas falhas. O movimento moebiano a partir da dicotomia de Saussure está impresso no fato de que experimentar os limites do arbitrário em língua estrangeira significa se empenhar na volta e na apreensão do suposto motivado em língua materna.

Sobre como se dá o recurso às línguas no referencial que aborda o par Saussuriano, ele está nos exemplos dos editores de Saussure, que tentam demonstrar a arbitrariedade. Sobre isso, faço algumas breves observações. Não se comprova o arbitrário, ele apenas o é. A exemplificação, no entanto, neste contexto em que trabalho, não deixa de ser interessante, pois remete ao equívoco de que eu falava, na página 69, sobre as primeiras descobertas em língua estrangeira. Certo, ‘oks’ pode não ser sinônimo de ‘*boeuf*’, mas é importante que se possa supor essa equivalência, e sobre essa suposição a aquisição inicial vai sendo possível. Tomando sempre o *Curso* como referência, temos a primeira das três citações a seguir, ou seja, a tentativa de demonstração da arbitrariedade:

A idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica e *o-k-s* (*Ochs*) do outro¹³⁷.

Em seguida, Pichon e Arrivé, que reagem à intenção dessa comprovação:

Não é necessário ir mais longe; o erro de Saussure é, na minha opinião, evidente. Ele consiste no fato de que Saussure não se dá conta de que introduz no curso da demonstração elementos que não estavam no enunciado. Define primeiro o significado como sendo a *ideia* geral de boi; depois, comporta-se como se esse significado fosse o *objeto* chamado boi, ou pelo menos a imagem sensorial de um boi... Ora, essas são duas coisas completamente diferentes¹³⁸.

¹³⁷ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*, p.81-82.

¹³⁸ PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de psychologie Normale et Pathologique*, p. 25-48, 1937.

Passar de uma língua para outra para provar, em uma delas, a arbitrariedade do signo, é supor que o significado de “boeuf” é exatamente idêntico ao de “ochs”¹³⁹.

A ideia é a de que os editores em sua exemplificação deslizam do significado, a ideia e o que ela suscita, para o referente, a coisa. Seja como for, o argumento que traz à tona a questão das línguas estrangeiras nos é válido. Adotamos uma língua estando referenciados a uma outra. Aprendemos o que ‘*boeuf*’ significa, pois supomos que seu significado equivale ao de ‘*ochs*’. Podermos, em seguida, ir acedendo ao significado de ‘*boeuf*’, ir afrouxando a relação com a língua mãe. Assim, a novidade é a de que podemos nos fazer estrangeiros em língua materna, ainda que mantendo operante seu aporte referencial, o que remete à noção de valor. Passo, assim, à forma como isso aparece nas falas que recolhi. A ideia de valor, peso e leveza está nos testemunhos. Se é que se pode trabalhar com imperativos no trato com a psicanálise, talvez este seja um deles; um significante não pode representar a si mesmo. Ou há essa remissiva, ou não se trata de um significante, pois apenas em suas relações é possível concebê-lo. O valor para Saussure não é cristalizado, ele não está previsto no sistema, mas se constitui a cada ato de fala. Assim, o peso familiar em oposição à leveza estrangeira, ou o peso estrangeiro em oposição ao que, em língua materna, é ‘tão doce’:

Tem, sim, momentos chatos de equívocos: falo apontando, mas sem querer ferir ninguém com meu dedo apontando, e o brasileiro se sente agredido; uso as palavras “estúpido” ou “miséria” e descubro que ela tem um outro peso do que a palavra “stúpide”; não consigo entender bem o que “ordinária” cria como conotações na mente do brasileiro, pois acho essa palavra tão doce – não pode ser um palavrão –; detesto quando ouço uma amiga minha falando sobre os “gringos”, que me é uma palavra agressiva e para ela não¹⁴⁰.

Em espanhol nunca tive o hábito de usar, como se diz, “palavras de baixo calão”, pois a “carga moral”, se se pode dizer assim, é forte. Quando uso um palavrão em espanhol, eu me sinto meio constrangida: eu sei que não devo usar este tipo de expressões...ah!, a repressão infantil funciona! Por outro lado, se eu usar um palavrão em português, que eu aprendi após a maioridade, parece que é mais leve, por vezes pode me parecer até uma brincadeira. Não há essa conotação de tão errado, mesmo eu sabendo que não é nada bonito. É uma questão de sensação¹⁴¹.

Com Saussure, a seguinte teorização:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor

¹³⁹ ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 42.

¹⁴⁰ Claude.

¹⁴¹ Maria.

próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para seus concorrentes.

[...]

Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor.

[...]

Na língua só existem diferenças. O que haja de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação¹⁴².

Nesses casos, o vizinho, além de ser o termo usado antes ou depois de um signo específico, é também uma espécie de vizinho oculto, o ‘equivalente’ em língua materna, aquela em que se espelham os novos nomes, aquela de que não nos desfazemos e que apresenta uma alteridade constante à língua estrangeira. Em uma das primeiras páginas do texto de Eco, Yambo redescobre seu rosto: “No banheiro me vi no espelho. Pelo menos estava bastante seguro de quem eu era porque os espelhos, como se sabe, refletem aquilo que têm diante de si”¹⁴³.

Sim, creio que de fato refletem, seja qual for o espelho, tanto o que oferece a imagem semelhante, quanto o que oferece a imagem do contraste a partir do qual podemos nos reconhecer. Estamos sempre referenciados a esses nomes maternos que integram o entorno do nome estrangeiro a que se quer chegar. O peso desses nomes é por vezes imponente a ponto de não ceder espaço ao que não é familiar. Estão, assim, em jogo os impossíveis de uma nova língua. A esse respeito, vale destacar a posição de C. Melman:

Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado, a título do «eu». Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece. Desde então, não falamos mais do mesmo lugar, nos comunicamos¹⁴⁴.

Com Melman, um possível paralelo coma torção de que falava anteriormente. Como seria possível operar a passagem do conhecer ao saber? Antes de tentarmos uma resposta, conto com mais alguns testemunhos, aos quais quis chegar a partir das elaborações que fiz até este momento:

Detesto não poder entender bem as finezas das letras das músicas que tocam na rádio: que limitação, essa! Enquanto meus amigos cantam tudo de cor. Não pego

¹⁴² SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**, p. 134-135; 139.

¹⁴³ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**, p. 15.

¹⁴⁴ MELMAN, Charles. **Imigrantes**, p. 15.

bem as estórias de humor, no barzinho: todo mundo ri, e eu não entendi. Se me irritado, nem sempre tenho certeza de acertar: posso estar aquém ou além do que quero mesmo expressar, piorando uma situação ou não sendo suficientemente claro: é terrível porque, nessas horas, tem que ser rápido e hábil¹⁴⁵.

Na semana passada, quebrei uma caneca de que gostava muito. Soltei um palavrão (bem comprido, aliás). Veio lá do fundo um *¡la reputíssima madre que me parió!*

Quando fiquei sabendo que estava grávida, meu primeiro impulso foi falar com a minha barriga em espanhol. Sem pensar. Sempre planejei falar em espanhol com meus filhos, mas acabou sendo algo tão natural, que nunca precisei pensar muito. Sempre falo com meu filho em espanhol e ele, comigo.

Tendo em conta o que já foi exposto, penso nesse momento em que os símbolos de uma nova língua não recobrem a intenção do falante, e o que irrompe é esse espaço que a língua mãe não aceita ceder. Como se esse espaço em branco fosse aquilo que não consegue ser revestido por um saber simbólico e que irrompe assumindo o papel de um impossível. Um dito de Fink parece encaixar-se bem ao que esse exposto: “Nos pontos em que a linguagem e as redes que usamos para simbolizar o mundo racham, encontramos o real. É o que insiste sempre que tentamos usar o significante para dar conta de tudo e dizer tudo”¹⁴⁶.

Gostaria de retomar, com alguns acréscimos, o que já disse como esboço de resposta à minha questão de pesquisa. Pude afirmar que lidar com os impossíveis de uma língua estrangeira seria também uma forma de saber o que significa estar subjetivado em outra língua. Pensar em subjetivação em um novo idioma deixou de ser um momento pontual da pesquisa pelo qual eu passava, mas passou a acompanhar a pergunta que desencadeia o texto. Como pode operar a passagem do conhecer ao saber uma língua? Subjetivar-se seria chegar a esse ponto de giro, que nem sempre permite a torção de que falava acima – ou seja, a possibilidade de que o sujeito saiba, e não apenas conheça uma língua, de que ela use o sujeito, e não apenas o contrário –, mas que oferece ao sujeito justamente o embate, que o confronta a esse limite do qual não passa. As impossibilidades não são o oposto de uma subjetivação. Chego, assim, à ideia de que aquilo que não se diz na nova língua, diz de um sujeito, pois aí estão em cena as zonas de interdição, aquilo que tolhe o terreno da permissão infinita. Os impossíveis dizem de uma castração. Eles são um corpo que nem sempre está envolto por um saber, ou seja, um corpo que nem sempre se deixa fisgar por essa língua.

¹⁴⁵ Claude.

¹⁴⁶ FINK, Bruce. **O sujeito laciano**, p. 12.

A respeito dos estados afetivos, em seu texto “A interpretação das afasias”, Freud nos fala sobre o cansaço, a atenção distraída, junto aos quais penso nos momentos de cólera (que dão branco, ruborizam), nos de humor (em sua incompreensão ou no riso) que acometem os sujeitos dos relatos, momentos em que eles tratam de um intransponível, em que suas línguas de adoção os abandonam. Em língua materna, os símbolos que não dão conta de tudo, deixando um resto, um real, um corpo real. Em língua estrangeira, os símbolos que não dão conta de tudo, deixando um resto, um corpo à deriva, sem que seja tomado pelo rubor, pela cólera ou pelo humor.

Já adultos, a condição que temos de nos pôr em posição de [ou à disposição da] alienação à língua estrangeira é outra. Adquirir essa outra língua, como dito na introdução, no momento em que já nos conjugamos na tensão entre a alienação e a separação é bem mais difícil. Aprender uma língua estrangeira é também se deixar levar pela alteridade no sentido de supor algo no outro e de se poder suportá-lo.

Subjetivar-se nesse contexto seria a possibilidade de instaurar um circuito moebiano, um movimento de regresso ao materno. Ter a impressão de que tudo se pode em língua mãe é ter criado as ditas zonas de interdição em língua estrangeira, é conceber a língua materna quase como um espaço mítico em que é possível driblar a falta. Nesse novo contexto, estar alienado seria justamente estar entregue ao interdito, à impossibilidade de tudo se poder. As zonas de interdição seriam a inscrição de um recalque. A inversão que agora está em questão remete ao que pude expor anteriormente. Sobre a direção da aquisição idiomática tardia, afirmei que não mais se vai da experiência de aquisição de língua simultânea à constituição de sujeito – a do significado rumo ao significante, ao nome –, mas do nome ao mundo, ou seja, do significante ao que ele pode designar. Assim, os caminhos [ou as direções] que nos levam a conceber a alienação a uma língua tardia concernem também a uma inversão. Não mais, já alienados à completude da língua mãe, devemos ceder espaço à separação. Mas já no espaço entre a alienação e a separação, ensaiamos a ida à completude. Inalcançável. Vislumbrar o inatingível é estarmos diante de um ponto de giro. Diante do intransponível, só podemos dar meia-volta.

Retomando a questão que conduziu a pesquisa: o que a língua estrangeira diz sobre entrada do sujeito na linguagem? Diz de [mais] uma perda, a da impressão de um nome motivado, a volta ao materno sendo na verdade o reencontro com uma hiância esquecida. Assim, também o materno se mostra arbitrário. Esse estranho, que há muito tempo nos era

familiar, e que acaba voltando à tona... No novo começo ao qual leva o circuito moebiano, o novo está justamente em se poder afrouxar a relação com a materna. O embate com o limite que nos oferece a língua estrangeira, o que supomos ser perda, leva a um encontro. Ao encontro do que não se acha. A busca de que falei ao longo da pesquisa nos leva, enfim, ao encontro do estrangeiro de nós mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estrangeiro [...] condensa em si a ambivalência inerente a todas as relações humanas, sempre compostas de distância e proximidade, mesmo que não sejam conscientemente vivenciadas nesse registro, mas cuidadosamente catalogadas como próximas e distantes, íntimas e estrangeiras¹⁴⁷.

[...] o mais interessante para nós é que a palavra *heimlich* ostenta, entre suas várias nuances de significado, também uma na qual coincide com seu oposto, *unheimlich*¹⁴⁸.

Com Freud, um par que eu não chamaria de opostos, mas de nomes complementares. Pude dizer ao fim do capítulo 2 que “[...] de hábito, as dicotomias costumam ser antagônicas, ou melhor, contrárias e complementares”. Disse isso para estabelecer uma certa discrepância entre os pares com que já havia trabalhado e o que apresentei em seguida, ou seja, o par anonimato/autoria, o qual trabalhei a partir do texto de Chico Buarque. Acredito ser pertinente a distinção sobre a dupla que pude propor com a leitura de Budapeste. Volto a pensar nas preposições e conjunções que acompanham as dicotomias deste texto. Não mais ‘ou’, o que na verdade, trouxe como hipótese apenas para que pudesse descartá-la. Com Chico, penso em ‘e’. Em relação aos outros pares, além do ‘e’ que se pode manter, penso na potência do ‘ao’. Não se trata de verdade ou de ficção, de estrangeiro ou familiar. Trata-se, sim, de concomitância, mas também de pendulação. Do estranho e familiar, sim, mas também do estranho ao familiar, do familiar ao estranho. Seguimos continuamente, moebianamente na direção do outro ao si mesmo, do si mesmo ao outro. Mas há, sim, uma mudança de sentido, pois ao retomarmos o começo, ele está mudado. Seguimos na direção do ganho e da perda, dos encontros e dos confrontos, sem antagonismos, apenas com extensões.

Tencionei falar sobre como pode se dar a subjetivação em língua estrangeira, sobre o que pode acontecer no caso de o sujeito se deixar trabalhar em uma nova língua. Mencionei o que chamei de trânsito de significados, a possibilidade de, através do significante estrangeiro, o significado também estrangeiro poder ser alcançado. Falei a respeito de um ponto de giro como o que permite ao sujeito a possibilidade de, em relação a si mesmo, uma nova condição interpretante. Falei também sobre as impossibilidades, sobre o que interrompe o discurso em uma outra língua e em um outro lugar como uma experiência de castração, como um limite que barra a possibilidade [hipotética] de completude, de barrar a falta. Assim, a subjetivação

¹⁴⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro, p. 42.

¹⁴⁸ FREUD, S. O inquietante (1919), p. 337.

em uma nova língua concerne ao sujeito que por ela se deixa afetar, que se deixa trabalhar na e pela língua estrangeira, assim como o sujeito se deixa envolver e tomar pela materna, por isso que fala nele. Isso que o determina, que tolhe sua liberdade, mas que faz com que ele possa querê-la.

A chance de estarmos, por essa segunda aquisição, mais uma vez às voltas com uma experiência tão primordial, a chance de podermos parcialmente revolvê-la concerne a um descentramento próprio à condição do estrangeiro. “*Dans mon expérience, être dans une autre langue est venu accentuer le décentrement propre à l’expérience analytique*”¹⁴⁹, diz um dos voluntários, brasileiro, residente na França há mais de uma década, psicanalista. Falei em vários momentos do texto sobre os voluntários estrangeiros residentes no Brasil. Ao fim da pesquisa – que não se encerra, mas enfim – volto a falar a respeito de quem são os estrangeiros. No capítulo 3, tentei situá-los a partir tanto da ideia de identificação, quanto da noção de território. Mas há mais a ser dito. Estrangeiro pode ser uma condição: “De onde vêm essas palavras que me saem pela boca e o que significam, não, não dizendo nada, pois as palavras não chegam mais [...]”, pergunta Beckett em “O inominável”¹⁵⁰. Adotar uma língua estrangeira é fazer de um sujeito que não se estranha, um estrangeiro em sua língua materna, significa [poder] estar na posição de quem reconhece que fala uma língua – seja ela qual for – que não conhece. Isso significa [poder] uma posição analítica, de descentramento, como disse com tanta sensibilidade o voluntário da fala de encerramento.

Toda língua nos põe em contato com o incomunicável, que no entanto, conserva a dimensão da potência, da possibilidade que aguarda um sujeito¹⁵¹. O impossível de uma língua estrangeira, o incomunicável da língua que for, a inacessibilidade da Ilha Nunca-Achada de Yambo não são uma renúncia, mas um movimento, que não nos leva ao que queremos, mas que se traduz em uma oferta: a da própria travessia. “Ao final da travessia, a pátria para que se retorna é o próprio mar”¹⁵².

Gostaria de encerrar com essa imagem. Mas gostaria também de falar sobre a travessia desta escrita. Volto a citar o texto “O inconsciente entre o escrito e o escritor”¹⁵³, de Edson

¹⁴⁹ Tradução: “Em minha experiência, estar em uma outra língua veio acentuar o descentramento próprio à experiência analítica”.

¹⁵⁰ BECKETT, Samuel. **O inominável**. Rio de Janeiro: Globo, 2009, p. 129.

¹⁵¹ MARIN, Louis. **Utopiques**.

¹⁵² FAGUNDES, Adriano. **Imagens a partir da vida danificada**, p. 100.

¹⁵³ SOUSA, Edson Luiz André de. O inconsciente entre o escrito e o escritor. **Revista da APPOA - Psicanálise e Literatura**, n. 15, nov. 1998.

Sousa, no qual Waly Salomão nos diz: “[...] escrever é se vingar da perda...”¹⁵⁴. A perda é um ganho, [d]o qual [se] faz questão. Mas nem por isso deixamos de querer nos vingar disso que ganhamos...

Ao fim da redação deste texto, uma das poucas certezas a que chego é a de que a escrita é um ato criativo. Um texto é uma experiência de entrega e de defesa, são elaborações que nos lançam adiante, em um espaço novo e que merece um contorno, pois ainda não há precisão alguma.

Aprender o que se busca talvez não seja possível, e ainda que eu tenha afirmado isso ao longo de mais de oitenta páginas, a ilusão de que eu poderia fazê-lo esteve quase sempre ao meu lado. Ao fim, o que poderíamos apreender, apenas evanesce. Concretizar uma imagem é concretizar uma despedida¹⁵⁵; Quignard, ao chegar ao nome que tanto buscava, pôde apenas esquecê-lo em seguida¹⁵⁶; após a revelação de Yambo, a neblina.¹⁵⁷

Chego à conclusão, volto assim ao início, e penso no que dizia ao ensaiar os primeiros passos: este texto é erguido a partir das tentativas de escrevê-lo, que podem dar em escombros, mas sobre os quais se constrói. Agora, vejo na possibilidade dos escombros iniciais, ou seja, em quando ainda é possível cogitar uma derrubada, um alento. Saber que se está no ensaio, moldando uma construção cuja forma se pode assumir ainda como indefinida. Ao menos por enquanto, é preciso adiar a hipótese de uma demolição. De alento, a possibilidade de que o texto vire escombros passa a ameaça. Agora a escrita deve estar calçada e se manter firme. Sustentar o que é provisório não é simples. Sustentar o instante de uma defesa, ou ainda, a construção que leva à fugacidade de um instante, também não.

A experiência do texto é uma experiência visceral, e o envolvimento que ele nos exige é às vezes excessivo. Talvez esteja aí um tempo de intervalo, o espaço de que precisamos para que de víscera, o próprio texto passe a uma forma de alteridade, ocupando apenas o espaço que lhe cabe em uma estante qualquer. Com este trabalho pude imprimir, ou melhor, emprestar forma ao que não passava de uma impressão, mas a forma é fugaz... E assim que se chega a uma circunscrição, também se alcança a impossibilidade de se permanecer nesse espaço ordenado, em que tudo está em seu lugar. A ordem não é onde se deve ficar, ela

¹⁵⁴ SALOMÃO, Waly. Jet-lagged. In: _____. **Algaravias**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

¹⁵⁵ Referência ao trabalho de Bárbara Zwetch, “Limiares urbanos: a necessária precariedade à existência”, dissertação de mestrado em Psicologia Social, defendida em 26 de março de 2012, sob a orientação do professor Edson Luiz André de Sousa.

¹⁵⁶ QUIGNARD, Pascal. **Le mot sur le bout de la langue**. Paris: Gallimard, 1993.

¹⁵⁷ ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**.

apenas orienta o olhar para esta outra coisa, o que está mais à frente. Encerro feliz este texto, pois sua conclusão é apenas o passo que leva ao passo seguinte.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

AUSTER, Paul. **A trilogia de Nova York**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BECKETT, Samuel. **O inominável**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.

BREDIER, Sophie. À propos de Corps étranger: note d'intention. In: LA LUCARNE: programmation spéciale. Publicado em: out. 2004. Disponível em: <<http://download.pro.arte.tv/archives/fichiers/01943770.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2011.

_____. **Elie est un modèle de pulsion de vie**: interview. Disponível em: <<http://www.universcine.com/bonus/sophie-bredier-elie-un-modele-de-pulsion-de-vie>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995,.

CONY, Carlos Heitor. **Quase memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. **A ficção do si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 1998a.

_____. A ficção do si mesmo. **Psicanálise e Literatura, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 7, n. 15, nov. 1998b

ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FAGUNDES, Adriano. **Imagens a partir da vida danificada**: cinema em ensaios constelares. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2012.

FÉDIDA, Pierre. **O sítio do estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1996.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1998.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

_____. O inquietante (1919). In: _____. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v. 17.

_____. **História de uma neurose infantil**: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora**: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise. Campinas: Pontes, 2000.

FUKS, Betty. O estrangeiro e o comum. **Humanidades** (Brasília), v. 57, p. 74-80, ago. 2010.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória, história, testemunho. In: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. A competência do estrangeiro. **Humanidades** (Brasília), v. 57, p.36-47, ago. 2010.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

KUREISHI, Hanif. **No colo do pai**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Seminário, livro 18**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAZNIK-PENOT, M.-C. **Rumo à palavra**: três crianças em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.

MARIN, Louis. **Utopiques** : jeux d’espaces. Paris: Minuit, 1973.

MATTUELLA, Luciano. **Psicanálise e cultura**. Publicado em: 18 jan. 2012. Disponível em: <<http://escritosmattuella.wordpress.com/2012/01/18/os-estupradores-do-imaginario/>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e de país. São Paulo, SP: Escuta, 1992.

NASIO, J.D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. **Journal de psychologie Normale et Pathologique**, v. 34, p. 25-48, 1937.

PIRON, Claude. **O desafio das línguas**: da má gestão ao bom senso. Campinas: Pontes; Brasília, DF: BEL, 2002.

POE, Edard Alan. **O relato de Arthur Gordon Pym**. Porto Alegre: LP&M, 2002.

QUIGNARD, Pascal. **Le mor sur le bout de la langue**. Paris: Gallimard, 1993.

RICQUES, Simone. Notas sobre a transmissão da diferença. p. 119, **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 28, p. 113-120, 2005.

ROBERT, Paul. **Le Petit Robert** : dictionnaire de la langue française. Paris : Le Robert, 2011.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SOUSA, Edson Luiz André de. O inconsciente entre o escrito e o escritor. **Revista da APPOA - Psicanálise e Literatura**, n. 15, nov. 1998.

WEIMANN, Amadeu de Oliveira. Um olhar para o século XX. **Correio da APPOA**, v. 207, p. 25-30, 2011.

OBRAS CONSULTADAS

- AULAGNIER, P. **Un interprète en quête de sens**. Paris: Ramsay, 1986.
- BARBISAN, L., FLORES, V., SCHÄFFER, M. **As aventuras do sentido: psicanálise e linguística**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- COSTA, Ana; MELMAN, Charles, CHEMAMA, Roland. **Imigrações e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- DOUVILLE, Olivier. Uma melancolização do laço social ? **Ágora** v. 7, n. 2, jul/dez 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/agora/v7n2/v7n2a01.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2012.
- FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. In: _____. **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v2.
- GILES, Cristian. De exterior ao interior. **Correio APPOA**, Porto Alegre, n. 97, dez. 2001.
- KRISTEVA, Julia. **Etrangers à nous-même**. Paris: Gallimard, 1991.
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Seminário, livro 5** : as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Seminário, livro 3** : as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- NASIO, J.D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOUZA, A. M. de. Sobre a clínica do real. **Che vuoi?, Psicanálise e Cultura**, Cooperativa Cultural Jacques Lacan, v. 1, n. 2, p. 36, 1986.
- XAVIER, Maria Angélica Zamora. **A inscrição do sujeito em segunda língua: um estudo enunciativo de narrativas de imigrantes**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- WOLFSON, L. **Le schizo et les langues**. Paris: Gallimard, 1970.

